

# PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

## RESULTADOS ORNITOLÓGICOS DE DUAS VIAGENS CIENTÍFICAS AO ESTADO DE ALAGOAS

POR

OLIVÉRIO PINTO

### ÍNDICE

I — Introdução . . . . .	1
II — Expedição de 1951 . . . . .	3
III — Expedição de 1952 . . . . .	7
IV — Considerações sôbre a avifauna silvestre . . . . .	8
V — A avifauna de Alagoas do ponto de vista da zoogeografia . . . . .	10
VI — Paralelismo da variação geográfica nas espécies este-brasileiras . . . . .	12
VII — Quadro sinóptico do material coligido em cada zona ecológica . . . . .	13
VIII — Lista comentada das espécies e subespécies . . . . .	18

### I — INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da fauna nordestina não fez senão crescer depois dos resultados surpreendentes de nossa primeira excursão ao Estado de Pernambuco, há cerca de três lustros <sup>(1)</sup>. À vista, porém, dos minguados frutos de uma segunda visita ao leste daquele Estado no segundo semestre de 1950, voltamos as nossas vistas para o de Alagoas, que lhe fica logo ao sul e, conforme nos foi informado nessa ocasião, é, em todo o Nordeste, o que em nossos dias talvez abrigue maiores reservas de flora e fauna <sup>(2)</sup>. Conseqüentemente, no seguinte ano de 1951, e durante a mesma estação, para ali nos dirigimos em viagem de estudos, tendo como fito principal colecionar espécimes representativos da avifauna silvestre, dada a

(1) Cf. O. Pinto, "Aves de Pernambuco", in *Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo*, vol. I, art. 5, pp. 219-282 (1940).

(2) Cf. Philip von Luetzelburg, *Estudo Botânico do Nordeste*, vol. II, p. 14. Não temos dados atuais sôbre o problema; mas acreditamos estejam invertidas as proporções encontradas no começo do século por êste autor, que dava, em números redondos, para Pernambuco 14% de matas e 70% de caatingas, e para Alagoas 10% de matas e 76% de caatingas.

transcendente importância que lhe confere a ameaça de desaparecimento em futuro próximo, como consequência do progresso acelerado das derrubadas. Ao que acresce a circunstância capital de incluir ela em seu seio, de par com muitas formas não ainda conhecidas, os exemplos mais ilustrativos dos laços zoogeográficos existentes entre a faixa atlântica meridional e o extremo septentrião brasileiro, a Amazônia em particular. Esteve também em nossos objetivos percorrer os sertões, escolhendo os pontos mais indicados para a obtenção de amostras susceptíveis de servirem de base a uma primeira tentativa de levantamento avifaunístico de toda a região. Entretanto, na impossibilidade de alongar como fôra mister a duração da viagem, limitamo-nos a visitar apenas dois pontos do interior, deixando para outra oportunidade a zona árida das caatingas de que se compõe a porção ocidental extrema do Estado, a qual, nesse particular, não difere da de Pernambuco, a despeito da extensão muito maior dêste último, no sentido leste-oeste.

Em 1952, como não nos permitissem as ocupações prosseguir pessoalmente os interrompidos estudos de campo, confiamos a tarefa a dois de nossos colaboradores no Departamento de Zoologia, obtendo por êste meio considerável reforço em material representativo da avifauna silvestre, pois coincidindo o empreendimento com um longo e desastroso período de seca, concluiu-se pela impropriedade da ocasião para explorar o interior, mais duramente atingido pelo flagelo. Compensando êsse revés, obtiveram-se algumas várias formas não conseguidas na excursão anterior, concorrendo para que tenhamos agora um quadro relativamente satisfatório da avifauna da região.

O balanço dos resultados ornitológicos conseguidos nas duas expedições, acusa um total de 604 exemplares, representativo de 193 formas diferentes, inclusive sete sub-espécies, que adiante se descrevem como aparentemente novas para a ciência, a saber:

*Xenops minutus alagoanus*  
*Sclerurus caudacutus caligineus*  
*Thamnophilus aethiops distans*  
*Conopophaga melanops nigrifrons*  
*Schiffornis turdinus intermedius*  
*Platyrrinchus mystaceus niveigularis*  
*Cyanocorax chrysops interpositus*

A estas novidades poder-se-á acrescentar um taperá, (*Chaetura spinicauda* subsp.) já conhecido da zona de Ilhéus (Baía), mas impossível de determinar com segurança por falta de material de comparação.

Um dos componentes mais notáveis da avifauna nordestina (*Mitu mitu*), cuja identidade de todo se perdera, tem o seu *statu*



firmado em base sólida graças a um exemplar obtido pela expedição de 1951.

Bom número de formas estritamente nordestinas e até então conhecidas só de Pernambuco (*Tinamus solitarius pernambucensis*, *Dendrocincla turdina taunayi*, *Synallaxis ruficapilla infusca*, *Automolus leucophthalmus lammi*, *Pyriglena leucoptera pernambucensis*, *Myrmeciza ruficauda soror*, *Idioptilon zosterops naumburgae*, etc.) viram sua distribuição alargada em direção ao sul, através de exemplares alagoanos. Outras, conhecidas até aqui de regiões distantes, como a baixa Amazônica (*Momotus momota parensis*), o Ceará (*Procnias averano averano*), ou o sul da Baía (*Touit surda*), tiveram a sua presença na zona intermédia verificada aparentemente pela primeira vez.

Em ambas viagens o bom êxito da empresa foi grandemente facilitado pelo desinteressado concurso de pessoas em situação de nela colaborar, desta ou daquela maneira. De algumas, entre as que mais se tornaram credoras do reconhecimento dos excursionistas pelas atenções ou serviços recebidos, houve a oportunidade de mencionar os nomes no curso deste relatório. Mas, pela importância da assistência prestada no capítulo dos transportes, referência especial seja-nos permitido fazer ao Dr. José Clovis de Andrade, digno Diretor da Divisão do Fomento Agrícola de Alagoas, a quem temos o prazer de expressar os nossos agradecimentos.

## II — EXPEDIÇÃO DE 1951

Prolongou-se a expedição de 1951 de meados de setembro a começos de outubro e dela tomaram parte, afora o pessoal de serviço contratado no local, o Autor e o taxidermista-colecionador da Divisão de Aves do Departamento de Zoologia, sr. Emilio Dente. O itinerário seguido e os pontos durante ela visitados constam da relação abaixo, distribuindo-se a matéria pelas estações de coleta:

**SÃO MIGUEL** — Acusam esta procedência os exemplares obtidos nas matas que ladeiam o rio do mesmo nome, um dos que, poucas léguas ao sul de Maceió, despejam águas no Atlântico.

Em auto-caminhão cedido pela supranomeada repartição deixamos Maceió na manhã de 25 de setembro, começando por galgar em rampa forte a extensa e descampada planura que precede o Rio Mundaú, cujas águas barrentas atravessamos, antes de alcançar a estação de Satuba, sede do estabelecimento de ensino prático de Agricultura, a que adiante nos referiremos. Passamos, a seguir, por Manguaba (antiga Pilar), na ponta septentrional da lagoa do mesmo nome e, pouco depois, o Rio Paraíba do Meio, que também transpuzemos, para entrar na zona de grandes matas que antecedem o Rio São Miguel e constituíam o nosso primeiro objetivo. Vencendo

ainda bom trecho de estrada, alcançamos o povoado de Sebastião Ferreira, sede da Fazenda São Miguel, em cujas terras, cerca de duas e meia léguas adiante, foi instalado o acampamento de trabalho. A espessa mata que tínhamos aí à nossa volta confinava de um lado com o Rio São Miguel, e do outro com o Rio Niquim, ambos tributários da chamada Lagoa do Norte. Não longe dali, separada por longa e forte ladeira, via-se a grande lagoa representada nas cartas geográficas com o nome de Barra de Sant'Ana, e que outra coisa não é senão a porção mais baixa e espraçada do próprio Rio São Miguel. Na margem oposta, e ao alcance fácil dos olhos, fica o lugarejo chamado Roteio, que, figurando nos mapas, pode ser utilizado como ponto de referência.

Colecionamos nas matas de São Miguel entre 26 de setembro e 5 de outubro, lutando nos primeiros dias com o mau tempo, já que ainda nos achavamos na estação chuvosa, que nesse ano fora bastante acentuada.

Cercando-nos por todos os lados o verde da floresta, impressionou-nos desde logo essa pujança do mundo vegetal, despertando-nos o desejo de destacar o que nos parecesse mais característico, sem um guia embora, que nos orientasse nessa difícil indagação. À falta de melhor, havemos que recorrer ao que nos pudessem por acaso ensinar os madeireiros, única gente capaz de fornecer neste terreno informações úteis, e de encontro quase certo cada vez que alongávamos as caminhadas pelas picadas e arrastões, em busca de material zoológico. O solo relativamente sêco e a pouca umidade atmosférica são talvez, nessas matas, a causa da quantidade muito pequena de subosque, em contraste com a densidade da folhagem das grandes árvores adunadas em teto contínuo acima das nossas cabeças; e também da pobreza em epífitas e plantas escandentes, à diferença do que nos recordamos de haver observado no sul da Baía, onde os troncos se escondem nos entrançados de cipoal, ou desaparecem sob a cortina das raízes adventícias. Entre os colossos vegetais que mais nos impressionaram pela elevação ou elegância de porte, merece destaque o "visgueiro" (*Parkia pendula* Benth.), cuja imensa copa, em forma de para-sol, atinge alturas de vinte e cinco ou trinta metros, assinalando-se a grande distância pelos frutos relativamente volumosos, e pendentes de pecíolos longos de meio metro ou mais. O nome lhe vem da abundante secreção açucarada que destes exsuda, quando maduros, oferecendo alimento apetecido por quase todos os habitantes da mata. Conforme nos foi dado verificar, os maiores fregueses desse petisco são os morcegos frugívoros. Mal cai o crepúsculo acorrem em chusma tais mamíferos voadores, acotovelando-se uns aos outros na maior ansie-

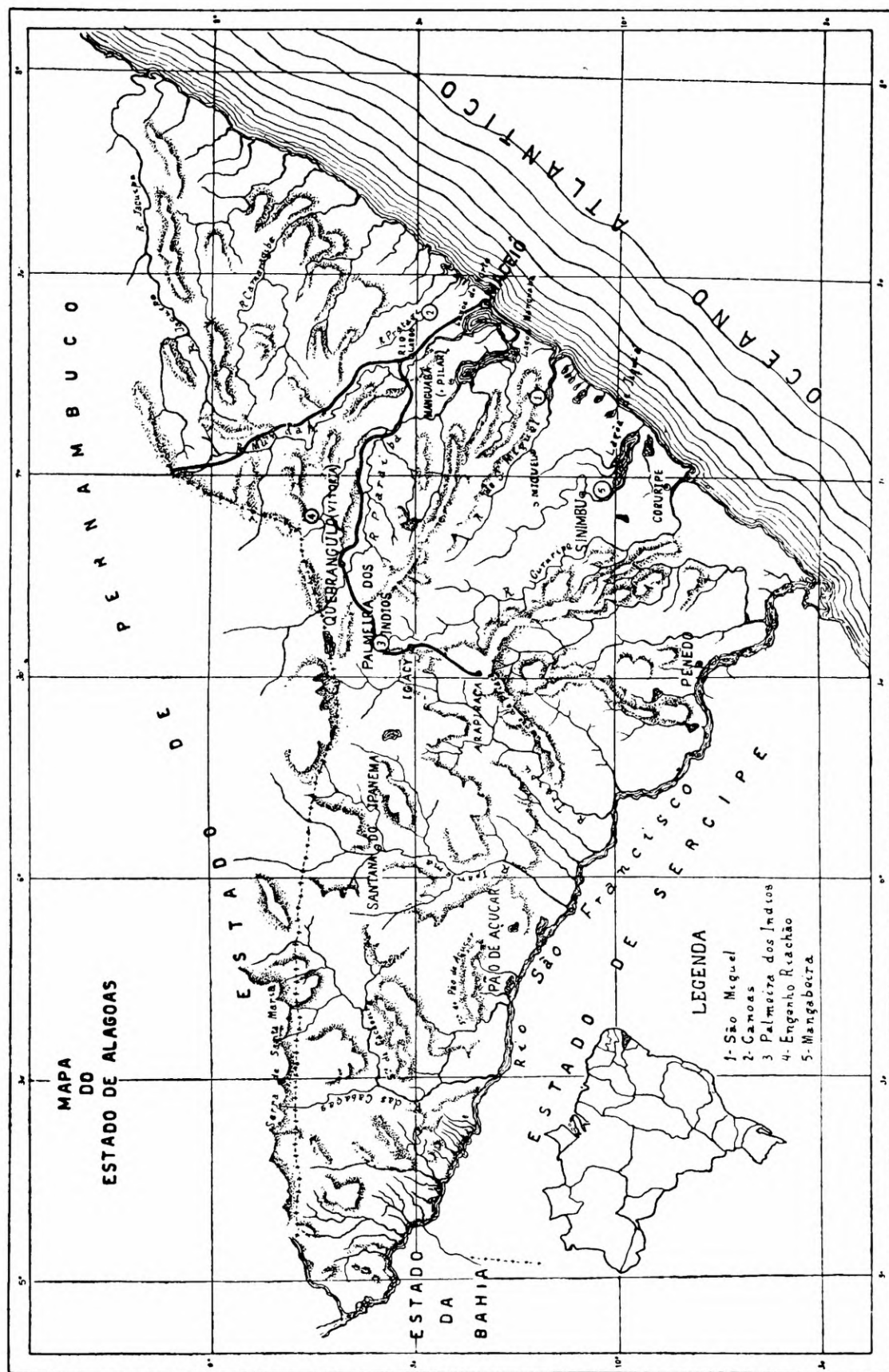


Fig. 1 — Carta do Estado de Alagoas. Indica a legenda as cinco estações de coleta abrangidas pelas duas expedições do Departamento de Zoologia.



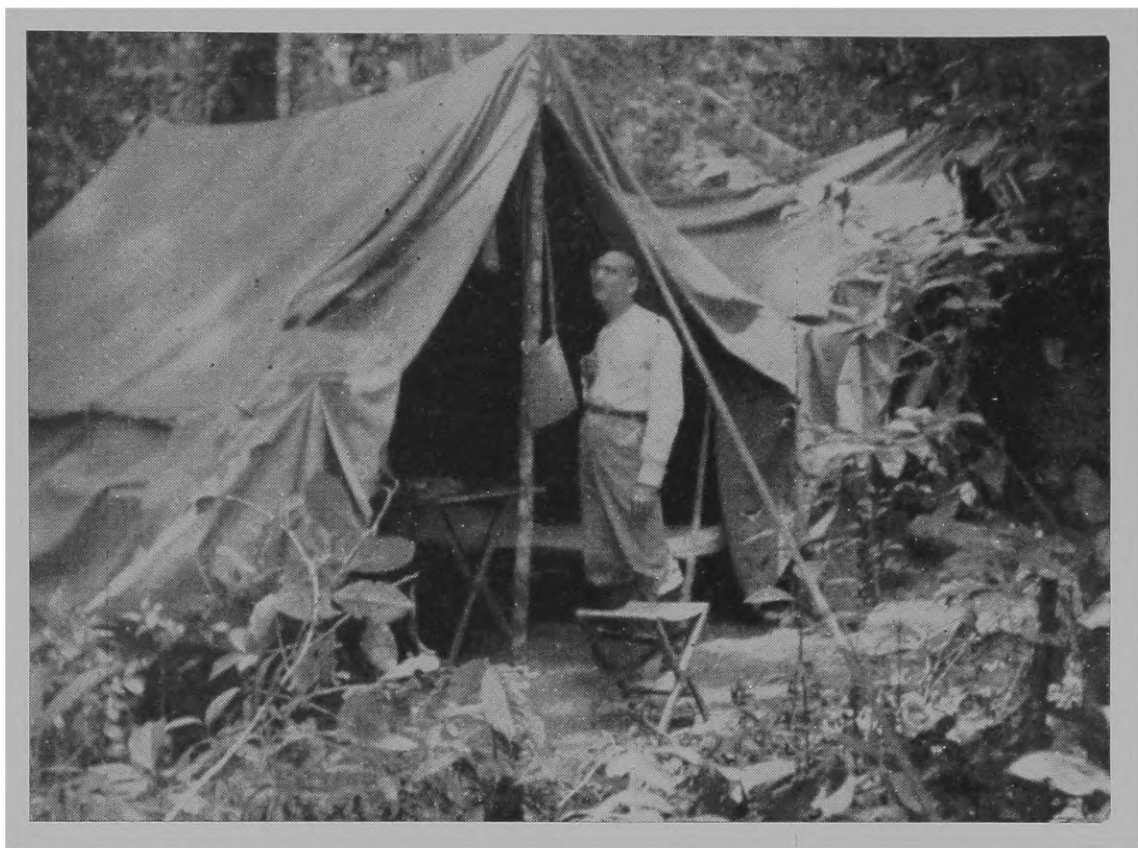


Fig. 2 — Instalado o acampamento de São Miguel, observa o Autor a passarada em derredor.



Fig. 3 — Estrada mestra ladeando as matas de São Miguel.



dade, em tórno dos frutos mais sasonados, e a estes se segurando por segundos apenas, para logo recomençar a inquieta revoada. Informação, que logo nos deram os camaradas a nosso serviço no acampamento, foi a de ser o visgueiro também frequentado assiduamente pelos juparás <sup>(1)</sup> [*Potos flavus* (Schreber)]. Com efeito, não tardou que disso tivéssemos prova certa noite, ao ser abatido por Dente, da porta mesma de nossa barraca, um belo exemplar da espécie. Estudado por C. Vieira <sup>(2)</sup>, juntamente com outro colecionado depois, permitiu a este mastozoólogo rehabilitar, como subespécie particular, o carnívoro observado há mais de um século no sul da Baía pelo príncipe de Wied, e por êle descrito com o nome expressivo de *Nasua nocturna*. Outro madeiro notavel pelo porte que alcança é a “mamajuda”, espécie botânica que não nos foi possível identificar. Para o zoólogo merece êle destaque por serem também os seus frutos muito procurados, no chão, por quase toda a casta de mamíferos, como pacas, cotias, porcos do mato, coendus, etc. Ainda pelo mesmo motivo, vale a pena mencionar outra arvore (*Phyllanthus* sp.), localmente conhecida pelo nome de “castelo”, e congênérica da que em certos lugares é comum chamar-se “moranguinha”, “perola vegetal”, etc. Graças a ela é que tivemos a grata surpresa de obter um exemplar autêntico do *Mitu brasiliensibus* de Marcgrave, e de demonstrar, através dêle, o velho erro em que se achava envolvida a sistemática do primeiro mutum descrito em terras brasileiras. Sôbre esta observação, porventura a mais importante das que nos proporcionou a viagem a Alagoas, já nos ocupamos especial e circunstanciadamente em trabalho anterior <sup>(3)</sup>. Fariam lista longa as essências cujo nome me foi dado conhecer na mata alagoana, preciosas umas pelas suas aplicações na marcenaria ou em construções civis, notáveis outras pela produção de frutos alimentícios para os animais, de latex para a indústria, estopa para cordame, etc. Entretanto, para uma só vimos convergir as atenções dos madeireiros, a “sucupira” (*Bowdichia* sp., fam. Leguminosae, Papilion.), arvore grande, de tronco direito e ótimo lenho pardo-escuro, hoje grandemente procurada para toda sorte de construções. O panorama faunístico deu-nos pouca margem para observações mercedoras de referência particular, devendo o assunto ser novamente abordado mais adiante, a propósito da excursão de 1952.

(1) Forma contracta de “jurupará”, nome pelo qual seria mais correntemente conhecido em outros Estados, como Pernambuco. Também conhecido, segundo Rodolfo Garcia (*Dicionário de Brasileirismos*) por “macaco da meia noite”, denominação usada alhures para os macaquinhos noturnos do gênero *Aotus* Humb. (= *Nyctipithecus* Spix), inexistentes no Nordeste.

(2) C. da C. Vieira, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, vol. XI, p. 33 (1952).

(3) O. Pinto, “Redescobrimto de *Mitu mitu* Linné, no nordeste do Brasil”, in *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, X, n.º 19, p. 325 e seg. (1952).

FAZENDA CANOAS — No dia 8 de outubro, continuando frequentes os aguaceiros, quase sempre acompanhados de forte ventania, deixamos o acampamento de São Miguel, de retorno a Maceió. Interrompemos todavia a viagem em Satuba, onde funciona, como ficou dito, um Aprendizado Agrícola, que desejávamos conhecer. À amabilidade do seu diretor, o agrônomo José Tupinambá do Monte, devemos ter sido apresentado ao Dr. Barnabé Oiticica, proprietário da fazenda Canoas, que veio a ser a nossa segunda estação de coleta. Fica esta fazenda no curso do Rio Pratagi, pequena corrente que deságua 12 quilômetros ao norte de Maceió e passa não muito longe da próspera cidade de Rio Largo. A vegetação ali já difere muito da de São Miguel, sendo a floresta substituída por trechos mais ou menos extensos de mato baixo, de formação secundária, a que pensamos caber bem, pelo seu aspecto, o qualificativo de caapoeirões. Passamos apenas uns oito dias úteis (10 a 18 de setembro) nesse lugar, aliás não sem proveito para as coleções ornitológicas, que se viram acrescidas de algumas formas não encontradas nas matas do Rio São Miguel.

PALMEIRA DOS INDIOS — Transcorridos alguns dias, partindo de Maceió às 15,30 horas, em ônibus de carreira, chegamos a esta cidade central ao cabo de quatro horas de viagem, através de estradas de todo tipo, ladeando às vezes áreas cultivadas, mas quase sempre na vizinhança de cadeias de morros, boscosos a princípio, e mais tarde cobertos de rala vegetação.

A natureza aqui oferece aspecto completamente diverso da encontrada na parte oriental do Estado, onde foram feitas as duas primeiras estações de coleta. As matas higrófilas da zona litorânea foram deixadas longe, substituindo-as vegetação baixa, com feição característica de caatinga arbustiva <sup>(1)</sup> e abundância de cactáceas, inclusive o xique-xique (*Pilocarpus setosus* Guerke). O cultivo da

---

(1) Dificilmente haverá formação vegetal tão difícil de conceituar como essa que, utilizando expressão sertaneja tomada ao indígena, recebeu o nome de *caatinga*. Philip v. Luetzelburg (*Estudo Botânico do Nordeste*, vol. III, p. 62) define-a como sendo “um mato xerófilo, denso, composto de arbustos, de folhas caducas, pequenas, pinatas ou multipinatas, rico de espinhos e cactáceas, constituído de elementos munidos de todos os meios protetores contra a demasiada transpiração”, capaz de contentar-se “com todo e qualquer solo”. Todavia tal definição, bem adequada a certos tipos de caatingas, chamadas “legítimas” pelo matuto, não se coaduna com a idéia que habitualmente delas se tem, e aliás não difere da que o famoso livro de Euclides da Cunha contribuiu para vulgarizar. As caatingas de que se ocupara êste autor, correspondem ao que os habitantes do Nordeste chamam “sertão” e, ainda segundo Luetzelburg, se distinguem das primeiras pela sua muito maior aridez e esterilidade. Enquanto que o mandacaru de boi, (*Cereus jamacaru*), útil como forragem, é considerado elemento característico da caatinga legítima, no sertão esse papel é representado essencialmente pelo facheiro (*Cereus squamosus*), que “não tem utilidade alguma”.

“palma” (*Opuntia* sp.), a que faltam os espinhos normais às espécies do gênero, é ali a salvação dos criadores de gado durante as prolongadas estiagens. Conseqüentemente, a fauna, que não exageraríamos qualificando-a de paupérrima, carece de interesse especial, copiando a do interior sêco dos demais Estados nordestinos. Não fossem as lagoas e pequenos açudes existentes nas proximidades, e a população relativamente variada de aves aquáticas e ribeirinhas que os frequentam, inclusive marrecas, cifrar-se-ia praticamente a coleta ornitológica nos passarinhos mais comuns, os quais eram encontrados de preferência nas arvores e arbustos das cercas nativas. Não houve pois razões para alongar a permanência no lugar, tanto mais contrário aos nossos objetivos quanto bastante fatigantes eram as jornadas necessárias para alcançar pontos suficientemente afastados da área povoada.

ENGENHO RIACHÃO — Relações feitas em Palmeira dos Índios possibilitaram estágio, breve mas bastante proveitoso nessa fazenda, que se localiza algumas léguas ao norte da pequena cidade de Quebrangulo. Os oito dias (6 a 13 de novembro) que ali passamos graças à cordial hospitalidade do sr. Frederico Maia, seu proprietário, deram-nos melhor ensejo de conhecer a configuração geográfica daquele trecho do interior alagoano, reconhecendo-lhe como traço saliente a série de montanhas estendidas em cadeia de regular altura, e cobertas às mais das vezes de compacta vegetação subxerófila. Entre os achados ornitológicos feitos aí, contam-se vários exemplares de *Thalurania watertonii*, raro beija-flor cuja verdadeira pátria andou envolvida em erro ou incerteza até bem pouco tempo, e agora temos por definitivamente fixada.

### III — EXPOSIÇÃO DE 1952

Essa segunda visita a Alagoas realizaram-na os srs. Carlos A. de Camargo Andrade, da Divisão entomológica do Departamento de Zoologia, e o naturalista-colecionador Emilio Dente. Teve como objetivo não só ampliar os resultados da efetuada no ano anterior, mas, principalmente, conseguir algumas desiderata procuradas com particular empenho, entre as quais a evanescente raça nordestina de *Tinamus solitarius*, agora felizmente representada na coleção ornitológica da nossa instituição. Realizou-se ela na mesma quadra do ano que a anterior, prolongando-se por um período útil de trinta dias, despendidos todos num único ponto, localmente conhecido por Mangabeira, e situado nas terras da Usina Sinimbu, elas próprias compreendidas em grande parte na mesma região florestada já conhecida de São Miguel.



MANGABEIRA <sup>(1)</sup> — Fica êste povoado junto a foz do Rio Jiquiá e a pequena distância da lagoa homônima formada à sua custa, a maior da parte meridional do Estado de Alagoas. Conforme reza o relatório apresentado pelo sr. Camargo Andrade, os excursionistas estiveram acampados em suas proximidades, donde ter sido escolhido o nome da localidade como procedência do material. Ficava o local no centro mesmo da vargem do Rio Jiquiá, onde tem a Usina suas plantações de cana, e não longe da borda da mata que se estende encosta acima, até o espigão, ou chã, como lá preferem chama-lo. O terreno é ali bastante “irregular, formando inúmeras barrocas, grotas e grotões”. Como em São Miguel, as picadas utilizadas como arrastões na extração da madeira estendem-se por distância às vezes de mais de três léguas, de preferência ao longo dos espigões. Mas, devido a longo período de sêca, as coletas se viram bastante prejudicadas, inclusive a de mamíferos e aves, visto como, por causa do ruído produzido ao pisar-se o solo coberto de folhas secas, muito difícil era surpreendê-los. Um interessante pormenor, o haverem os colecionadores aprendido a “cevar os animais com água que colocavamos em panelas de barro”, pinta bem até que grau chegaram naquele ano os efeitos da inclemência do clima. O espaço de tempo gasto nesta estação de coleta foi, como vimos, precisamente de um mês, iniciando-se os trabalhos em 20 de outubro e encerrando-se a 19 de novembro.

#### IV — CONSIDERAÇÕES SÔBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA FAUNA SILVESTRE

Durante nossa estada em São Miguel, porque tivéssemos os olhos mais voltados para a ornitologia, não nos foi possível prestar grande atenção aos mamíferos, poucas observações tendo sido registradas a seu respeito, em nosso diário. Mas as nossas impressões da situação atual da fauna silvestre do leste alagoano estão em plena concordância com as colhidas pelo sr. Camargo Andrade em Mangabeira (Usina Sinimbu) e por êle consignadas em seu já mencionado relatório. São assim muito pertinentes os comentários do último sôbre o papel preponderante do homem na devastação do patrimônio faunístico da região. “A fome de proteínas, escreveu êle, é saciada pela caça, já que não há criação de animais. O porco é criado amarrado na corda, gado não há, o que acarreta a perseguição tremenda a tudo que possa ser comido”. Essa perseguição é movida de mil maneiras, e especialmente pelo uso generalizado dos mundéus, essa herança deixada pelo índio ao nosso matu-

---

(1) Segundo o sr. Camargo Andrade, é Mangabeira, e não Mangabeiras, como aparece na generalidade dos rótulos, o nome verdadeiro do povoado em cujas proximidades acamparam desta feita os excursionistas.



to, e ainda tão usada até hoje que “um só morador se orgulhava de possuir 30, bem rendosos”. Nota o mesmo relator até que ponto “êste costume de suprir-se de carne na mata se acha enraizado no espírito” dos sertanejos, referindo-se ao quanto “é comum um camarada faltar ao serviço para caçar, esperar em fruteira onde o bicho está comendo, ou lançar a rede na lagoa”. Compreende-se assim o segredo feito pelos caboclos sobre a região em que se desenvolvem as suas atividades venatórias, observando eles a praxe de, “quando descobrem um barreiro, ou fruteira nova, esconder a informação, com medo de concorrência”. Como muito bem sabemos de própria experiência <sup>(1)</sup>, informações propositadamente erradas e dubias tornavam a maior parte das vezes inútil procurar o naturalista socorrer-se dos conhecimentos dos nativos sobre o paradeiro e os hábitos de espécies que desejaria conseguir. Não obstante, ficou a certeza de existirem ainda na zona regular quantidade de mamíferos e aves, inclusive os de interesse cinegético, como veados, catêtos, coatis, tatus, mutuns, macucos, inambus, jacus, pombas, etc.

No que toca aos Mamíferos, durante toda a viagem por Alagoas a nós impressionara antes de tudo a absoluta ausência de macacos outros que não os do gênero *Callithrix*, êle próprio representado, ao que parece, por uma única espécie, *C. jacchus*. Êste fato, tanto mais singular quanto mais propício se apresentava o meio à vida das espécies arborícolas, pensamos ter sua explicação em fatores estranhos à ação destruidora do homem, qual seja a febre amarela silvestre, <sup>(2)</sup> moléstia endêmica em muitos pontos do Brasil, e sabidamente responsável por verdadeiras mortandades nos macacos dos gêneros *Alouatta* (guaribas, bugios, etc.) e *Cebus* (micos, macacos prego, etc.) <sup>(3)</sup>

A própria passarada miúda é antes pouco numerosa nas matas de Alagoas, faltando-lhes muitos elementos dos mais característicos da avifauna silvestre do leste da Baía. Decadente é a família dos psittácidas, nenhum representante tendo se encontrado dos gêneros alhures incluídos entre os mais comuns, como *Pyr-*

(1) Cf. Pinto, “Aves da Baía”, in *Rev. do Museu Paulista*, XIX, p. 10 (1935).

(2) Do ponto de vista causal não se faz distinção entre a febre amarela silvestre e a doença humana conhecida pelo mesmo nome; diferem porém os agentes transmissores, já que nas matas, onde não vive *Aedes aegypti*, o referido papel é exercido por várias espécies do gênero *Haemagogus*. Sobre êste assunto, entre outros de abundante literatura, cf. R. M. Gilmore, “Mammalogy in an epidemiological study of jungle yellow fever in Brazil”, in *Journ. of Mammalogy*, vol. XXIV, pp. 144-162 (1943).

(3) Alguns saúns dos gêneros *Callithrix* e *Leontocebus* mostram-se também sensíveis, pelo menos experimentalmente, ao vírus da febre amarela; neles, contudo, a epizotia não apresenta o mesmo grau de mortalidade verificada nos *Cebidae* (cf. H. W. Laemmert e Leoberto de Castro Ferreira, in *The Amer. Journ. of Tropical Medicine*, XXV, 1945, p. 231).

*rhura*. Da existência de bucônidas, cuja posição é tão conspícua na ornis florestal dos Estados médio-orientais, não se teve nenhuma notícia, pois o único membro da família a figurar em todo o material trazido é característico da avifauna campestre. Tampouco foram vistos quaisquer membros dos gêneros *Ampelion* e *Tityra*, cotíngidas de larga distribuição nas matas da faixa litorânea do sul do Brasil. Em compensação, o tropeiro, *Lipaugus vociferans* Wied, era dos pássaros mais abundantes na floresta de São Miguel. Merece também registro a pobreza extrema de certas famílias outras que nas matas do sul entram habitualmente com largo contingente; os gaviões são muito raros (uma só espécie consta do material conseguido), e bem assim os rapineiros noturnos, de que não houve oportunidade de obter sequer um exemplar; os picapáus, pouquíssimos, e reduzidos a número extraordinariamente limitado de espécies, entre as mais corriqueiras; escassamente representados os beija-flores; relativamente restrita, igualmente, em que pese a exuberância da flora, a fauna de formicariidas, dendrocoláptidas e, em geral, de toda a passarada afeita à sombra protetora do subosque e aos recursos alimentares peculiares a este ambiente biológico. Um gênero de que a avifauna brasílica ostenta tamanha riqueza de formas, como é *Tangara*, contribuiu apenas com uma espécie colecionada, *Tangara cayana*, e outra cuja existência pode ser apenas visualmente confirmada, *Tangara fastuosa*. Investigação mais demorada, ou estação mais propícia, modificaria, é certo, os pormenores desse quadro; mas, poupando-lhe as linhas gerais, deixá-lo-ia provavelmente intacto nos seus contornos.

#### V — SÔBRE A AVIFAUNA DE ALAGOAS, DO PONTO DE VISTA DA ZOOGEOGRAFIA

Situado na intersecção de duas regiões zoogeográficas claramente diversificadas, não admira que ao Estado de Alagoas caiba apresentar número avultado de formas intermediárias, e altamente interessantes do ponto de vista do estudo das relações existentes entre a avifauna do Brasil este-meridional e a do norte extremo do país. Claro é que tais formas são, não raro, apenas a amostra, por assim dizer residual, de uma cadeia cujos elos na maioria das vezes se perderam num passado mais ou menos remoto da evolução seguida pelos diferentes grupos, como resultado de fatores inimagináveis, vinculados uns ao aparente acaso das modificações genéticas, outros às alterações experimentadas pelo meio, aqui compreendidos os fatos concernentes à geografia propriamente dita, como os que dizem respeito às condições ecológicas.

Tudo leva a crêr que a configuração atual da parte mais oriental do continente sul-americano, correspondente ao este-septentrião brasileiro, seja o resultado de acidentes experimentados pela morfolo-

gia das terras, origem por sua vez, em boa parte, das profundas modificações climáticas que acabariam por criar, do ponto de vista da fauna, como da flora, verdadeiro hiato entre a Amazônia e a porção tropical da faixa oriental atlântica. <sup>(1)</sup> Daí abrigarem as matas do nordeste preciosos documentos dos antigos liames havidos com a Hiléia, documentos de que bruscamente se empobreceu a região meridional, como resultado de influências mesológicas preponderantes. Entre os exemplos que ilustram o asserto, posto de realce ocupa o já mencionado *Mitu mitu* Linn., representante nordestino do mutum amazônico de bico inflado na base, e com êste tão proximamente aparentado que é questão de ponto de vista conferir-se-lhe dignidade de espécie autônoma, ou considerá-lo simples subespécie. Não menos notável é o caso de *Procnias averano* Herm., “Guirapunga” de Margrave, que a princípio se supôs ser a araponga comum <sup>(2)</sup>, dos Estados este-meridionais, mas depois se verificou, pelo contrário, ser coespecífica de um cotíngida caraibo-guianense de conhecimento familiar aos ornitologistas. O inambu-relógio, *Crypturellus strigulosus* (Temm.), de extensa distribuição na parte meridional e oriental da Amazônia, reaparece em Pernambuco e Alagoas, chegando quiçá à margem septentrional do Rio São Francisco. *Thamnophilus aethiops* Sclater, espécie essencialmente amazônica, cujas múltiplas raças se distribuem dos contrafortes andinos aos prolongamentos mais orientais da Hiléia, acha-se também representado no Nordeste por subespécie particular, adiante descrita neste trabalho. As populações nordeste-brasileiras de *Momotus momota* Linn., espécie politípica cujo domínio geográfico cobre quase tôda a América tropical e sub-tropical cisandina, não apresentam diferenças capazes de separá-las das da região de Belém do Pará, convindo referir umas e outras a *M. momota parensis* Sharpe. *Dysithamnus mentalis* Hellmayr, pequeno formicariída distribuído por todo o território brasileiro, deixa-se separar em três subespécies bem caracterizadas, umas das quais, *D. mentalis emiliae*, habita todo o êste-septentrião, desde a região de Belém até o leste de Alagoas. Entre as cinco raças geográficas de *Automolus leucophthalmus* Wied ordinariamente reconhecidas no Brasil, *Automolus leucophthalmus lammi* Zimmer é privativa da região pernambuco-alagoana; pois bem, extremado-se em suas características das suas irmãs, a semelhança maior dela é com *Automolus infuscatus* (Scla-

(1) A este propósito, ocorre-nos lembrar uma passagem de Phil. von Luetzelburg (op. cit., pp. 52-53), em que este distinto botânico, referindo-se a florestas, diz que delas “não existe ao sul do Piauí um exemplar sequer”, já que “não podemos tomar em consideração as escassas semi-florestas nos desfiladeiros e despenhadeiros nas diversas serras e chapadas no sul do Piauí, que todavia dão lembrança da existência de grandes matas em tempos remotos” (op. cit., pp. 52-3).

(2) Cf. Pinto, *Bal. Mus. Paraense E. Goeldi*, X, p. 311 (1949).



ter), furnariída amazônico por todos havido até aqui como espécie autônoma e notavelmente rica em formas subespecificamente separáveis.

Outros exemplos não faltariam para reforçar a lição contida nos escolhidos; isso, todavia, nos parece dispensável.

#### VI — PARALELISMO DA VARIAÇÃO GEOGRÁFICA ENTRE AS ESPÉCIES ESTE-BRASILEIRAS

A análise comparativa das variações sofridas pelas espécies politípicas representadas na ornis nordestina revela a existência frequente de notável paralelismo entre os clines de que são exemplo. É para essa similitude de tendências evolutivas que desejamos agora chamar a atenção, à luz de exemplos concretos.

Nas espécies de distribuição extensa ao longo dos meridianos e em cuja variação entra o porte médio dos indivíduos, muito comum é observar-se aumento gradual nas medidas de asa e cauda, a partir do norte para o sul. Daí o acusarem as aves nordestinas, via de regra, medidas superiores às do baixo Amazonas e inferiores às dos Estados meridionais, justificando por vezes, com base nessa diferença, a separação de subespécies mais ou menos bem caracterizadas. *Tangara violacea aurantiicollis*, do Brasil oriental, mede mais do que a forma típica da espécie, peculiar à Amazônia e circunjabências, repetindo-se, *mutatis mutandis*, o citado fenômeno, com duas outras espécies do mesmo gênero, a saber, *Tangara chlorotica* e *Tangara cyanocephala*. Outro exemplo é dado por *Nemosia pileata*, o maior índice médio das medidas sendo praticamente o único carater a separar *Nemosia pileata caerulea*, do Brasil este-meridional e central, de *Nemosia pileata pileata*, da Amazônia e norte do Brasil, o Nordeste inclusive. *Hemithraupis flavicollis melanoxantha*, raça do este-septentrião brasileiro (Pernambuco a Baía), acusa medidas superiores às de suas coespécies amazônico-guianenses, e levemente inferiores às de *H. f. insignis*, sua correlata sul-oriental (Espírito Santo, Rio de Janeiro). Nas populações sulinas de *Tyrannus melancholicus*, os comprimentos de asa e cauda avantajam-se aos encontrados em *T. m. despotes*, do nordeste brasileiro. Em *Myiobius barbatust mastacalis*, outro tirânida de vasta distribuição, verifica-se dentro da própria subespécie, ao longo da faixa meridional atlântica, redução gradual das medidas, em direção ao norte.

Não menos interessante do ponto de vista em foco é o observado relativamente ao colorido da plumagem, visto como nas espécies caracteristicamente este-brasileiras é muito frequente ir-se êle tornando menos carregado à medida que se segue para o sul. *Synallaxis ruficapilla infuscata*, raça nordestina de uma espécie que até bem pouco se supunha confinada aos Estados meridionais, apre-





Fig. 4 — Em São Miguel, o sr. E. Dente faz secar ao ar livre peles recém-preparadas de mamíferos.



Fig. 5 — O exemplar único do mutum nordestino, em mãos do caçador Joaquim Pedro.



Fig. 6 — Vista da Lagoa de Jiquiá, próximo ao local em que a expedição de 1952 realizou os seus trabalhos.



Fig. 7 — Nas baixadas da Usina Sinimbu o transporte da cana em lombo de burro é ainda praticado em escala apreciável.

senta plumagem consideravelmente mais escura do que *Synallaxis ruficapilla ruficapilla*. Na já mencionada raça pernambuco-alagoana de *Automolus leucophthalmus*, a tonalidade da coloração é consideravelmente mais sombria do que na forma típica da espécie, própria do Brasil este-meridional. Em *Sclerurus caudacutus*, espécie cuja distribuição, mais septentrional, abrange a Amazônia, fato análogo se observa, a principal diferença entre *S. caudacutus umbretta*, da Baía, e *S. caudacutus caligineus* residindo na tonalidade muito mais escura da plumagem do último. O mesmo podemos dizer de *Lepidocolaptes fuscus atlanticus*, raça peculiar ao Nordeste, em confronto com *L. f. fuscus* e *L. f. tenuirostris*, seus próximos afins de habitat mais meridional. Aberra, porém, em parte, do que vimos aceitando como regra, o exemplo de *Schiffornis turdinus*, por isso que suas populações nordestinas, separadas agora como subespécie particular, apresentam plumagem menos carregada do que as da Baía, ocupando assim posição intermédia entre estas e as da região de Belém do Pará. Nas espécies cuja distribuição, não se confina ao Brasil oriental, mas abrange também a Amazônia, longe de ser excepcional, é muito frequente a inversão no sentido da variação, podendo as populações baixo-amazônicas diferenciar-se subespecificamente das nordestinas pelo colorido mais claro da plumagem. Assim, *Sclerurus caudacutus pallidus*, do baixo Amazonas, é mais claro do que *S. c. caligineus*, e até mesmo do que a de *S. c. umbretta*. Também *Thamnophilus aethiops*, espécie esta essencialmente amazônica, sabemos ser representada no Nordeste por uma raça mais sombria do que a sua similar baixo-amazônica.

VII — QUADRO SINÓPTICO DO MATERIAL COLIGIDO  
EM CADA ZONA ECOLÓGICA

Na distribuição do material pelos três ambientes ecológicos constantes da tabela, cabem à *mata* os exemplares coligidos em São Miguel e Mangabeira, às *caapoeiras* (matas secundárias) os da fazenda Canoas, e à *caatinga* os de Palmeira dos Índios e Engenho Riachão. Os algarismos exprimem o número de unidades obtidas.

	Mata	Caapoeira	Caatinga
<i>Tinamus solitarius pernambucensis</i> . . . . .	1		
<i>Crypturellus strigulosus</i> . . . . .	3		
<i>Crypturellus soui albigularis</i> . . . . .	3		
<i>Crypturellus parvirostris</i> . . . . .	2		
<i>Rhynchotus rufescens rufescens</i> . . . . .			1
<i>Nothura boraquira</i> . . . . .			4
<i>Butorides striatus striatus</i> . . . . .	5		
<i>Tigrisoma lineatum marmoratum</i> . . . . .	1		
<i>Ixobrychus exilis erythromelas</i> . . . . .	3		



	Mata	Caapoeira	Caatinga
<i>Dendrocygna viduata</i>			2
<i>Nettion brasiliense</i>			1
<i>Dafila bahamensis bahamensis</i>			1
<i>Cathartes aura ruficollis</i>	1		
<i>Accipiter bicolor pileatus</i>			2
<i>Buteo magnirostris nattereri</i>	1		2
<i>Mitu mitu</i>	1		
<i>Rallus nigricans</i>	3		1
<i>Aramides cajanea cajanea</i>	3		
<i>Porzana albicollis albicollis</i>	2		
<i>Laterallus melanophaius melanophaius</i>	5		1
<i>Laterallus viridis viridis</i>	1		
<i>Gallinula chloropus galeata</i>			3
<i>Porphyryla martinica</i>	3		
<i>Jacana spinosa jacana</i>	1	1	
<i>Tringa solitaria solitaria</i>	1		
<i>Capella paraguaiae paraguaiae</i>	1		
<i>Columba speciosa</i>	1		
<i>Scardafella squammata squammata</i>	1		
<i>Columbigallina minuta minuta</i>			3
<i>Columbigallina talpacoti talpacoti</i>	2		1
<i>Claravis pretiosa</i>	1		
<i>Leptotila verreauxi approximans</i>	3		1
<i>Coccyzus melacoryphus</i>			2
<i>Piaya cayana pallescens</i>	3		1
<i>Crotophaga ani</i>	1	1	1
<i>Guira guira</i>			1
<i>Aratinga jandaya</i>	2		
<i>Forpus passerinus flavissimus</i>	1		1
<i>Touit surda</i>	1		
<i>Pionus menstruus</i>		1	
<i>Nyctibius griseus griseus</i>	5	1	
<i>Hydropsalis brasiliana brasiliana</i>	1		
<i>Nyctidromus albicollis albicollis</i>	4	1	
<i>Caprimulgus rufus rufus</i>	3		
<i>Chaetura spinicauda</i>	2		
<i>Pygmornis ruber ruber</i>	1		
<i>Eupetomena macroura simoni</i>			4
<i>Melanothrochilus fuscus</i>			2
<i>Amazilia fimbriata nigricauda</i>			1
<i>Hylocharis sapphirina</i>		1	
<i>Chlorostilbon aureoventris pucherani</i>			2
<i>Thalurania watertonii</i>	1		3
<i>Chrysolampis elatus</i>			2
<i>Trogon strigilatus strigilatus</i>	4		
<i>Chloroceryle amazona amazona</i>	1		
<i>Chloroceryle americana americana</i>	3		1
<i>Momotus momota parensis</i>	2	1	
<i>Galbula ruficauda rufoviridis</i>	7	2	
<i>Nystalus maculatus maculatus</i>	1		1
<i>Rhamphastos vitellinus ariel</i>	2		
<i>Pteroglossus aracari aracari</i>	2		
<i>Piculus flavigula erythroopsis</i>	3		



	Mata	Caapoeira	Caatinga
<i>Celeus flavus subflavus</i> . . . . .	2		
<i>Veniliornis affinis ruficeps</i> . . . . .	2		
<i>Veniliornis passerinus taenionotus</i> . . . . .	1		1
<i>Dendrocolaptes certhia medius</i> . . . . .	2	2	
<i>Dendroplex picus bahiae</i> . . . . .	5	1	
<i>Xiphorhynchus guttatus guttatus</i> . . . . .	4	2	
<i>Lepidocolaptes fuscus atlanticus</i> . . . . .	2	4	1
<i>Lepidocolaptes angustirostris bahiae</i> . . . . .			1
<i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i> . . . . .		1	
<i>Sittasomus griseicapillus reiseri</i> . . . . .	1		
<i>Dendrocincla fuliginosa taunayi</i> . . . . .	1		
<i>Furnarius leucopus assimilis</i> . . . . .			2
<i>Furnarius figulus figulus</i> . . . . .	2	3	
<i>Synallaxis ruficapilla infuscata</i> . . . . .	1	1	
<i>Synallaxis frontalis frontalis</i> . . . . .			5
<i>Synallaxis scutata scutata</i> . . . . .			3
<i>Certhiaxis cinnamomea cearensis</i> . . . . .	1	1	2
<i>Phacellodomus rufifrons specularis</i> . . . . .	1		4
<i>Automolus leucophthalmus lammi</i> . . . . .	3		
<i>Xenops minutus alagoanus</i> . . . . .	2	2	
<i>Sclerurus caudacutus caligineus</i> . . . . .	3		
<i>Taraba major stagurus</i> . . . . .	3		4
<i>Thamnophilus doliatus capistratus</i> . . . . .			4
<i>Thamnophilus aethiops distans</i> . . . . .	6	1	
<i>Thamnophilus punctatus pelzelni</i> . . . . .	7		2
<i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i> . . . . .			5
<i>Thamnophilus torquatus</i> . . . . .	1		
<i>Dysithamnus mentalis emiliae</i> . . . . .	4		1
<i>Thamnomanes caesius caesius</i> . . . . .		3	
<i>Myrmotherula axillaris luctuosa</i> . . . . .	5	1	
<i>Myrmorchilus strigilatus strigilatus</i> . . . . .			1
<i>Formicivora grisea grisea</i> . . . . .	1		2
<i>Formicivora melanogastra bahiae</i> . . . . .			1
<i>Pyriglena leucoptera pernambucensis</i> . . . . .	11		1
<i>Myrmeciza ruficauda soror</i> . . . . .	3	1	
<i>Formicarius colma ruficeps</i> . . . . .	4	1	
<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i> . . . . .	3	1	
<i>Attila spadiceus uropygiatus</i> . . . . .	3	1	
<i>Casiornis fusca</i> . . . . .			1
<i>Rhytipterna simplex simplex</i> . . . . .	5		
<i>Lipaugus vociferans vociferans</i> . . . . .	6	1	
<i>Pachyramphus viridis viridis</i> . . . . .			1
<i>Pachyramphus polychopterus polychopterus</i> . . . . .	2		1
<i>Pachyramphus marginatus marginatus</i> . . . . .		1	
<i>Procnias averano averano</i> . . . . .	1		
<i>Pipra erythrocephala rubrocapilla</i> . . . . .	5	1	
<i>Chiroxiphia pareola pareola</i> . . . . .	8		1
<i>Manacus manacus gutturosus</i> . . . . .	1	3	
<i>Schiffornis turdinus intermedius</i> . . . . .	2		
<i>Neopelma pallescens</i> . . . . .	5		1
<i>Fluvicola climazura climazura</i> . . . . .	2	3	
<i>Arundinicola leucocephala</i> . . . . .			1
<i>Machetornis rixosa rixosa</i> . . . . .		1	

	Mata	Caapoeira	Caatinga
<i>Tyrannus melancholicus despotes</i> . . . . .	3		2
<i>Empidonomus varius rufinus</i> . . . . .			1
<i>Myiozetetes similis pallidiventris</i> . . . . .	3		
<i>Pitangus sulphuratus maximiliani</i> . . . . .	3	1	
<i>Myiarchus tyrannulus bahiae</i> . . . . .			1
<i>Myiarchus ferox ferox</i> . . . . .	2	4	2
<i>Contopus cinereus pallescens</i> . . . . .			3
<i>Myiobius barbatus mastacalis</i> . . . . .	3		
<i>Myiophobus fasciatus flammiceps</i> . . . . .	2		1
<i>Platyrinchus mystaceus niveigularis</i> . . . . .	4	1	
<i>Tolmomyias flaviventris flaviventris</i> . . . . .			1
<i>Rhynchocyclus olivaceus olivaceus</i> . . . . .	1		
<i>Todirostrum cinereum cearae</i> . . . . .	1	2	3
<i>Idioptilon zosterops naumburgae</i> . . . . .	1	1	
<i>Idioptilon margaritaceiventer wuchereri</i> . . . . .			2
<i>Idioptilon mirandae</i> . . . . .			1
<i>Euscarthmus meloryphus meloryphus</i> . . . . .			1
<i>Elaenia flavogaster flavogaster</i> . . . . .	1	1	1
<i>Stelgidopteryx ruficollis ruficollis</i> . . . . .	1		
<i>Cyanocorax chrysops interpositus</i> . . . . .	1		
<i>Thryothorus longirostris bahiae</i> . . . . .			3
<i>Thryothorus genibarbis genibarbis</i> . . . . .	4		1
<i>Troglodytes musculus musculus</i> . . . . .			1
<i>Mimus saturninus arenaceus</i> . . . . .			2
<i>Donacobius atricapillus atricapillus</i> . . . . .	3	1	
<i>Turdus leucomelas albiventer</i> . . . . .	3		1
<i>Turdus rufiventris juensis</i> . . . . .	4	1	1
<i>Polioptila plumbea atricapilla</i> . . . . .			1
<i>Ramphocaenus melanurus melanurus</i> . . . . .	1		
<i>Anthus lutescens lutescens</i> . . . . .	1	1	3
<i>Cyclarhis gujanensis cearensis</i> . . . . .	1		2
<i>Vireo virescens chivi</i> . . . . .		2	
<i>Cyanerpes cyaneus cyaneus</i> . . . . .		1	
<i>Dacnis cayana paraguayensis</i> . . . . .	5	2	1
<i>Coereba flaveola choloropyga</i> . . . . .	1		2
<i>Conirostrum speciosum speciosum</i> . . . . .			1
<i>Basileuterus flaveolus</i> . . . . .	1	1	3
<i>Tanagra chlorotica serrirostris</i> . . . . .			2
<i>Tanagra violacea aurantiicollis</i> . . . . .	5	1	3
<i>Tangara cyanocephala corallina</i> . . . . .			1
<i>Tangara cayana flava</i> . . . . .	5	1	5
<i>Thraupis sayaca sayaca</i> . . . . .	3		3
<i>Thraupis palmarum palmarum</i> . . . . .	4		
<i>Ramphocelus bresilius bresilius</i> . . . . .	4	2	
<i>Piranga flava saira</i> . . . . .			1
<i>Habia rubica bahiae</i> . . . . .	2		
<i>Tachyphonus rufus rufus</i> . . . . .	3	1	2
<i>Tachyphonus cristatus brunneus</i> . . . . .	7	3	1
<i>Nemosia pileata caerulea</i> . . . . .			2
<i>Hemithraupis flavicollis melanoxantha</i> . . . . .	2		
<i>Thlypopsis sordida sordida</i> . . . . .	1		2
<i>Compsothraupis loricata</i> . . . . .	4		4
<i>Schistochlamys ruficapillus capistratus</i> . . . . .	6		

	Mata	Caapoeira	Caatinga
<i>Cacicus cela cela</i> . . . . .		1	
<i>Cacicus haemorrhous affinis</i> . . . . .	5	2	
<i>Molothrus bonariensis bonariensis</i> . . . . .			1
<i>Molothrus badius fringillarius</i> . . . . .			3
<i>Icterus cayanensis tibialis</i> . . . . .	2		3
<i>Icterus jamacaii</i> . . . . .	1		2
<i>Agelaius ruficapillus frontalis</i> . . . . .	7		3
<i>Gnorimopsar chopi chopi</i> . . . . .			1
<i>Leistes militaris superciliaris</i> . . . . .			1
<i>Saltator maximus maximus</i> . . . . .	9	3	
<i>Caryothraustes canadensis frontalis</i> . . . . .	3		
<i>Paroaria dominicana</i> . . . . .	2		3
<i>Cyanocompsa cyanea cyanea</i> . . . . .		2	
<i>Sporophila albogularis</i> . . . . .			1
<i>Sporophila leucoptera cinereola</i> . . . . .	2	3	
<i>Sporophila nigricollis nigricollis</i> . . . . .	1		1
<i>Sporophila bouvreuil bouvreuil</i> . . . . .		1	1
<i>Oryzoborus angolensis angolensis</i> . . . . .	3		
<i>Volatinia jacarina jacarina</i> . . . . .			1
<i>Spinus yarrellii</i> . . . . .			1
<i>Sicalis flaveola brasiliensis</i> . . . . .		2	
<i>Coryphospingus pileatus pileatus</i> . . . . .			1
<i>Arremon taciturnus taciturnus</i> . . . . .	2	1	
<i>Myospiza humeralis humeralis</i> . . . . .			2
<i>Zonotrichia capensis matutina</i> . . . . .			2
<i>Emberizoides herbicola herbicola</i> . . . . .		2	
Total . . . . .	343	88	173



## VIII — LISTA COMENTADA DAS ESPÉCIES E SUBESPÉCIES

## Família TINAMIDAE

**Tinamus solitarius pernambucensis** Berla*Macuca*

*Tinamus solitarius pernambucensis* Berla, 1946, Bol. do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, n.º 65, p. 2: Usina São José (leste de Pernambuco, município de Igarapu).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, abatido em 17 de novembro (1952).

A obtenção desta subespécie septentrional de *Tinamus solitarius* foi um dos objetivos principais das expedições que constituem o assunto do presente trabalho. Berla descreveu-a de Pernambuco, com base num casal de indivíduos adultos, que tivemos ocasião de estudar no Museu Nacional, antes de conseguir o exemplar de Alagoas. As características descritas nos espécimes típicos acham-se presentes no ♂ agora registrado, possuindo ao nosso vêr importância especial a tonalidade francamente cinzento-azulada do manto e porção alta do peito. Este caráter reforça velho ponto de vista nosso, segundo o qual as afinidades maiores de *Tinamus solitarius* seriam com *Tinamus tao*, e não com *Tinamus major*, como pareceu a Hellmayr & Conover (*Catal. Bds. Americas*, pte. 1, n.º 1, p. 10, nota 1). Todavia, a lista que ladeando a nuca e o pescoço de ambos, rufo-cinza em *T. solitarius*, branca em *T. tao*, constitui indício inequívoco deste estreito parentesco, é muito pouco distinta, senão ausente, em *T. solitarius pernambucensis*. O colorido fundamental das partes superiores da subespécie nordestina, como foi reconhecido por Berla, é predominantemente oliváceo, com mescla de cinza, ao contrário do que acontece em *T. s. solitarius*, em que ele, embora extremamente variável, oscila entre o ruivo-azeitonado e o bruno-arruivado. A área de dispersão de *T. s. pernambucensis*, para quem o Rio São Francisco talvez represente o limite meridional nos dias de hoje, é de crêr abrangesse primitivamente não só o Estado de Sergipe, mas o próprio nordeste da Bahia. Seja como for, as populações sul-baianas da espécie são tipicamente de *T. s. solitarius*, acontecendo até que um ♂ do Rio Jucuruçu (Pinto col., março de 1933), pertencente às coleções do Departamento de Zoologia, é de todos os exemplares aquele cuja plumagem, muito carregada de ruivo, mais se afasta do exemplar de Alagoas. Quanto às subespécies que Miranda-Ribeiro (*Rev. do Museu Paulista*, XXIII, 1938, p. 738) julgou reconhecer nas populações distribuídas pela Serra dos Orgãos, em que

pese o nosso apreço pela obra do saudoso zoologista patricio, não temos dúvida sobre o caráter meramente individual das diferenças em que se basearam.

**Crypturellus strigulosus** (Temminck)

*Inambu-relógio*

*Tinamus strigulosus* Temminck, 1815, Hist. Nat. Fig. et Gallin., III, pp. 594 e 752: "province de Para".

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂, adultos (ou quase), de out. 28, nov. 4 e 9.

Não é novidade a ocorrência no Nordeste desta espécie baixo-amazônica, pois já fora ela registrada em Pernambuco, por Berla (op. cit., p. 3); isso porem, não diminui a importância zoogeográfica do fato, no fornecer mais um exemplo valioso das relações existentes entre as duas regiões faunísticas, hoje isoladas pela destruição das matas situadas de permeio. A despeito do extenso intervalo, nenhuma diferença apreciável revela a comparação dos espécimes de Alagoas com os do Pará.

**Crypturellus soui albigularis** (Brabourne & Chubb)

*Tururim*

*Crypturellus soui albigularis* Brabourne & Chubb, 1914, Ann. Magaz. Nat. Hist., (8), XIV, p. 320: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♂, muito jovem, de 5 de outubro de 1951.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ adulto, de 9 de novembro de 1952; 1 ♂ imaturo, de 3 de novembro do mesmo ano.

**Crypturellus parvirostris** (Wagler)

*Nambu*

*Crypturus parvirostris* Wagler, 1827, Syst. Av., gen. *Crypturus*, sp. 13: "Basilien" (= Baía, loc. típ. escolhida por Hellmayr, 1929).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 15 (1952); 1 ♂ imat., de out. 28 (1952).

**Rhynchotus rufescens rufescens** (Temminck)

*Perdiz*

*Tinamus rufescens* Temminck, 1815, Hist. Nat. Fig. et Gallin., III, pp. 552 e 747: Brasil e Paraguay, ex Azara (local. típica São Paulo, por design. de Hellmayr, 1929).

Engenho Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ muito jovem, de nov. 11 (1951).

Exemplar muito jovem (asá 170 mm.) para uma apreciação das características de plumagem. Material conveniente talvez o fizesse referir a *R. rufescens catingae*, raça sôbre cuja solidez não deixamos de ter alguma dúvida, dada a amplitude das variações de colorido que se observam nas diferentes populações meridionais da espécie, nas do Estado de São Paulo em particular. Seja como for, por imaturidade ou não, o exemplar de Quebrangulo não apresenta nenhuma das características atribuídas à subespécie nordestina; as orlas das penas dorsais são distintamente tintas de ferrugem e, no que se refere às partes inferiores, as peculiaridades alegadas pelos autores afiguram-se-nos destituídas de significação geográfica.

### **Nothura boraquira** (Spix)

#### *Codorna*

*Tinamus boraquira* Spix, 1825, Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 63, tab. 79: "districtus adamantini" (= região de Diamantina, norte de Minas Gerais).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ adultas, de out. 29 e nov. 3; 1 ♂ juv., de out. 28, (1951).

Engenho Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ imat. de nov. 9 (1951).

Esta codorna, que é comum em todos os campos secos (tabuleiros, na linguagem local) do Brasil este-setentrional, desde o norte de Minas Gerais até o Ceará, ocorre ainda na região do Chaco (Bolívia e Paraguai), onde foi descrita por Gray (1867), sob a denominação de *Nothura marmorata*. Das várias espécies do gênero parece ser a única existente em Alagoas. Baseando-se no testemunho negativo de Reinhardt, que não a encontrou em qualquer parte da zona por êle percorrida, puzera Hellmayr (*Field Mus. Nat. Hist. Publ.*, XII, 1929, p. 478) em dúvida a exatidão da pátria registrada por Spix; sem embargo, parece-nos mais que provavel venha a espécie a ter um dia confirmada a sua existência no Estado de Minas Gerais.

### Família ARDEIDAE

### **Butorides striatus striatus** (Linné)

#### *Socòzinho*

*Ardea striata* Linné, 1758, Syst. Nat., ed. 10.<sup>a</sup>, p. 144: Guiana Holandesa.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 4 ♂ ♂ adultos, de out. 21 e 31 e nov. 1; 1 ♀ imat. de nov. 1 (1952).

No Brasil litorâneo é esta garcinha, quase por toda parte, o mais comum dos membros da família. A dignidade de espécie tem



suscitado ultimamente grande discussão (cf. Hellmayr & Conover, *Catal. Bds. Amer.* pte. I, n.º 2, p. 184), não sendo de admirar venham ulteriores estudos reconhecer-lhe a coespecificidade com *B. virescens*, sua legítima representante na metade septentrional de nosso hemisfério.

### **Tigrisoma lineatum marmoratum** (Vieillot)

#### *Socó-boi*

*Ardea marmorata* Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. édit., XIV, p. 415 (com base em Azara, *Apunt.*, N.º 353, "Garza jaspeada"): Paraguai.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ adulta, de 15 de nov. (1952).

Exemplar adulto, exemplificando de modo perfeito o que descrevemos há tempos (*Pap. Avulsos do Dept. de Zool.*, vol. VII, 1946, n.º 2, pp. 45-50) como 3.º estágio da evolução individual da plumagem, muito mutadiça, desta espécie. A asa mede 320 mm., correspondendo assim à média do que é regra nos indivíduos da subespécie em questão, como é fácil verificar pelas tabelas apresentadas naquele nosso trabalho.

### **Ixobrychus exilis erythromelas** (Vieillot)

*Ardea erythromelas* (graf. *crythromelas* por erro tipogr.) Vieillot, 1817, *Nouv. Dict. d'Hist. Nat.*, nouv. édit., XIV, p. 422 (bas. em "Garza roxa y negra" de Azara, *Apuntam.*, N.º 360).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 20; 1 ♀ ad., e 1 ♀ juv. de out. 31 (1952).

Até poucos anos atrás, quando Lamm (*Auk*, 1948, p. 263) a registrou em Pernambuco, proximidades de Recife, nada constava na literatura ornitológica sobre a ocorrência desta garcinha nos Estados nordestinos situados entre a Baía e o Maranhão. Não obstante, os presentes exemplares parecem demonstrar que ela está longe de ser ali rara, devendo reproduzir-se normalmente após o inverno.

## Família ANATIDAE

### **Dendrocygna viduata** (Linné)

#### *Marreca-viuva*

*Anas viduata* Linné, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.ª, I, p. 205: Cartagena (Colômbia).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ imaturas, colecionadas em 3 de nov. de 1951.

Ao contrário do que seria de supor pelas descrições geralmente encontradas nas obras gerais, sem excetuar a monografia de Salvadori no Catálogo das Aves do Museu Britânico (vol. XXVII, p. 148), a cor e desenho da plumagem da marreca viuva experimentam profundas modificações, consoante a idade. Aos dois exemplares de Palmeira dos Índios, evidentemente muito jovens, faltam as características mais salientes da espécie. A cabeça, a que falta inteiramente a máscara branca, é branco-acinzentada, com o píleo pardo-escuro; a base do pescoço, cinzento-ferruginosa, faz transição gradual com o restante das partes inferiores cor de cinza, sem qualquer vestígio da grande nódoa central negra que nos adultos se estende do peito à cauda. Nos flancos esboçam-se já as faixas transversais pretas peculiares à ave adulta, enquanto que no restante das partes inferiores elas se reduzem a pequenas nódoas escuras, de contorno aproximadamente semilunar e realçadas de cinza-claro no centro.

### **Nettion brasiliense** (Gmelin)

#### *Paturi*

*Anas brasiliensis* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, pte. 2, p. 517 (baseada em "Mareca secunda" de Marcgrave, através de *Anas brasiliensis* Brisson, Orn. VI, p. 360): "Brasilia" (pátria típica, nordeste do Brasil, ex. Marcgrave).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ adulta, de nov. 3 (1951).

### **Dafila bahamensis bahamensis** (Linné)

*Anas bahamensis* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., I, p. 124 (baseada em Catesby, Nat. Hist. Carolina, I, p. 53, pl. 93 - "The Ilathera"): Ilhas Bahama.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de 31 de out. de 1951.

As medidas acusadas pelo exemplar (asa 204, cauda 76, culmen 42 mm.) concordam com as que dão os autores para a raça típica. Um ♂ ad. da República Argentina (provincia de Buenos Aires), com que foi comparado o de Alagoas, tem-nas bem superiores (asa 224, cauda 110, culmen 46 mm.), confirmando as características em que se baseia a separação das populações meridionais da espécie, como *D. bahamensis rubrirostris* (Vieillot). De três exemplares de Manguinhos (Rio de Janeiro, Distrito Federal), o que apresenta medidas maiores (asa 205, cauda 91, culmen 40 mm.) não se avanta em tamanho ao de Alagoas, do que se deve concluir pertencerem à raça típica todas as populações brasileiras da espécie, com exceção provável das do Rio Grande do Sul. Isso confirma

o que pensavamos a respeito da distribuição geográfica das duas formas <sup>(1)</sup>.

### Família CATHARTIDAE

#### **Cathartes aura ruficollis** Spix

##### *Urubu de cabeça vermelha*

*Cathartes ruficollis* Spix, 1824, Av. Nov. Bras., I, p. 2: interior da Baía e do Piauí (local. típica Joazeiro, no Rio São Francisco, sugerida por Pinto, 1937).

São Miguel: 1 ♂ adulto, de 30 de set. (1951).

As partes nuas da cabeça e pescoço apresentavam no exemplar recém-abatido o vivo colorido róseo característico da espécie; o negro da plumagem era fortemente lustrado de azul ferrete, com cambiantes de violeta, tal como descreveu Spix (“fusco violaceoque niger”). Só nas coberteiras superiores das asas existe mistura apreciável de pardo; mas, ainda assim, mesmo na falta de outras provas de identidade da ave, não haveria risco de confusão com o “urubu de cabeça amarela”, cuja plumagem é inteiramente preto-azulada, inclusive as mencionadas coberteiras. De acôrdo com o que escrevem Hellmayr & Conover (*Catal. Birds of the Americas*, part. I, n.º 4, p. 8, nota 2) sobre o tipo de *Oenops pertinax*, o exemplar de São Miguel deve ser dos que apresentam perfeita semelhança com a ave amazônica colecionada por Wallace e arrolada sob aquele nome por Sharpe no *Catal. of Birds in the Brit. Mus.* (vol. I, p. 27). As medidas do nosso exemplar (asa 501, cauda 260 mm.) estão dentro do que é regra na raça brasileira.

### Família ACCIPITRIDAE

#### **Accipiter bicolor pileatus** (Temminck)

*Falco pileatus* Temminck (*ex MS. de Wied*), 1823, *Nouv. Rec. Pl. Color*, 35.ª livraison, pl. 205: ilha Cachoeirinha (no Rio Belmonte, Est. da Baía).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ e ♂, adultos, colecionados respectivamente em 1 e 2 de nov. de 1951.

Espécimes perfeitamente adultos, de colorido geral cinzento-plumbeo, fazendo contraste com as tíbias cor de chocolate. Nas coberteiras inferiores das asas é também esta última a cor predominante. A diferença de medidas entre o ♂ (asa 206 mm., cauda 168 mm.) e a ♀ (asa 238 mm., cauda 202 mm.) atesta o forte dimorfismo que distingue os dois sexos. Está fora de discussão que *A. bicolor* (Vieillot) e *A. pileatus* (Temm.) representam simples ra-

(1) Cf. Pinto, *Catal. Av. do Brasil*, I, p. 54 (1938).



ças geográficas de uma mesma espécie, convindo notar que no último a tonalidade do castanho das ditas coberteiras vai se tornando progressivamente mais carregada à medida que se avança para o sul. Em consequência, as populações nordestinas de *A. bicolor*, adequadamente exemplificadas pelo casal de adultos obtido agora em Alagoas, são praticamente intermediárias entre as guianenses e amazônicas, de infracaudais descoradas, e as do Brasil meridional.

No ♂ de Palmeira dos Índios o cinzento das partes inferiores é muito claro, aproximando-o de um de Bonfim (norte da Baía), que as tem quase brancas. Fato semelhante observa-se por vezes em *A. bicolor bicolor*, disso sendo a prova um ♂ adulto da região de Itacoatiara (Lago Canaçari), cujo lado inferior é de fato branco, com leve tinta plúmbea no alto do peito.

### **Buteo magnirostris nattereri** (Sclater & Salvin)

#### *Gavião-rapina*

*Asturina nattereri* Sclater & Salvin, 1869, Proc. Zool. Lond., p. 132, em parte: vizinhanças da Baía (= cidade do Salvador).

Palmeira dos Índios: 1 ♀, incompletamente adulta, de out. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1952).

A forte tonalidade chistácea referida por Hellmayr & Conover <sup>(1)</sup> nas aves do norte do Maranhão verifica-se também nestes espécimes de Alagoas; mas, na ♀ de Palmeira dos Índios há muito maior mistura de pardo, tal como é de regra na raça nordestina. As características desta última, em confronto com as de suas afins, foram por nós estudadas com minúcia em trabalho que nos dispensa agora de lhes dispensar maior atenção. <sup>(2)</sup>

### Família CRACIDAE

#### **Mitu mitu** (Linné)

##### *Mutum*

*Crax mitu* Linné, 1766, Syst. Nat., ed. 12.<sup>a</sup>, I, p. 270 (baseado em "*Mitu* vel *Mutu* Brasiliensibus", de Marcgrave, 1648, Hist. Nat. Brasil., p. 194): nordeste do Brasil (como pátria típica restrita proponho Alagoas).

*Urax mitu* Burmeister, 1856, System. Uebers, Th. Bras., III, p. 349, em parte: "nördlich von Bahia, bei Pernambuco".

<sup>(1)</sup> *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, vol. XIII, pte. I, n.º 4, p. 140, nota 1.

<sup>(2)</sup> Pinto, "Contribuição ao estudo crítico das raças geográficas de *Rupornis magnirostris* (Gmelin)", em *Revista Argentina de Zoogeografia*, vol. IV, pp. 129-133 (1944).

São Miguel: 1 ♀ adulta, colecionada em 5 de Outubro de 1951.

Na circunstanciada notícia que tivemos o ensejo de publicar (*Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, X, p. 325-334, maio de 1952) sobre este precioso exemplar, autêntico representante da espécie marcgraviana, já foi retificado o velho erro de supô-la a mesma ave baixo-amazônica descrita por Spix com o nome de *Crax tuberosa*. Dos autores que pudemos consultar, só Burmeister soube reconhecer, com base aparentemente objetiva, a perfeita dualidade das duas formas; o que é fácil compreender dada a extrema raridade da ave nordestina nos dias atuais e a consecutiva carência de exemplares dela em todos os museus. A tuberosidade que assinala a base do culmen em *Mitu tuberosus* falta de todo em *Mitu mitu*. Diferença, não menos importante se encontra nas rectrizes, que na espécie paraense têm, as centrais inclusive, a ponta largamente branca, ao passo que na nordestina as rectrizes centrais são pretas até quase a orla terminal, e as laterais terminam em branco-sujo, mal delimitado com o preto da pena.

### Família RALLIDAE

#### **Rallus nigricans** Vieillot

*Rallus nigricans* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVIII, p. 560 (baseado no "Ypacabá obscuro" de Azara, Apuntam., N.º 371) : Paraguai.

Riachão (Quebrangulo) : 1 ♀ adulta, de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 2 ♂ ♂ ad., de 31 de out. e 19 de nov.; 1 ♀ ad., de 15 de nov. (1952).

É bastante singular a distribuição deste frango-d'água, visto como ocorrendo em quase toda a faixa oriental da América do Sul sub-tropical, até o Paraguai e o nordeste da Argentina, êle reaparece na porção oeste-septentrional do continente (Colombia, leste do Equador e do Peru), ao que consta sem divergência apreciável em suas características. No Brasil, seu limite septentrional conhecido é o Estado de Pernambuco, onde deve ter distribuição restrita, e quiçá limitada à porção meridional do Estado, pois depois de Forbes, não se tem notícia de que tenha sido novamente colecionado ali.

#### **Aramides cajanea cajanea** (P. L. S. Müller)

##### *Sericoia*

*Fulica cajanea* P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 119 (com base na "Poule d'eau de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 352) : Cayenne.

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♂ ad. e 1 ♀ imat., respectivamente de nov. 13 e out. 27; (1 ♀ juv. de out. 23 (1952)).

**Porzana albicollis albicollis** (Vieillot)

*Rallus albicollis* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. Hist. Nat., XXVIII, p. 561 (baseado em Azara, n.º 374) : Villa Curuguatí (Paraguay).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 15; 1 ♀ ad., de nov. 13 (1952).

No Brasil, a distribuição deste frango d'agua, comuníssimo nos Estados do sul, coincide praticamente com o da espécie anterior. Imitando ainda o que acontece com *Rallus nigricans*, é que vemos *P. albicollis* reaparecer no norte extremo da America Meridional (norte da Colombia, Venezuela, Guianas), mas suficientemente diferenciado para constituir-se em subespécie particular.

**Laterallus melanophaius melanophaius** (Vieillot)

*Rallus melanophaius* Vieillot, 1815, Nouv. Dict. d'hist. Nat., nouv. édit., XXVIII, p. 549 (com base em Azara, N.º 376, "Ypacahá pardo obscuro") : Paraguay.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ subadulta, de 12 de novembro (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, nov. 10 e 15; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 15 (1952).

Não difere este exemplar dos do Brasil meridional, na generalidade dos quais acha-se também presente a tinta arruivada dos loros e regiões auriculares. Esta particularidade, em que pese houvesse a princípio fornecido a Hellmayr <sup>(1)</sup> o bastante para separar as aves da Baía e Estados nordestinos sob a designação subespecífica de *lateralis*, mostra-se destituída de significação. Tivemos o ensejo de acentuar em trabalho anterior <sup>(2)</sup>, quanto é ela inconstante, coisa aliás que aquele eminente ornitologista foi o primeiro a reconhecer, a ponto de rejeitar mais tarde <sup>(3)</sup>, a suposta raça. Novo material do Estado do Espirito Santo, recebido posteriormente aos comentários que nos sugerira o estudo dos exemplares da Baía, confirmam o juízo então emitido sobre o colorido intensamente arruivado dos loros nas aves daquele Estado. Num ♂ de Pau Gigante (Leoberto de C. Ferreira col., 13-X-1940) a rufecência se estende até a frente, lembrando muito exatamente o que se observa nos exemplares menos bem caracterizados de *L. m. oenops* (Sclater & Salvin). Por outro lado, um ♂ de Curupeba (Baía), e outro de Inhumas (sul de Goiás), são, entre todos sob exame, os em que os loros são mais perfeitamente cor de cinza.

<sup>(1)</sup> C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*, XII, p. 483 (1929).

<sup>(2)</sup> O. Pinto, *Rev. Mus. Paul.* XIX, p. 75 (1935).

<sup>(3)</sup> Hellmayr & Conover, *Catal. of the Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., vol. XIII) parte 1, n.º 1, p. 380, nota 1 (1942).*



**Laterallus viridis viridis** (P. L. S. Müller)*Pinto d'agua*

*Rallus viridis* P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 120 (com base em "Râle de Cayenne" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 368) : Cayenne.

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).

**Gallinula chloropus galeata** (Lichtenstein)*Galo d'agua*

*Crex galeata* Lichtenstein, 1818, Verz. Säugeth. und Vögel Berliner Mus., p. 36 (baseada em "Yahaná" de Azara, Apunt., N.º 379) : Paraguay.

Palmeira dos Indios: 3 ♀ ♀, de 27 de out., colecionados pelo sr. E. Dente.

Dos exemplares, só um havia atingido pleno desenvolvimento; um outro, muito imaturo, apresenta forte mistura de branco na garganta e no baixo abdome. A tonalidade olivácea do baixo dorso, importante na conceituação da raça paraguaio-brasileira, é bastante fraca em todos os três espécimes, e em verdade apenas perceptível na ♀ plenamente desenvolvida. A ave tem sido registrada em todos os Estados brasileiros, com exceção de Amazonas e Goiás; os presentes exemplares foram colecionados numa lagoa artificial das vizinhanças de Palmeira dos Indios, onde esta franga d'agua vivia e nidificava em número incontável de indivíduos.

**Porphyryla martinica** (Linné)

*Fulica martinica* Linné, 1766, Syst. Nat., ed. 12.ª, I, p. 259: ilha de Martinica (Antilhas).

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♂ adulto, 1 ♀ imat. e 1 ♀ juv., todos de out. 31 (1952).

## Família JACANIDAE

**Jacana spinosa jacana** (Linné)

*Parra jacana* Linné, 1766, Syst. Nat., ed., 12.ª, I, p. 259 (baseada essencialmente em "Jacana quarta species" de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 191) : "in America australi" (pátria típica implícita, nordeste do Brasil).

Canoas (Rio Largo) : 1 ♂ juv., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♂ adulto, de out. 21 (1952).

A nomenclatura desta espécie trivialíssima sugere-nos algumas reflexões que nos parece oportuno abordar neste momento. Não ignoramos a anterior designação, feita por Berlepsch (*Novit. Zool.*,

XV, 1908, p. 304) e até aqui aceita por nós, da Guiana Holandesa como localidade típica da espécie. Entretanto, voltando à questão já apreciada alhures (*Rev. Mus. Paul.*, XIX, p. 89, nota 2), somos hoje de parecer que a pátria típica se acha implicada na preeminência indiscutível que tem a citação de Marcgrave na conceituação da espécie por parte de Lineu; em consequência, opinamos pela conveniência de aceitar-se em definitivo como tal o nordeste do Brasil (ou, talvez melhor, Pernambuco). Isso nos poupará ao contrassenso de, no caso de opinar-se algum dia pela diversidade subespecífica das populações da Guiana e de leste do Brasil, termos de conceder às primeiras o nome lineano e criar um novo para aquelas que a este têm, por assim dizer, direito de nascença.

Estendido o presente critério a casos análogos, em que abunda a ornitologia brasileira, ter-se-ia terreno menos movediço para solucionar problemas de nomenclatura neles envolvidos, os quais, pequenos embora, nem por isso se mostram menos embaraçosos ou incômodos ao sistematista.

#### Família SCOLOPACIDAE

##### **Tringa solitaria solitaria** Wilson

###### *Maçarico*

*Tringa solitaria* Wilson, 1813, Amer. Ornithol., VII, p. 53, pl. 58, fig. 3: monte Pocono (Pennsylvania, E.U.A.).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1952).

##### **Capella paraguaiae paraguaiae** (Vieillot)

*Scolopax paraguaiae* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 356 (baseado na "Becasina prima" de Azara Apuntam., N.º 387): Paraguai.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 17 (1952).

#### Família COLUMBIDAE

##### **Columba speciosa** Gmelin

###### *Pomba trocal*

*Columba speciosa* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 783 (baseada no "Pigeon ramier, de Cayenne", de Buffon e em Daubenton, Pl. Enl. 213): Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de Nov. 7 (1952).

Abstração feita do Maranhão, onde obtiveram exemplares Schwanda (1 ♂ de Miritiba) e Mme. Snethlage (Guimarães), parece ser esta a primeira observação materialmente comprovada da ocorrência da pomba pedrez no nordeste do Brasil.

**Scardafella squammata squammata** (Lesson)*Fogo-apagou*

*Columba squammata* Lesson, 1831 (não Bonaterre, 1792), *Traité d'Orn.*, p. 474 (nome novo para *Columba squamosa* Temminck & Knip): Baía. Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 29 (1952).

**Columbigallina minuta minuta** (Linné)*Rolinha*

*Columba minuta* Linné, 1766, *Syst. Nat.*, ed. 12.<sup>a</sup>, I, p. 285 (baseada em "La petite Tourterelle brune d'Amérique" de Brisson, *Orn.* I, p. 116): Ilha de "Saint Domingue" (local. errônea, substituída por Cayenne, localidade típica). (1)

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad. de out. 17; 1 ♀ imat. de out. 28 e 1 ♀ juv. de out. 27 (1951).

Em nosso diário temos nota das circunstâncias em que colecionamos os exemplares de 27 de outubro, durante uma excursão ao açude do Salgado, a pouca distância da cidade. Batendo o campo à volta da lagoa, descobrimos inúmeros casais em trabalhos de nidificação; "os ninhos, construídos muito simplesmente de caules finos de gramíneas, encontravam-se ora no chão, mal ocultos pelo capim, ora a alguns centímetros do solo, sob arbustos baixos, entre os quais algodoeiros e pés de "palma" (*Opuntia* sp.), de que existia grande plantação. Em todos havia dois ovos brancos em estado mais ou menos avançado de incubação".

**Columbigallina talpacoti talpacoti** (Temminck)*Rôla*

*Columba talpacoti* Temminck, 1811, em Temminck & Knip, *Les Pigeons*, I, *Colombigallines*, p. 22: "Amérique méridionale" (Baía, local. típica sugerida por Pinto, 1938).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ adulto, de out. 28 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 e 1 ♂ juv. de out. 26 (1952).

**Claravis pretiosa** (Ferrari-Perez)*Parari*

*Peristera pretiosa* Ferrari-Perez, 1866, *Proc. Un. St. Nat. Mus.*, IX, p. 175: Jalapa (México).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 1 ♀ adulta, de nov. 13 (1952).

(1) Cf. Berlepsch & Hartert, *Novit. Zool.*, IX, p. 119 (1902).

**Leptotila verreauxi approximans** (Cory)*Juriti*

*Leptotila ochroptera approximans* Cory, 1917, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 7: Serra de Baturité (Ceará).

Quebrangulo: 1 ♀ imat., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad. de nov. 4, 1 ♂ imat. de nov. 15, 1 ♀ ad., de nov. 14 (1952).

A raça nordestina da juriti comum quando comparada com a dos Estados meridionais caracteriza-se não só pelas suas proporções relativamente reduzidas (asa raramente alcançando 140 mm.), como por diferenças bastante sensíveis na coloração, que é mais amarelada (menos cinzenta) nas partes superiores, e mais clara nas inferiores. Também a região frontal é de ordinário muito mais clara, quase branca (em vez de cinzento-vinácea). No ♂ adulto de Mangabeira (Sinimbu) a asa mede 135 mm.

## Família CUCULIDAE

**Coccyzus melacoryphus** Vieillot

*Coccyzus melacoryphus* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. édit., VIII, p. 271 (com base em "Cenicento" de Azara, Apuntam., N.º 267): Paraguai.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad. de out. 27 e 1 ♀ de nov. 3 (1951).

**Piaya cayana pallescens** (Caban. & Heine)*Alma-de-gato*

*Piaya cayana pallescens* Cabanis & Heine, 1862, Mus. Heineanum, IV, p. 86: "Nord-Brasilien" (Baía, teste Hellmayr, 1929).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ad., de out. 24 e nov. 4; 1 ♀ ad., de out. 26, (1952).

**Crotophaga ani** Linné*Anum*

*Crotophaga ani* Linné, 1758, Syst. Nat., 10 ed., I, p. 105 (baseado essencialmente em "Ani" de Marcgrave): local. típica, nordeste do Brasil.

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 14 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 31 (1952).



**Guira guira** (Gmelin)*Anum-branco*

*Cuculus guira* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, parte 1, pag. 414 (baseado em *Cuculus cristatus brasiliensis*, de Brisson, Orn. 4, p. 144 e em "Guiraacangatara brasiliensibus" de Marcgrave, Hist. Nat. Bras., p. 216): "Brésil" (pátria típica aceita, nordeste do Brasil).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

## Família PSITTACIDAE

**Aratinga jandaya** (Gmelin)*Jandaia*

*Psittacus jandaya* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, pte. 1, pg. 319 (baseado em "Jendaya" de Marcgrave, através de Brisson).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de out. 28 (1952).

**Forpus crassirostris flavissimus** Hellmayr <sup>(1)</sup>*Cuiuba*

*Forpus passerinus flavissimus* Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XII, p. 446: Turiacu (norte do Maranhão).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24 (1952).

**Touit surda** (Kuhl)

*Psittacus surda* Kuhl, 1820, Consp. Psittac., p. 59: "Brasilia" (local. típica Rio Mucuri, Est. da Baía, design. por Pinto, 1938).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 26, (1951).

Esta espécie sulina parece ter gosado de extensa distribuição no nordeste brasileiro, onde todavia sua ocorrência só era documental até aqui através dos exemplares coligidos por Berla, em Pernambuco.

**Pionus menstruus** (Linné)*Suia*

*Psittacus menstruus* Linné, 1766, Syst. Nat., 2.<sup>a</sup> ed., I, p. 148: "Surinamo" (= Guiana Holandesa).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Conhecida também das matas litorâneas do sul da Baía (Rio Jucuruçu), é mais um exemplo a confirmar as relações zoogeográficas.

(1) Cf. Pinto, *Rev. Argent. de Zoogeograf.*, V, pp. 11-19 (1945).

ficas da Hiléia com a faixa florestada do Brasil este-septentrional. Como às vezes acontece, falta ao exemplar de Alagoas qualquer vestígio da nódoa peitoral côr de carmim normalmente presente nos indivíduos da espécie.

### Família NYCTIBIIDAE

#### **Nyctibius griseus griseus** (Gmelin)

##### *Mãe-da-lua*

*Caprimulgus griseus* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 1029 (baseado no "Engoulevent gris", de Brisson) : Caiena.

Canoas (Rio Largo) : 1 ♂ ad., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu) : 2 ♂ ♂ ad., de nov. 3 e 4 (1952);  
3 ♀ ♀ ad., de nov. 3,3 e 4.

### Família CAPRIMULGIDAE

#### **Hydropsalis brasiliana brasiliana** (Gmelin)

*Caprimulgus brasilianus* <sup>(1)</sup> Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1032 (baseado em "Ibijau" de Marcgrave, através de Brisson e outros) : nordeste do Brasil.

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

#### **Nyctidromus albicollis albicollis** (Gmelin)

##### *Bacurau*

*Caprimulgus albicollis* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, (2), p. 1030 : Caiena.

São Miguel : 1 ♂ ad., de set. 30 (1951).

Canoas (Rio Largo) : 1 ♂ ad., de out. 18 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu) : 2 ♂ ♂ ad., de nov. 1 e 3; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

#### **Caprimulgus rufus rufus** Boddaert

*Caprimulgus rufus* Boddaert, 1783, Tabl. pl. enlum., p. 46 (baseado no "Engoulevent roux" de Buffon e Daubenton, Pl. enlum. 735) : Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu) : 2 ♂ ♂ ad., de out. 27 e nov. 1;  
1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

O estudo dêstes exemplares conduziu-nos a examinar os que representam a espécie nas coleções do Departamento de Zoologia.

(<sup>1</sup>) *Caprimulgus brasilianus* Gmelin (op. cit., p. 1031) e *C. torquatus* Gmelin (op. cit., p. 1032), com base o primeiro em "Ibijau", e o segundo em "Guiraque-rea" de Marcgrave, correspondem, segundo Schneider (*Journ. f. Ornithol.*, LXXXVI, p. 96), respectivamente à fêmea e ao macho da presente espécie.

Nossa atenção foi logo despertada por um ♂ do Rio Anibá (margem septentrional do Rio Solimões), que pela tonalidade intensamente ruiva da plumagem se destaca dos demais, harmonizando-se com a descrição de *Caprimulgus rufus noctivigulus* Wetmore & Phelps <sup>(1)</sup>, cujo tipo é de Atures, sul da Venezuela (Território Amazonas). Não hesitamos assim em ampliar a área conhecida da nova raça, incluindo-a ipso facto na avifauna Brasileira. A diagnose entre *C. r. rufus* e *C. r. rutilus* afigura-se-nos das mais difíceis, negando-se o nosso material a confirmar as diferenças de colorido assinaladas por Griscom <sup>(2)</sup>. Todavia com base nas medidas é possível reconhecer sofrivelmente os exemplares de cada uma, conforme mostra a tabela junta.

TABELA DE MEDIDAS (em milímetros).

	asa	cauda
<i>Caprimulgus rufus rufus</i>		
10.894, ♀, Santarem (Pará) .....	163	123
10.894, ♂, Mangabeiras Alagoas .....	170	121
10.894, ♂, " " .....	175	130
10.894, ♀, " " .....	174	128
<i>Caprimulgus rufus noctivigulus</i>		
23.082, ♂, Rio Anibá (Amazonas) .....	176	120
<i>Caprimulgus rufus rutilus</i>		
5.011, ♀, Itapura (Rio Paraná) .....	185	135
12.551, ♂, Valparaizo (São Paulo) .....	180	136
27.953, ♂, Rio Verde (Goiás) .....	177	126
35.054, ♂, Rio das Mortes (M. Grosso) .....	180	131
2.115, ♀, São Lourenço (R. G. do Sul) .....	180	130
7.055, ♀, Ocampo (R. Argentina) .....	185	135

## Família APODIDAE

### **Chaetura spinicauda** subsp.

*Cypselus spinicauda* Temminck, 1839, Tabl. method. Pl. Color., p. 57 (baseada na "Hirondelle à queue pointue de Cayenne" de Daubenton, Pl. Enlum. 726, fig. 1): Caiena.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ e 1 ♀?, de nov. 13 (1952).

Falta-nos material topotípico desta espécie para melhor ajuizarmos da posição sistemática dos presentes exemplares, pois várias raças são presentemente nela admitidas <sup>(3)</sup>. Comparamo-los com um ♂ e uma ♀, de Ilhéus (nordeste da Baía), evidentemente

(1) A. Wetmore & W. H. Phelps, Proc. Biol. Soc. Was., vol. 66, p. 18 (março de 1953).

(2) Cf. L. Griscom, Bull. Mus. Compar. Zool., vol. LXXXI, N.º 2, pp. 423-25 (1937).

(3) Vide Zimmer & Phelps, Amer. Mus. Novit., N.º 1544, p. 1 (jan. de 1952).

pertencentes à mesma espécie, verificando que as duas fêmeas de Alagoas apresentam: partes superiores e asas mais escuras, e acentuadamente lustradas de azul (com cambiantes de oliva, conforme a incidência da luz); garganta mais clara, fazendo maior contraste com o restante das partes inferiores, também mais escuras do que nos exemplares da Baía, e distintamente lustradas de oliváceo; faixa uropigial mais clara, em contraste mais forte com o dorso. Em resumo, os exemplares de Mangabeiras apresentam colorido geral mais carregado e com nítido brilho metálico, enquanto que os de Ilhéus, são antes fuliginosos, sem lustro visível. É possível, todavia, que as diferenças por nós encontradas entre uns e outros decorram do fato de terem os exemplares de Ilhéus sido colecionados há nada menos de dez anos, enquanto que os de Alagoas o foram a menos de dois. Convém ainda acrescentar que os primeiros, examinados há alguns anos por J. T. Zimmer, voltaram com a nota de pertencerem a *C. s. spinicauda*.

#### Família TROCHILIDAE

##### **Pygmornis ruber ruber** (Linné)

*Trochilus ruber* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., I, p. 121 (baseado em "Edwards"): "Surinamo" (= Guiana Holandesa).

Espécie largamente distribuída por quase todo Brasil setentrional e oriental.

##### **Eupetomena macroura simoni** Hellmayr

*Eupetomena macroura simoni* Hellmayr, 1929, Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, p. 386: Rio do Peixe, perto de Queimadas (Baía).

Palmeira dos Índios: 3 ♂ ♂ adultos, de out. 27; 1 ♀ imat., de out. 31 (1951).

##### **Melanotrochilus fuscus** (Vieillot)

*Trochilus fuscus* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. Hist. Nat., VII, p. 348: "Brésil" (pátria típica Baía, suger. por Pinto, 1938).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 8 e 10 (1951).

##### **Amazilia fimbriata nigricauda** (Elliot)

*Thaumatias nigricauda* Elliot, 1878, The Ibis, 4.<sup>a</sup> Ser., V, p. 47: Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 10 (1951).

##### **Hylocharis sapphirina** (Gmelin)

*Trochilus sapphirinus* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 496 (baseado em Buffon): Guiana (local. típica aceita, Caiena).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).



As populações este-brasileiras desta espécie têm sido consideradas raça à parte, com base principal na tonalidade predominantemente amarelo-dourada das partes superiores. Todavia, corroborando o parecer de Peters (*Check-list of Birds of the World*, V, p. 53), esta característica, conquanto muito saliente em alguns dos nossos exemplares, está longe de ser constante, podendo além disso ocorrer em indivíduos amazônicos. O espécime de Canoas ocupa sob êste particular posição intermediária.

**Chlorostilbon aureoventris pucherani** (Bourcier & Mulsant)

*Trochilus pucherani* Bourcier & Mulsant, 1848, Rev. Magaz. de Zool., II, p. 271: "Brésil" (Rio de Janeiro, local. tip. design. por Hellmayr, 1929).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 27 e 29 (1951).

**Thalurania watertonii** (Bourcier)

*Trochilus watertonii* Bourcier (*ex* Loddiges M.S.), 1847, Proc. Zool. Soc. of Lon., pte. 15, p. 44: "Miribi Creek, 40 miles from the Essequibo River, British Guiana" (localidade provavelmente errônea, que propomos substituir por Pernambuco, nordeste do Brasil).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 3 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 10 e 11 (1951).

Posto de parte o tipo da espécie, todos os exemplares sôbre cuja procedência se possuem dados precisos procedem da faixa costeira este-septentrional do Brasil, ou mais precisamente dos Estados de Pernambuco (Peri-Peri, exempl. de Gounelle, adquirido pelo Tring Museum) e Baía (*teste* Simon, *Hist. Natur des Trochil.*, p. 83). Não é pois para surpreender esteja êste beija-flor bem representado no material por nós trazido do Estado de Alagoas, sendo os exemplares alí obtidos os primeiros a entrar para as coleções do Departamento de Zoologia de São Paulo. O colorido violeta intenso do dorso distingue ao primeiro lance de olhos os ♂ ♂ desta espécie dos das suas congêneres; a diagnose das ♀ ♀, embora exija maior atenção, faz-se cômodamente graças a várias características, entre as quais fica em primeiro plano a forma alongada e estreita das retrizes laterais, cujo trecho basal é esbranquiçado em larga extensão, em detrimento da porção azul metálica interposta entre êle e a ponta branca da pena.

A pátria típica atribuída a esta espécie parece-nos extremamente duvidosa, afigurando-se muito provavel tenha havido engano ao rotular o espécime original como da Guiana Inglesa. Sabe-se que Waterton viajou pelo interior de Pernambuco durante o ano de 1816, depois de haver estado na Guiana seis anos antes.

**Chrysolampis elatus** (Linné). <sup>(1)</sup>

*Trochilus elatus* Linné, 1766, Syst. Nat. ed. 12.<sup>a</sup>, I, p. 192 (baseado em Edwards, tab. 344, fig. super., "Mellivora cristata rubra"): "in India orientali", *errore* (= Cayenne, *fide* Edwards).

Palmeira dos Indios: 1 ♂ e 1 ♀ adultos, de out. 27 (1951).

## Família TROGONIDAE

**Trogon strigilatus strigilatus** Linné*Perua-choca*

*Trogon strigilatus* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., I, p. 167 (bas. em Brisson): Caiena.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 26 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 3 e 4, 1 ♂ subad., de nov. 6 (1952).

As medidas relativamente reduzidas dos exemplares de Alagoas (140 a 143 mm. de asa) concordam com as da forma típica da espécie, divergindo do que é regra nas aves do Brasil este-meridional, conforme tivemos ocasião de acentuar. <sup>(1)</sup>

## Família ALCEDINIDAE

**Chloroceryle amazona amazona** (Latham)

*Alcedo amazona* Latham, 1790, Index Ornithol., I, p. 257: Caiena.

Sinimbu: 1 ♂ ad., de nov. 5 (1952).

**Chloroceryle americana americana** (Gmelin)

*Alcedo americana* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (bas. em Buffon e Daubenton): Caiena.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 27 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952). de out. 20 e nov. 1 (1952).

## Família MOMOTIDAE

**Momotus momota parensis** Sharpe*Figudo* (nome loc.)

*Momotus parensis* Sharpe, 1892 Catl. Bds. Brit. Mus., XVII, p. 320: Pará (= região de Belém, que deverá considerar-se localidade típica).

<sup>(1)</sup> A diagnose de *Trochilus mosquitus*, tal como aparece na 10.<sup>a</sup> edição do *Systema Naturae*, e bem assim a sugestão diminutiva contida na apelação específica, são de molde a fazer supôr que êsse deveria continuar sendo o nome próprio dêste lindo beija-flor. Não tendo à disposição o *Prodromus*, onde se diz ter sido dada descrição mais minuciosa de *Trochilus mosquitus*, é-nos impossível avaliar até que ponto assiste razão a Berlepsch quando se recusou a aceitar este nome, arrastando consigo tôdos os ornitologistas que a êle se seguiram.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ (?) ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952).

É com os da região de Belém do Pará e do norte do Maranhão (Miritiba) que mais se parecem os exemplares trazidos de Alagoas; não obstante, nestes últimos a nódoa ferrugínea nugal é menor e, por conseguinte, menos distinta, embora de tonalidade mais carregada, tirante a castanho. Em nossos espécimes paraenses a porção posterior da coroa é de um anil mais carregado, e sempre sem mescla de azul-cobalto, como nos de Mangabeiras. Todavia, o exemplar de Canoas não difere sob este particular dos de Belém. No mesmo exemplar as partes superiores são verde intenso, sem mistura de amarelo, ao passo que nos de Mangabeira o verde é distintamente lavado de amarelo. As partes inferiores são mais acaneladas do que verdes, embora não tanto quanto nos do Pará, e se note visível variação neste particular. As rectrizes centrais acham-se ainda inteiras na ♀ de Mangabeiras, denunciando mais pròpriamente muda recente do que juvenildade da ave.

Não deve ficar sem reparo a curiosa onomatopéia escolhida pelos matutos de Alagoas para designar a juruva, evidente semelhança existindo entre “fígudo” (pronuncia plebeia de fígado) e “hudu”, nome da ave na Amazônia.

### Família GALBULIDAE

#### **Galbula ruficauda rufoviridis** Cabanis

*Galbula rufoviridis* Cabanis, 1851, em Ersch. & Gruber, Algem. Encycl. Wissens. und Künste, 1.<sup>a</sup> Sec., LII, p. 305: “Brasilien” (como pátria típica design. Baía, onde a espécie é muito comum).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3; 2 ♀ ♀ ad., de set. 29 e out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, 23 e 28; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

### Família BUCCONIDAE

#### **Nystalus maculatus maculatus** (Gmelin)

*Alcedo maculata* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 451 (bas. em “Matuitui” de Marcgrave, através de Brisson): “in Brasilia” (local. típica, nordeste do Brasil).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

(<sup>1</sup>) Pinto, *Pap. Av. do Dept. de Zool.*, IX, p. 131 (1950).

## Família RAMPHASTIDAE

**Ramphastos vitellinus ariel** Vigors*Tucano*

*Ramphastos ariel* Vigors, 1826, Zool. Journ., II, n.º 8, p. 466, pl. 15: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 17 (1952).

**Pteroglossus aracari aracari** (Linné)*Araçari*

*Ramphastos aracari* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., p. 104 (bas. em "Aracari" de Marcgrave): "in America meridionali" (pátria típica Pernambuco, design. por Pinto, 1938).

São Miguel: 1 ♀ and. de out. 5; 1 ♀ juv., de set. 30 (1951).

## Família PICIDAE

**Piculus flavigula erythroptis** (Vieillot)*Pinica-pau* (nome loc.)

*Picus erythroptis* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXVI, p. 98: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica design. por Pinto, 1938).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 6 e 10; 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

**Celeus flavus subflavus** Sclater & Salvin

*Celeus subflavus* Sclater & Salvin, 1877, Proc. Zool. Soc. of London, 1877, p. 21: Baía.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de nov. 8 (1952).

As características desta bem caracterizada subespécie acham-se nitidamente presentes nestes dois exemplares de Alagoas, embora a quantidade de pardo-escuro nas penas do peito seja muito maior no ♂ do que na ♀. Sob êste particular não há nenhuma diferença entre eles e os que já o Departamento possuía de leste da Baía (Ilhéus, Belmonte) e do Espírito Santo (Rio Doce, Pau Gigante). A espécie é aparentemente nova para os Estados nordestinos situados entre a Baía, pátria típica da presente raça, e o Piauí, onde já a substitui *C. flavus tectricialis*.



**Veniliornis affinis ruficeps** (Spix)

*Picus ruficeps* Spix, 1824, Av. Bras., I, p. 63, tab. LVI, figs. 2 e 3: "flum. Amazonum" (Pará, local. típica por design. de Hellmayr, 1929).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

O exemplar é inseparável dos do norte do Maranhão (Miritiba), apresentando no dorso e nas coberteiras das asas a mesma abundante sufusão sanguínea que distingue à primeira vista a subespécie nordestina da forma típica, de distribuição mais meridional (Baía, Espírito Santo e Rio de Janeiro).

**Veniliornis passerinus taenionotus** (Reichenbach)

*Chloronerpes taenionotus* Reichenbach, 1854, Scans. Picinae, p. 354, pl. 625, figs. 4164 e 4165: interior do Brasil (Baía, pátria típica design. por Cory. 1919).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de out. 29 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 14 (1952).

## Família DENDROCOLAPTIDAE

**Dendrocolaptes certhia medius** Todd

*Dendrocolaptes certhia medius* Todd, 1920 Proc. Biol. Soc. Was., XXXIII, p. 74: Benevides (a leste do Pará).

São Miguel: 2 ♂ ad., de out. 1 e 2 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Os exemplares alagoanos concordam muito exatamente com um ♂ praticamente topotípico, colecionado em Utinga (Pará, nos arredores de Belém), por Carlos Estevam <sup>(1)</sup>. A espécie já tinha sido registrada no nordeste brasileiro por H. Berla, que a encontrou em Pernambuco. <sup>(2)</sup>

**Dendroplex picus bahiae** Bangs & Penard

*Dendroplex picus bahiae* Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Compar. Zool., LXVI, p. 369: Baía.

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ad., de out. 24 e nov. 5  
3 ♀ ad., de out. 28 e nov. 3 e 3 (1952).

<sup>(1)</sup> Vide Pinto, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, XI, p. 157 (1953).

<sup>(2)</sup> H. Berla, *Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia*, n.º 65 p. 11 (1946).

**Xiphorhynchus guttatus guttatus** (Lichtenstein)

*Dendrocolaptes guttatus* Lichtenstein, 1820, Abhandl. Berl. Akad. Wissens., 1818-19, p. 201: Baía.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 5 (1951); 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 16; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 6 (1952).

**Lepidocolaptes fuscus atlanticus** (Cory)

*Picolaptes fuscus atlanticus* Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 341: Serra de Baturité (Ceará).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951); 3 ♀ ♀ ad., de out. 11, 11 e 15 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de nov. 19 (1952).

São estes os primeiros exemplares da subespécie cearense que nos é dado conhecer. Aliás, coincidem exatamente com a idéia que através da descrição de Cory havíamos formado da última, quando passamos em revista as variações geográficas da espécie <sup>(1)</sup>. Como reconhece Zimmer <sup>(2)</sup>, *atlanticus* é de todas as formas a que apresenta partes inferiores mais ocráceas; além disso, em *atlanticus* as estriações ocráceas das partes inferiores são de regra mais largas e muito menos distintamente debruadas de preto do que em *L. f. fuscus* e em *L. f. tenuirostris*. Acompanhando essa tendência a uma tonalidade mais carregada de colorido, as rectrizes são mais escuras na subespécie nordestina do que nas duas raças ha pouco referidas. *L. f. brevirostris*, raça peculiar à zona seca do interior da Baía, afora o comprimento decididamente menor do bico, tem plumagem mais desbotada do que qualquer de suas companheiras; sua área de distribuição alcança o Brasil central, a ela devendo referir-se um exemplar de Rio Verde, no extremo sul de Goiás.

**Lepidocolaptes angustirostris bahiae** (Hellmayr)

*Picolaptes bivittatus bahiae* Hellmayr, 1903, Verh. Zool. Bot. Gesells. Wien, LIII, p. 219: Baía.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 2 (1951).

(1) Pinto, *Rev. do Mus. Paulista*, vol. XIX, p. 195 (1935).

(2) J. T. Zimmer, *Proc. of Biol. Soc. of Washington*, vol. LX, pp. 102-3 (1947).

Semelhante, no colorido fortemente ocráceo e uniforme das partes inferiores, aos do interior sêco da Baía (Bonfim, Joazeiro, Barra do Rio Grande).

**Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris** (Lichtenstein)

*Dendrocolaptes trochilirostris* Lichtenstein, 1820, Abhandl. Akad. Wiss. Berlin, 1818-19, p. 207, pl. 3: "Brasilien" (localidade típica Baía, verificada por Hellmayr).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

O exemplar aproxima-se decididamente de um ♂ de Ilhéus (Baía) e outro do Rio Jucuruçu (sul extremo da Baía), legítimos representantes da forma típica de *C. trochilirostris*; todavia, comparado com estes últimos, difere no colorido mais escuro da cabeça, na tonalidade mais carregada (menos olivácea) das costas e das asas, e na ausência quase completa de estriações na porção mais alta do dorso. Estas diferenças parecem-nos demasiado leves para aconselhar a separação do espécime de Alagoas em subespécie particular, sem excluir porém a hipótese de que isso venha a ser feito mais tarde, à luz de material mais abundante.

Dois ♂ ♂ (inclusive o tipo de *C. t. omissus* Pinto) e uma ♀ de Bonfim (interior árido da Baía) divergem diametralmente do ♂ de Canoas, não só no colorido ferruginoso claro (em vez de castanho) das partes superiores e das rectrizes, como na grande quantidade e largura das estriações, que nas partes superiores se estendem até o baixo dorso e nas inferiores até o abdomen. Duas ♀ ♀ adultas da Serra do Baturité (Ceará) recebidas recentemente, e havidas como exemplares típicos de *C. t. major* Ridgway, são inseparáveis das de Bonfim, o que forçosamente nos leva à conclusão de que *C. t. omissus* deve cair na sinonímia de *C. t. major*. As alegadas diferenças de medidas entre *C. t. trochilirostris* e *C. t. major* parecem destituídas de base, como nô-lo demonstra a tabela aqui apresentada.

Aliás, o conhecimento das variações geográficas em *C. trochilirostris*, apesar da atenção que lhe têm dispensado autores competentes, é ainda muito imperfeito, pois muitos problemas só poderão ser resolvidos à luz de material mais vasto do que o existente nas mãos dos que se têm dedicado ao estudo do assunto. Disso acaba de nos convencer o novo exame da coleção ao nosso dispôr no Departamento de Zoologia. Assim é que verificamos a sem-razão que há em fazer *C. t. rufo-dorsalis* Chapman sinônimo de *C. t. lafresnayanus* (D'Orbigny). Saltam ao mais leve exame as diferenças existentes entre as aves do centro de Mato Grosso (Cuiabá, Rio Aricá, Cáceres) e as do sul do mesmo Estado (Corumbá, Salobra e Miranda), contrastando o colorido ferruginoso intenso da plumagem das últimas com a tonalidade mais desbotada,

pardo-ferruginosa da das primeiras. Não há como deixar de reconhecer nas populações de Corumbá e cercanias a forma descrita por Chapman, e mais tarde, com base em material do Chaco Argentino, rebatizada como *Campylorhamphus trochilirostris hellmayri* por Laubmann (1).

Outro ponto a merecer novo exame é a dualidade específica de *C. trochilirostris* e *C. procurvoides* (Lafresnaye), advogada convictamente por J. T. Zimmer (2) com base em diferenças sutis e insusceptíveis de verificação objetiva. Um ♂ e uma ♀ de Aveiro (margem direita do baixo Tapajós), um ♂ e uma ♀ do Rio Curuá (afl. da margem ocid. do Xingu), que é de supôr representem legitimamente *Campylorhamphus multostriatus* Sneath apresentam caracteres nitidamente intermediários entre os de *C. t. trochilirostris* e um ♂ do Rio Anibá seguramente pertencente a *C. procurvoides* em seu sentido restrito.

#### MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Campylorhamphus trochilirostris trochilirostris</i>			
14.183, ♂, Rio Jucuruçu (Baía) . . . . .	105	91	58
10.251, ♂, Ilhéus (Baía) . . . . .	99	88	59
37.334, ♂, Rio Largo (Alagoas) . . . . .	106	90	57
<i>Campylorhamphus trochilirostris major</i>			
33.262, ♀ ad., Serra de Baturité (Ceará) . . . . .	102	89	61
33.261, ♀ imat., Serra de Baturité (Ceará) . . . . .	95	90	59
7.303, ♂ ad., Bonfim (Baía) . . . . .	102	92	59
7.301, ♂ ad., Bonfim (Baía) . . . . .	97	85	57
7.299, ♀ ad., Bonfim (Baía) . . . . .	98	77	—
8.385, ♂ ad., Pirapora (Minas Gerais) . . . . .	105	93	59
15.067, ♂, Inhumas (Goiás) . . . . .	106	89	61
27.859, ♀, Rio Verde (Goiás) . . . . .	99	98	59
16.228, ♂, Nova Roma (Goiás) . . . . .	102	86	62

#### **Sittasomus griseicapillus reiseri** Hellmayr

*Sittasomus griseicapillus reiseri* Hellmayr, 1917, Verhandl. Orn. Gesells. Bayern, XIII, p. 190: Pedrinha (sul do Piauí).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 27 (1951).

#### **Dendrocincla fuliginosa taunayi** Pinto

*Dendrocincla taunayi* Pinto, 1939 Boletim Biológico, Nova Série, IV, p. 190: Tapera (Pernambuco, perto de Recife).

(1) Alfr. Laubmann, *Wissens. Ergebn. Denks.*, Gran-Chaco Exped., Vögel, p. 198 (1930).

(2) J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, N.º 728, p. 9 (1934).



São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Depois que descrevemos esta subespécie com base num ♂ adulto por nós colecionado em Tapera, não muito longe de Recife, uma ♀ foi conseguida por H. Berla, na mesma região (Igarauçu) <sup>(1)</sup>. O exemplar obtido agora em Alagoas, ao que parece o terceiro conhecido, confirma as características apontadas na descrição original <sup>(2)</sup>, a que remetemos os mais interessados no assunto. Passando em revista as formas do grupo, tivemos já a oportunidade de apontar as razões que nos levaram a incluir no grupo *fuliginosa* não só a ave nordestina, como também a forma baiana, tida geralmente por boa espécie sob o nome de *D. turdina* <sup>(3)</sup>. Não há necessidade de voltar à discussão do tema, tanto mais quanto as nossas conclusões parece não terem sido até aqui objeto de apreciação da parte dos ornitologistas.

### Família FURNARIIDAE

#### **Furnarius leucopus assimilis** Cabanis & Heine

*Furnarius assimilis* Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 22: "Brasilien" (pátria típica Baía, suger. por Hellmayr).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de nov. 4 (1951). Medidas: asa 84, cauda 56, bico 20 mm.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951). Medidas: asa 88, cauda 60, bico 19 mm.

Diferem estes dois exemplares dos da série baiana pelo colorido mais carregado (menos aruivado) do pileo, que só na região frontal se mostra acentuadamente tingido de ruivo. Essa particularidade parece ocorrer aqui e acolá na área da subespécie, havendo Hellmayr <sup>(4)</sup> de há muito chamado a atenção para ela em dois exemplares de Cocos, interior do Maranhão. Todavia, em nossos exemplares de Alagoas o pileo está longe de apresentar a côr denegrada observada por Hellmayr e por nós nas aves do Rio Araguaia, que por isso aventuramos separar, faz pouco tempo, como raça particular, sob a rubrica de *F. leucopus araguaiae* Pinto & Camargo <sup>(5)</sup>. Um ♂ de Pacoti, na Serra de Baturité (Estado do

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nacional, Zoologia*, n.º 65, p. 12 (1946).

(2) Publicada primeiramente no *Boletim Biológico*, Nova Ser., vol. IV, N.º 2, p. 190, aparece depois transcrita no tomo I (1940), art. 5, pag. 248 dos *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, como parte do nosso estudo sobre as aves trazidas de Pernambuco em 1939.

(3) Cf. Pinto, *Arq. de Zoologia do Est. de São Paulo*, V, pp. 417-22 (1947).

(4) C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 347 (1929).

(5) O. Pinto & E. A. Camargo, *Papéis Avulsos do Dept. de Zool.*, X, p. 217 (1952).

Ceará), confirmando ainda a velha observação de Hellmayr <sup>(1)</sup> em material da mesma procedência, não se distingue dos de Joazeiro e Bonfim, localidades ambas do norte da Baía.

### **Furnarius figulus figulus** (Lichtenstein)

*Turdus figulus* Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 40: Baía.

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ad., de out. 11 e 12; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 28 e 1 ♀ ad., de nov. 5 (1952).

### **Synallaxis ruficapilla infusata** Pinto

*Synallaxis ruficapilla infusata* Pinto, 1950, Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia, XI, p. 363: Vitória de Santo Antão (Estado de Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Não nos consta que esta subespécie, das mais conspicuamente caracterizadas, haja sido colecionada depois de seu descobrimento por nós, em Pernambuco. Os dois exemplares alagoanos agora registrados estendem sua distribuição em direção ao sul e confirmam a firmeza de características por nós apontadas ao descrever a raça nordestina de *S. ruficapilla*, espécie cuja forma típica, há muito conhecida, está confinada aos Estados meridionais do Brasil e parece nunca ter sido notificada ao norte do Espírito Santo.

### **Synallaxis frontalis frontalis** Pelzeln

*Synallaxis frontalis* Pelzeln, 1859, Sitzungsab. math. naturw. Kl. Akad. Wiss. Wien, XXXIV, p. 117 (nome novo para *Parulus ruficeps* Spix, não *Sphenura ruficeps* Licht.): Rio São Francisco (Minas Gerais).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ad., de out. 28 e 30 (1951); ? 1 ♂ e 1 ♀ jovens, respectivamente de out. 29 e 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Os exemplares adultos não deixam margem a dúvida; mas o casal de juvenis só hipoteticamente são referidos a *S. frontalis*, visto que só nas pequenas coberteiras superiores das asas apresentam tinta ferruginosa evidente; no píleo só arrepiando as penas descobrem-se alguns vestígios de ferrugem. As rectrizes, muitas das quais ainda em curso de crescimento, são cinzento-pardas como as partes superiores, sem qualquer sinal de ferrugem.

<sup>(1)</sup> V. *Catal. of Birds of the Americas* (Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII), pte. IV, p. 19, nota a (1925).

**Synallaxis scutata scutata** Sclater

*Synallaxis scutata* Sclater, 1859, Proc. Zool. Soc. Lond., XXVII, p. 191:  
"Brazil" (= Baía, teste Hellmayr).

Palmeira dos Índios: 2 ♀ ♀ ad., de nov. 1 e 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

*Synallaxis scutata* ocorre sabidamente no Ceará e na Baía; mas parece nova para os Estados nordestinos intermédios.

**Certhiaxis cinnamomea cearensis** (Cory)

*Synallaxis cinnamomea cearensis* Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 340: Juá (Ceará, perto de Igatu).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 13 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ imatura, de out. 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀, de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 20 (1952).

Semelhantes aos de Pernambuco e interior da Baía.

**Phacellodomus rufifrons specularis** Hellmayr

*Phacellodomus rufifrons specularis* Hellmayr, 1925, Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, parte 4, p. 160: Pau d'Alho (Pernambuco, perto de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3<sup>o</sup> (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 7 e 10; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 7 e 10 (1951).

**Automolus leucophthalmus lammi** Zimmer

*Automolus leucophthalmus lammi* Zimmer, 1947, Proc. Biol. Soc. Wash., LX, p. 100: Recife (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀, respectivamente de 26 e 27 de set. (1952):

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 30 (1952).

Os presentes exemplares, do mesmo passo que confirmam as características assinadas por Zimmer à subespécie pernambucana de *Automolus leucophthalmus*, ampliam-lhe um pouco para o sul a área de dispersão. Pelo seu colorido geral mais sombrio e partes superiores muito menos ferruginosas (mais brunas, com tendência apreciável a oliváceo), *A. leucophthalmus lammi* distancia-se das populações baianas pertencentes restritivamente a *A. leucophthalmus leucophthalmus*, de que *A. l. bangsi* Cory deve considerar-se sinônimo. Como observa Zimmer, revela *A. leucophthalmus lammi* evidente aproximação com *Automolus infuscatus*, pássaro amazônico que nos parece valeria incluir desde já no mesmo grupo, rebaixando-o a subespécie. Mais para o sul, a partir do Estado do

Espirito Santo, tal como o referido ornitologista foi também o primeiro a apontar, a raça típica passa a ser gradativamente substituída por *A. l. sulphurascens* Licht., forma fracamente caracterizada, cuja diferenciação se opera em sentido inverso ao de *A. l. lammi*, apresentando conseqüentemente colorido mais claro do que o de *A. l. leucophthalmus*, com especialidade o das rectrizes. Do que se conclui, partindo do norte para o sul, adquirirem as populações plumagem cada vez mais clara. Não obstante, para demonstrar a complexidade das mutações experimentadas pela espécie, um ♂ adulto de Ubatuba (litoral norte de São Paulo) coligido pelo Serviço Nacional da Febre Amarela (Dr. Leoberto Castro Ferreira col., 27-VII-1941), a despeito de provir da área que racionalmente deveria pertencer a *A. l. sulphurascens*, tanto na tonalidade pardo-cinamômea das costas, como na côr ferrugínea çarregada da cauda, é de tódo inseparavel dos de Ilhéus.

***Xenops minutus alagoanus* nov. subsp.**

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de set. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de out. 15 e 16 (1951).

DIAGNOSE — Muito semelhante a *Xenops minutus genibarbis*, do distrito este-paraense, mas diferindo dêle pela coloração menos escura (mais pardo-arruivada) do alto da cabeça, ausência completa de estriações no píleo, e tamanho um pouco menor em média (asa 55 a 62 mm., em vez de 60 a 67 mm.).

TIPO — N.º 36414 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, da Fazenda Canoas, no vale do Rio Pratagi (Estado de Alagoas, município de Rio Largo), col. por O. Pinto (E. Dente prep.) em 16 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso pardo-arruivado ("Brussels Brown" de Ridgway), passando-a canela ("Cinnamon Rufous") no uropígio; píleo da cor do dorso, sem estriações, mas com a porção central das penas levemente arruivada; região auricular pardo-olivácea, marcada de finas estriações longitudinais; lista superciliar brancacenta, lavada de ferrugem; lista malar branco-puro; partes inferiores pardo-oliváceas ("Dresden Brown"); mento e garganta brancacentos, manchados distintamente de pardo-oliva; primárias (asa vista de cima) pretas, com larga nódoa cor de canela no trechô médio (prolongando-se até a ponta na barba externa das primárias externas) e a porção subterminal tingida mais levemente da mesma cor; rectrizes centrais côr de ferrugem, as dos 2 pares seguintes negras, as do quarto par um pouco menos escuras e manchadas de ferrugem na ponta; as dos dois pares externos cor de



ferrugem clara; supracaudais cor de ferrugem; tíbias da cor do abdome, com a porção inferior tingida de ferrugem; encontros e coberteiras inferiores das asas cor de ferrugem clara; patas pardo-escuras, bico da mesma cor, com a base da mandíbula esbranquiçada. Medidas: asa 60, cauda 50, bico (culmen exposto) 12 mm.

OBSERVAÇÕES — A forma que mais se aproxima desta nova subespécie é, como ficou dito, *X. minutus genibarbis*, raça cuja distribuição abrange a porção mais baixa da margem meridional do Amazonas, o leste do Pará (distrito de Belém etc.) e o norte do Maranhão. Nosso exemplar deste último Estado, oriundo de Miritiba, sugere transição com *X. m. alagoanus*, quase não apresentando estriações no píleo. A outra subespécie cuja comparação se impõe com a agora descrita é *X. minutus minutus*, de distribuição mais meridional (Baía a Santa Catarina); mas a raça este-brasileira, tendo de comum com *alagoanus* a ausência de estrias no píleo, destaca-se da última à primeira vista pela sua garganta alva, quase imaculada, e pelo tom mais arruivado das partes superiores, afora outras diferenças.

É de toda probabilidade pertencer à forma agora descrita o pássaro alistado por Donald W. Lamm <sup>(1)</sup> como *Xenops minutus (genibarbis?)* em seu conhecido trabalho sobre a ornitologia de Pernambuco e Paraíba.

#### ***Sclerurus caudacutus caligineus* nov. subsp.**

Mangabeira (Sinimbu): 1 “♂?” ad., de nov. 7; 1 ♀ imat., de nov. 17; 1 ♀ juv., de out. 28 (1952).

DIAGNOSE — Parecido com *Sclerurus caudacutus umbretta*, da Baía e Espírito Santo, mas diferindo à primeira vista pela cor muito mais escura, oliváceo-fuliginosa (em vez de bruno-arruivada) da plumagem, retrizes pretas, quase sem mistura de pardo, e menor quantidade de branco na garganta.

TIPO — N.º 36.415 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂, aparentemente adulto, de Mangabeiras (Engenho Sinimbu), col. por E. Dente, em 17 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores, asas inclusive, oliváceo-fuliginosas (“Mummy Brown” de Ridgway), com banho leve de ruivo, passando a castanho-arruivado (“Mars Brown”) no uropígio; píleo um pouco mais arruivado, principalmente na frente e na nuca; lados da cabeça, loros, malares ruivo-pardacentos; partes inferiores oliváceo-fuliginosas, um pouco mais rufescentes que as superiores, principalmente no peito e no crisso; mento e porção

(1) Cf. *The Auk*, LXV, p. 272 (1948).

contígua da garganta esbranquiçados, com as penas oureladas de escuro, dando ao conjunto aspecto escamoso; coberteiras superiores da cauda castanho-ruivas; ditas inferiores das asas pardo-aliváceas; rectrizes escuras, quase pretas; pernas e bico cor escura de chifre.

OBSERVAÇÕES — Pena é tenham vindo apenas três exemplares pássaro, aparentemente o primeiro do gênero *Sclerurus* registrado na região nordestina entre Ceará e Baía. É possível que indivíduos mais erados venham a mostrar com referência aos do sul da Baía (Ilhéus, Itabuna, Rio Jucuruçu), com que comparamos os de Alagoas, diferenças menos sensíveis do que as consignadas em nossa descrição. Temos porém pouca dúvida de que as aves alagoanas continuarão a justificar a sua separação em subespécie particular à vista da tonalidade acentuadamente escura da plumagem, em oposição às da Baía, cuja coloração é mais clara, e muito mais tingida de canela (“Cinnamon Brown x “Prout’s Brown”), a das rectrizes inclusive. *S. caudacutus caligineus* põe-nos diante de interessante problema da variação da espécie, que se sabe representada no baixo Amazonas por *Sclerurus caudacutus pallidus* Zimmer, cuja plumagem é mais clara do que a de *S. c. umbretta*.

#### Família FORMICARIIDAE

##### **Taraba major stagurus** (Lichtenstein)

*Lanius stagurus* Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 45: Baía.

Palmeira dos Índios: 3 ♀ ♀ ad., de out. 29, nov. 1 e 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 24, 28 e nov. 12 (1952).

É essa a subespécie encontrada em todo o nordeste brasileiro, desde o Maranhão até o Espírito Santo e Minas Gerais. O número e tamanho das pintas brancas nas margens das rectrizes centrais dos ♂ ♂ adultos varia muito; o nosso exemplar de 28 de outubro apresenta-as bastante grandes, mórmente na barba interna, ao passo que no de 12 de novembro apenas se observa uma pequena nódoa branca apical. À presente forma pertencem, sem nenhuma dúvida, as 2 ♀ ♀ por nós colecionadas em Tapera (Per-nambuco). <sup>(1)</sup>

##### **Thamnophilus doliatus capistratus** Lesson

*Thamnophilus capistratus* Lesson, 1840, Rev. Zool., III, p. 226: “Brésil”  
(como pátria típica Baía, suger. por Pinto, 1938).

<sup>(1)</sup> Cf. Pinto, *Arquivos de Zoologia*, vol. I, art. 5, p. 251 (1940).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7; 3 ♀ ♀ ad., de nov. 7, 9 e 10 (1951).

No ♂ único obtido na fazenda Riachão, ao inverso do que é regra nos da presente raça, não só as retrizes centrais, mas também a maioria dos demais apresentam nódoas marginais brancas, pequenas embora, em ambas as barbas. Fora disso, há concordância dele com 1 ♂ da Baía, também o único da mesma forma com que nos é dado comparar o de Alagoas. Ambos se harmonizam, aliás, na escassez de faixas pretas nas partes inferiores, cujo fundo é branco, sem mescla de cinza.

**Thamnophilus aethiops distans** subsp. nov.

*Thamnophilus aethiops incertus* Berla (*nec* Pelzeln), Bol. Mus. Nacional do Rio de Janeiro, LXV, p. 13: Dois Irmãos (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♂ ad., de nov. 27 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 16 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ imat., de out. 24 e nov. 7 e 13; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 6 e 13 (1952).

DIAGNOSE — Parecido com *Thamnophilus aethiops incertus* da margem direita do baixo Amazonas, mas diferindo dêle ao primeiro lance de olhos pelo colorido muito mais carregado da plumagem de ambos os sexos, e pela presença de pequenas nódoas brancas apicais em muitas das pequenas coberteiras superiores das asas dos machos adultos.

TIPO — N.º 36.416 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto de São Miguel dos Campos (Estado de Alagoas, ao sul de Maceió) colecionado por O. Pinto, em 27 de setembro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores plúmbeo-ardosiadas escuras (“Blackish Plumbeous”), passando a plumbeo-anegradas (“Plumbeous Black” de Ridgway) no alto da cabeça, e a ardosiadas (“Dark Plumbeous”) no uropígio; partes inferiores plumbeo-ardosiadas no peito, clareando em direção ao abdomen, que é cinzento-ardosiado claro, como também o mento; primárias anegradas, com a margem externa orlada de cinzento; retrizes cinzento-ardosiadas, com a barba interna escurecida; as laterais com a ponta manchada de branco; coberteiras superiores das asas pretas, muitas delas com uma minúscula nódoa apical branca; encontros das asas manchadas de nódoas brancas, muito maiores que as das coberteiras subjacentes; coberteiras inferiores das asas plumbeas, manchadas de branco; coberteiras superiores e inferiores da cauda cinzento-ardosiadas claras, com a orla terminal distintamente esbranquiçada, bico e pés pardo-escuros.

OBSERVAÇÕES — Comparadas com uma ♀ de *T. aethiops incertus*, de Capanema (Pará, proximidades de Belém), as de *T. a. distans* se destacam fortemente pelo colorido geral muito mais carregado, nitidamente intermediário entre o daquela subespécie este-paraense e o de *T. a. polionotus* da margem septentrional do baixo Solimões. O peito é acanelado-pardo (“Cinnamon-Brown”) em *distans*, pardo-arruivado (“Ochraceous-Tawny”) em *incertus*, castanho-ferrugineo (“Russet”) em *polionotus*; o abdomen é pardo-arruivado em *distans*, fulvo-acinzentado em *incertus* e acanelado claro (“Tawny”) em *polionotus*. O píleo é de um ferrugíneo mais carregado em *distans* do que em *incertus*; o dorso, pardo-ferrugíneo em *distans*, em *incertus* é muito mais claro, com mistura evidente de cinza (na ♀ de Capanema). Em *polionotus*, o píleo, ainda muito mais carregado do que em *distans*, é castanho-chocolate, enquanto que o dorso, pardo-castanho naquele, é pardo-ferruginoso no último. Mais pormenores sobre as características das raças anteriormente conhecidas podem ser procurados no estudo crítico a que nos levou o casal de *T. a. incertus* obtido em Capanema (¹).

A subespécie que agora descrevemos deverão seguramente pertencer tres ♂ ♂ e uma ♀ de Dois Irmãos (Pernambuco, próximo de Recife), colecionados por H. Berla e por êle determinados como *T. a. incertus*. À vista das diferenças que apresentamos entre a raça este-paraense e a nordestina, fica-nos a suposição de que faltasse ao mencionado autor exemplares de *incertus* com que pudesse comparar os seus.

### ***Thamnophilus punctatus pelzelni* Hellmayr**

*Thamnophilus punctatus pelzelni* Hellmayr, 1924, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. 3, p. 96: Abrilongo (Estado de Mato Grosso, perto de Chapada).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 3 ♀ ♀ ad., de set. 27 e 29 e out. 4 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 4 e 8; 1 ♀ ad., de nov. 9 (1952).

Nos ♂ ♂ de Alagoas, não só as rectrizes centrais, mas também algumas das intermediárias, apresentam a barba interna inteiramente negra, ou senão com simples vestígio da nódoa marginal branca. Entram assim corretamente na definição que para a presente raça dá o velho esquema por nós apresentado com o fim de facilitar o seu reconhecimento entre as mais afins (²).

(¹) Pinto, *Arquivos de Zoologia*, V, p. 443-44 (1947).

(²) V. *Rev. do Museu Paulista*, XVII, 2.ª parte, pp. 62-65 (1932).



**Thamnophilus caerulescens cearensis** (Cory)

*Erionotus cearensis* Cory, 1919, Auk, XXXVI, p. 88: Serra de Baturité (Ceará).

Riachão (Quebrangulo): 4 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 9, 11 e 11; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Concordam os quatro ♂ ♂ entre si e com dois indivíduos topotípicos, do mesmo sexo, colecionados na Serra Baturité pelo Serviço Nacional da Febre Amarela; a ♀ de Alagoas, por sua vez, em nada difere da coligida por nós em Tapera (Pernambuco), e ao depois minuciosamente estudada no relatório crítico das aves colecionadas em Pernambuco (1). Temos agora, por conseguinte, apôio bastante sólido para os pontos de vista que nos fizemos concluir então pela sionímia entre *T. c. cearensis* e *T. c. pernambucensis* Naumburg.

**Thamnophilus torquatus** Swainson

*Thamnophilus torquatus* Swainson, 1825, Zool. Journ., II, p. 89: Urupé (norte da Baía).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Espécie largamente espalhada pelo Brasil oriental e central, mas ainda não verificada nos Estados nordestinos, exceção feita de Pernambuco.

**Dysithamnus mentalis emiliae** Hellmayr

*Dysithamnus mentalis emiliae* Hellmayr, 1912, Abhandl. math.-physik. Kl. Bayr. Akad. Wiss., XXVI, n.º 2, p. 92: Santo Antônio do Prata (local típica), Flor do Prado, Rio Capim (locals. todas da região de Belém do Pará).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de 29 e ? de set.; 2 ♀ ♀ ad., de 28 e 29 de set. (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de 8 de nov. (1951).

O abdome quase branco (levemente tingido de amarelo mostarda em direção ao crisso) e o colorido cinzento quase puro do dorso (apenas levemente tingido de oliváceo na metade posterior) distingue facilmente *D. mentalis emiliae* da forma típica da espécie. Nesta última, afora medidas possivelmente superiores em média (nossa experiência demonstra que neste particular as diferenças encontradas são insignificantes), as partes superiores, exceção feita do píleo, são mais ou menos intensamente tingidas de oliváceo e as inferiores francamente amarelas. No que respeita ao cinzento do píleo, se em *emiliae*, como observou Hellmayr, for êle efetiva-

(1) Pinto, *Arquivos de Zoologia*, I, p. 252-3 (1940).

mente mais escuro, essa diferença dificilmente se verifica em nosso material.

Já agora é possível estabelecer de modo aparentemente satisfatório a área de dispersão de *D. m. emiliae*, cujo tipo, como se sabe é de Santo Antônio do Prata, não longe de Belém do Pará. Ao tempo em que o saudoso Dr. Hellmayr passou em revista a avifauna do nordeste brasileiro <sup>(1)</sup>, admitia-se que ela estivesse confinada à porção mais oriental da Hiléia, não ultrapassando o oeste do Maranhão; anos mais tarde, em fevereiro de 1941, um exemplar autêntico da raça este-paraense foi colecionado na Serra de Baturité, no Estado do Ceará, pelo pessoal do Serviço da Febre Amarela (exemplar n.º 33377 da Col. Ornitol. do Dept. de Zoologia); mais perto de nós, em agosto e outubro de 1944, colecionou-a H. Berla <sup>(2)</sup> em Pernambuco, não longe de Recife (Dois Irmãos); finalmente, em nossos dias, coube ao Departamento de Zoologia verificar a presença dela no leste de Alagoas, através dos exemplares colecionados pelo Autor e seu auxiliar E. Dente.

### **Thamnomanes caesius caesius** (Temminck)

*Muscicapa caesia* Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., livr. 3, pl. 17, fig. 1 (♂) e 2 (♀): Baía (exempls. do príncipe de Wied).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15; 2 ♀♀ ad., de out. 11 e 12 (1951).

Inseparáveis dos do sul da Baía (Ilhéus, Rio Jucuruçu) e Espírito Santo (Rio Doce, etc.). O pássaro ocorre ainda sem variação mais para o norte, já tendo sido encontrado em Pernambuco, por H. Berla.

### **Myrmotherula axillaris luctuosa** Pelzeln

*Myrmotherula luctuosa* Pelzeln (*ex* Temminck MS.) 1868, Orn. Bras., II, pp. 82 e 153, em parte (só a descr. do ♂): Baía (Sellow col.).

São Miguel: 3 ♂♂ ad., de set. 27, 30 e out. 4 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Us. Sinimbu): 2 ♂♂ ad., de out. 26 (1952).

Ocorre em quase toda faixa oriental atlântica, desde o Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais, até Pernambuco, onde tem sido encontrado por todos os colecionadores.

### **Myrmorchilus strigilatus strigilatus** (Wied)

*Myiothera strigilata* Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, (2), p. 1064: "Sertong der Provinz Bahia".

<sup>(1)</sup> Pinto, *Arquivos de Zoologia*, I, pp. 252-3 (1940).

<sup>(1)</sup> C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist. Publ. Zool. Ser.*, vol. XII, p. 370 (1929).

<sup>(2)</sup> H. Berla, *Bol. Mus. Nacional*, n.º 65, p. 14 (1946).

Palmeiras dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

Peculiar às regiões campestres do interior do nordeste brasileiro, desde o norte da Baía (Barra do Rio Grande, Joazeiro) ao sul do Piauí e do Ceará. D. W. Lamm incluiu-o entre os pássaros por êle observados em Pernambuco, informando ser bastante comum nos arredores de São Caetano.

### **Formicivora grisea grisea** (Boddaert)

*Turdus griseus* Boddaert, 1873, Tabl. Pl. enlum., p. 39 (com base em "Le Grisin de Cayenne", de Buffon e Daubenton Pl. enlum. 643, fig. 1 (= ♂): Cayenne.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

Largamente difundida pelo Brasil septentrional e central, estendendo-se até às Guianas.

### **Formicivora melanogastra bahiae** Hellmayr

*Formicivora melanogastra bahiae* Hellmayr, 1909, Bull. Brit. Orn. Cl., XXIII, p. 65: Lamarão (interior da Baía, não muito longe da cid. do Salvador).

É dos pássaros característicos do sertão sêco do nordeste, ocorrendo do norte da Baía ao sul do Piauí, mas ainda não registrado nos litorâneos intermédios, com exceção do Ceará (Juá, perto de Igatu).

### **Pyriglena leucoptera pernambucensis** Zimmer

*Pyriglena leucoptera pernambucensis* Zimmer, 1931, Amer. Mus. Novit., n.º 509, p. 10: Brejão (Estado de Pernambuco).

São Miguel: 3 ♂ ♂ ad., de set. 28, 29 e out. 5; 1 ♂ imat., de set. 28; 3 ♀ ♀ ad., de out. 5 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 24, 31 e nov. 3; 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).

Ao estudar os exemplares (2 ♂ ♂ e 1 ♀) por nós colecionados em Pernambuco anos atrás, podemos apreciar as diferenças que separam a raça nordestina da forma típica, embora esta última estivesse representada apenas por um ♂ de Utinga (Pará, prox. de Belém), e dois de Miritiba (norte do Maranhão). Infelizmente, nenhum material adicional recebemos de *P. leucoptera leuconota*, pelo que nada importante haveria a acrescentar hoje à observação anterior. A ausência de branco nas coberteiras superiores das asas dos ♂ ♂, e a presença de larga nódoa branca semi-oculta no dorso das ♀ ♀, caracteres comuns às subespécies paraense e pernambucana, separam

golpeantemente *P. l. leuconota*, e *P. l. pernambucensis* de *P. l. leucoptera*, do Brasil meridional. *Pyriglena atra*, forma primitiva do Recôncavo da Baía, serve de liame aparente às companheiras de grupo, assemelhando-se às duas primeiras na falta de branco nas coberteiras superiores das asas dos ♂♂, e aproximando-se da última na ausência de nódoa branca na região interescapular das ♀♀. Ademais, a alopatria de todas estas formas é, mau grado o valor das diferenças apontadas, forte convite para que, a exemplo de Zimmer, a todas se dê o tratamento de simples variedades geográficas de uma e mesma espécie.

### **Myrmeciza ruficauda soror** Pinto

*Myrmeciza ruficauda soror* Pinto, 1940, Arqu. de Zool. do Est. de São Paulo, I, p. 256: Fazenda São Bento (Pernambuco, perto de Tapera e não longe de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂♂ ad., de out. 25 e nov. 9 (1952).

Esta pequena série, constituída, infelizmente, apenas de ♂♂, pelas variações individuais de que dá o testemunho, atenua as diferenças que observamos há anos num ♂ de Tapera (Pernambuco), tomado por nós como tipo de uma raça particular. Nenhum dos exemplares de Alagoas alcança as medidas do de Pernambuco; mas a diferença para menos é em alguns deles insignificante, reduzindo-se a 2 mm., no que respeita à asa. Ainda assim, a rufescência da plumagem é menos acentuada do que em *M. ruficauda ruficauda*, da Baía e Espírito Santo, especialmente nas rêmiges, que se apresentam mais escuras, com mistura visível de pardo-oliváceo. H. Berla, (op. cit., p. 16) no estudo das aves por êle coligidas em Pernambuco, aceitando a subespécie, descreve-lhe a ♀, com base em três exemplares de São Bento (Tapera) e Igarauçu (Usina São José).

### **Formicarius colma ruficeps** (Spix)

*Myiothera ruficeps* Spix, 1824, Av. Bras., I, p. 72, tabl. LXXII, fig. 1: sem indic. de localidade.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂♂ ad., de nov. 9, 13 e 15; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1952).

As matas do sul da Baía marcavam o limite septentrional da área conhecida deste bonito formicariíida, enquanto a sua presença no nordeste não havia sido verificada através de dois ♂♂ adultos,



coleccionados por H. Berla (1), no leste de Pernambuco (Igarauçu).

A razão parece estar com Zimmer quando faz de *F. ruficeps* (Spix) subespécie de *F. colma*. Com efeito, a extensão da côr ferrugínea do píleo à região frontal dos juvenis de *colma* (como aliás o atesta a estampa de Daubenton, base da espécie de Boddaert) é prova do parentesco muito estreito existente entre a ave guianense-amazônica e a sua representante este-brasileira.

### Família CONOPOPHAGIDAE

#### **Conopophaga melanops nigrifrons** subsp. nov.

*Conopophaga melanops perspicillata* Berla (não de Lichtenstein), 1946, Bol. do Mus. Nacional do Rio de Janeiro, Zoologia, n.º 65, p. 17: Dois Irmãos, prox. de Recife (Pernambuco).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 29 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 22 e nov. 7 (1952).

Este material prova pertencer a uma subespécie particular que, sob a denominação acima, a seguir descreveremos.

DIAGNOSE — Machos diferindo dos de *C. melanops perspicillata* Licht., da Baía, pela tonalidade decididamente cinzento-ardosiada do dorso, pela confluência do branco da garganta com o do abdomen (o que restringe o cinzento aos flancos) e, principalmente, pela extensão muito maior da barra frontal negra. Fêmeas com as partes superiores mais claras, mais oliváceas (menos ocráceas), inclusive o píleo, cujo colorido será, quando muito, algo acinzentado (sem nenhuma mistura distinta de ocre); as inferiores também mais claras, com o mento e a porção central do abdomen brancos.

TIPO — N.º 36.417 da Coleção Ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, de Mangabeira, na Usina Sinimbu (sudeste do Estado de Alagoas), coleccionado por E. Dente, em 7 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso cor de cinza, quase pura na região interescapular, e misturando-se progressivamente de oliváceo no baixo dorso e dos lados; coberteiras mais externas do dorso às vezes com a barba externa orlada de preto; píleo cor de canela ("Tawny") no centro, passando a amarelo-ocre ("Yellow-ocher") na periferia; fronte negra, numa altura não menos de 4 milímetros (em vez de 1 a 2 mil., como em *perspicillata*) e prolongando-se sobre os olhos em largo supercílio da mesma cor; loros, bochechas e regiões auriculares igualmente denegridas; primárias cinzento-es-

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nac.*, n.º 65, p. 16 (1946).

curas, com as bordas tingidas de oliváceo; primária externa com a barba externa largamente orlada de branco; secundárias e terciárias cinzento-escuras, com a porção exposta tingida de oliváceo e às vezes com vestígio da mancha apical clara peculiar à ave imatura; coberteiras superiores internas das asas cor de canela, contrastando com as externas, cinzento-escuras; barba externa da coberteira superior marginal das asas branca (como a da primária externa); mento e garganta brancos imaculados; parte média do peito e do abdomen branca como a garganta, e em continuidade com esta; lados do peito e do abdomen cor de cinza intenso; crisso e tíbias cor de cinza mais claro, sem mescla apreciável de pardo ou ocráceo; coberteiras da cauda brancas; bico escuro, quase preto; pés plumbeo-pardacentos; coberteiras inferiores das asas brancas, excetuadas as mais externas, cinzento-denegridas. Medidas: asa 66, cauda 28, culmen 13 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — Dúvida não ha de que à presente subespécie deve pertencer o exemplar único, um ♂ adulto, obtido por H. Berla em Pernambuco (Dois Irmãos, perto de Recife), e por êle alistado como *C. melanops perspicillata* <sup>(1)</sup>. Como também é impossível deixar de reconhecer, pelo material que temos em mãos, diferenças subespecíficas entre os exemplares baianos (Ilhéus) e os de Alagoas. A forma típica, cuja área se estende do Espírito Santo e leste de Minas à faixa litorânea de São Paulo, deixa-se facilmente reconhecer, no sexo masculino pela extensão do capacete canelino do píleo até à base do bico, e no feminino pela tonalidade francamente arruivada do píleo, em contraste com o dorso, predominantemente azeitonado.

#### Família COTINGIDAE

##### ***Attila spadiceus uropygiatus* (Wied)**

*Muscicapa uropygiata* Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 868: baixo Rio Doce (Estado do Espírito Santo).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 31 e nov. 9; 1 ♀ peq., de nov. 3 (1952).

É essa, que nos conste, a primeira vez que se registra a ocorrência de *A. spadiceus* no nordeste brasileiro. As medidas dos espécimes alagoanos, como o mostra a nossa tabela, assinam-lhes posição natural ao lado dos oriundos do sul da Baía e do Espírito Santo, o que vem estender consideravelmente para o norte a área geográfica da subespécie descoberta pelo príncipe Maximiliano. Como ensina Hellmayr, a plumagem de *A. s. uropygiatus* está sujeita às mes-

(1) H. Berla, *Bol. Mus. Nacional*, n.º 65, p. 17 (1946).

mas extraordinárias variações individuais encontradas na forma típica; os exemplares trazidos de Alagoas fornecem bom exemplo desse fato, pois enquanto os ♂♂ de outubro (1951 e 1952) exibem o colorido predominantemente verde correspondente a “*viridescens*”, o ♂ de novembro (1952) apresenta a plumagem cinzenta de “*spodiostethus*”, e a ♀ do mesmo mês a coloração rufescente de “*uro-pygialis*”.

#### MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Attila spadiceus spadiceus</i>			
17.850, ♂, Lago do Batista (Rio Madeira) . . . . .	87	68	19
23.395, ♀, João Pessoa (alto Juruá) . . . . .	82	64	20
36.093, ♀, Utinga (Pará, prox. de Belém) . . . . .	82	66	19
<i>Attila spadiceus uropygiatus</i>			
37.444, ♂, Rio Largo (Alagoas) . . . . .	99	78	22
37.445, ♂, Usina Sinimbu (Alagoas) . . . . .	93	75	22
37.447, ♂, Usina Sinimbu (Alagoas) . . . . .	92	70	20
37.446, ♀, Usina Sinimbu (Alagoas) . . . . .	85	66	26
24.639, ♂, Santa Cruz (Espírito Santo) . . . . .	94	74	21
33.440, ♂, Colatina (Espírito Santo) . . . . .	95	72	21
33.439, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo) . . . . .	90	71	20

#### **Casiornis fusca** Sclater & Salvin

*Casiornis fusca* Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 57 e 59: “Bahia” (como localidade típica foi sugerida Bonfim, antiga Vila Nova da Rainha) (1)

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

Como já observara Hellmayr (2), apesar da grande semelhança que há entre esta espécie nordestina e *C. rufa*, sua representante centro-brasileira, a superposição parcial das respectivas áreas de dispersão não consente considerá-las simples “variedades geográficas”.

#### **Rhytipterna simplex simplex** (Lichtenstein)

*Muscicapa simplex* Lichtenstein, 1823, Vez. Dubl. Berl. Mus., p. 53: “Bahia” (o Reconcavo da baía de Todos os Santos pode ter-se como pátria mais provável do tipo).

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Sinimbu: 3 ♂♂ ad., de out. 30 e 31, e nov. 3; 1 ♀ ad., de nov. 3 (1952).

(1) Cf. Pinto, *Catal. das Aves do Brasil*, 1.ª parte (in Rev. do Mus. Paulista, vol. XXII, p. 23 (1938)).

(2) Vide *Catal. of Bds. of the Americas* (vol. XIII das *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser.*), parte VI, p. 148, nota 2 (1929).

Até a recente verificação de sua presença em Pernambuco, por H. Berla (op. cit., p. 17), supunha-se serem as matas do sudeste da Baía o atual limite septentrional da raça este-brasileira. Os exemplares de Alagoas concordam em coloração e medidas com as da Baía (Belmonte, Itabuna, Rio Jucurucu), Espírito Santo (Rio Doce) e leste de Minas (Rio Piracicaba, Rio Matipoó), diferindo dos da subespécie amazônico-guianense apenas pela tonalidade francamente olivácea (menos cinzenta) da plumagem.

MEDIDAS (adultos, em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Rhytipterna simplex simplex</i>			
10.293, ♂, Itabuna (Baía)	93	88	16
33.449, ♂, Santa Cruz (Espírito Santo)	95	89	17
25.717, ♂, Rio Piracicaba (Minas Gerais)	100	96	16
37.449, ♀, São Miguel (Alagoas)	96	93	17
37.450, ♂, Usina Sinimbu (Alagoas)	100	95	20
37.451, ♂, " " "	103½	102	19
37.452, ♂, " " "	100	91½	18
37.453, ♀, " " "	92	88	17
<i>Rhytipterna simplex frederici</i>			
14.615, ♂, Santarem (boca do Rio Tapajós)	96	94	20
10.801, ♀, Óbidos (baixo Amazonas, marg. sept.)	98	89	19
23.538, ♂, Santa Cruz (Rio Eiru, afl. do alto Juruá)	100	98	18

**Lipaugus vociferans vociferans** (Wied)

*Tropeiro*

*Muscicapa vociferans* Wied, 1820, Reise nach Brasilien, I, p. 242 (p. 240 na edição em pequeno formato): Fazenda Pindoba (perto de Caravelas, no extremo sul do Estado da Baía).

São Miguel: 4 ♂ ad., de set. 27, 28, out. 1, 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 16 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 19; 1 ♀ ad., de nov. 7 (1952).

O "tropeiro" deveria ocorrer primitivamente em todas as áreas densamente florestadas do Brasil septentrional e ocidental. Todavia, excetuado o Estado do Maranhão, sua presença no nordeste do Brasil só há poucos anos foi notificada, através de espécimes colhidos na zona costeira de Pernambuco (Igaracu). A partir do Espírito Santo, *L. vociferans* cede lugar a *Lipaugus lanioides*, tendo havido discussão sobre a conveniência de conservar para ambos a categoria de espécies independentes. Esse procedimento nos parece ter recebido forte apóio depois que as populações bolivianas de *L. vociferans*, pelo avantajado das medidas, foram constituídas em



subespécie particular por Todd (1), com base em exemplares de Buena Vista.

**Pachyramphus viridis viridis** (Vieillot)

*Tityra viridis* Vieillot, 1816, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., III, p. 348 (baseado em Azara n.º 210): Paraguai.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

**Pachyramphus polychopterus polychopterus** (Vieillot)

*Platyrhynchos polychopterus* Vieillot, 1818, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXVII, p. 10: "Nouvelle Hollande" (local. errônea, que Hellmayr substituiu pela Baía).

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ad., de nov. 3 (1952).

Atenção deve haver para não confundir a presente espécie com *P. marginatus*, que com ela existe frequentemente lado a lado. Os ♂ ad. de *P. polychopterus*, além de não apresentarem a orla frontal e os loros branco-acinzentados dos de *P. marginatus*, têm plumagem muito mais escura, especialmente a do dorso, que é quase inteiramente preto, com exceção apenas do uropígio. Nas ♀ ad., a diferença mais marcante reside na cor do píleo, que é igual à do dorso em *polychopterus*, e mais ou menos intensamente ferrugínea em *marginatus*.

**Pachyramphus marginatus marginatus** (Lichtenstein)

*Todus marginatus* Lichtenstein, 1823, Vez. Dubl. Berl. Mus., p. 51 (= ♀): Baía.

Rio Largo: 1 ♀ ad., de out. 15 (1951).

Sabe-se por quantas alternativas tem passado a difícil questão de traduzir em correta linguagem sistemática as variações geográficas de *P. marginatus*. Hellmayr, a princípio (2), reconhecendo embora, com Sclater (3) e outros antigos observadores, que os exemplares septentrionais são, via de regra, menores, achava não ser possível subdividir a espécie com base nesta diferença; mas, poucos anos depois (4), aceitava decididamente esta divisão, restringindo a área da forma típica ao Brasil este-meridional e aceitando como boa a subespécie amazônico-guianense proposta em 1921 por Bangs

(1) J. C. Todd, *Proc. Biol. Soc. Wash.*, LXIII, p. 7 (1950). As medidas de *Lipaugus vociferans dispar* Todd (asa 136-141 mm., cauda 115-118 mm.) ultrapassam as encontradas por nós nas diferentes populações brasileiras da espécie. Cf. Pinto, *Bol. Mus. Paraense*, X, pp. 302-3 (1948).

(2) *Novitates Zoologicae*, XXXII, p. 16-7 (1925).

(3) *Catal. of the Birds of British Museum*, XIV, p. 348 (1888).

(4) *Field Museum Nat. Hist., Zool. Ser.*, vol. XII, p. 342 (1929, março).

& Penard (1), com o nome de *P. marginatus nanus*. De seu lado, e quase pela mesma época, a Sra. E. Naumburg (2), comparando material amazônico com exemplares da Baía, manifesta-se contrariamente à aceitação das duas subespécies, defendendo seu ponto de vista com a apresentação de uma tabela de medidas, em que vemos aves baianas apresentando comprimentos de asa e cauda inferiores aos encontrados na maioria dos espécimes da Guiana, Venezuela e Amazônia. Nossa observação, conforme o demonstra a tabela abaixo, é plenamente concordante com a da distinta ornitologista há poucos anos falecida. Isso não nos impede, todavia, de reconhecer para as aves da porção meridional extrema da área de distribuição da espécie, não representada no material de Naumburg, tamanhos máximos jamais encontrados nas populações septentrionais, trate-se das amazônico-guianenses ou das nordeste-brasileiras, aí incluídas as da Baía. Assim, temos que o problema aguarda ainda solução satisfatória, a qual bem poderá redundar na sinonimização de *P. m. nanus* com *P. m. marginatus*, de par com, *ipso facto*, a atribuição de um novo nome às populações sudeste-brasileiras, quiçá a partir do Espírito Santo (Rio Doce). A esta subespécie meridional ficaria bem chamar-se *Pachyramphus marginatus majusculus* subsp. nov., tomado como tipo o ♂ de Porto Cachoeiro (Estado do Espírito Santo), n.º 6143 da Col. Ornitol. do Dept. de Zoologia da Secret. da Agricultura (Est. de São Paulo).

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Pachyramphus marginatus marginatus</i>			
16.731, ♀, Manacapuru (Rio Solimões, marg. sept.)	66	50	14
23.178, ♀, Rio Juruá . . . . .	65	50	12
35.736, ♀, Rio Iquiri (afl. do alto Purus) . . . . .	65	49	13
17.863, ♀, Rio Anibá (R. Amazonas, marg. sept.) . . . . .	63	47	13
10.816, ♂, Óbidos (baixo Amazonas, marg. sept.) . . . . .	70	49	14
32.690, ♂, Oriximiná (baixo Amazonas, marg. sept.) . . . . .	73	55	13
37.465, ♀, Rio Largo (Alagoas) . . . . .	65	52	12
10.290, ♂, Itabuna (Baía) . . . . .	63	51	12½
33.469, ♂, Ilhéus (Baía) . . . . .	67	52	13
<i>Pachyramphus marginatus</i> subsp.			
6.173, ♂, Pto. Cachoeiro (Espírito Santo) . . . . .	77½	58	13
25.241, ♂, Rio Doce (Espírito Santo) . . . . .	69	55	13
28.253, ♂, Sta. Leopoldina (Espírito Santo) . . . . .	69	55	11
33.467, ♀, Pau Gigante (Espírito Santo) . . . . .	70	54	12
11.820, ♀, Rio Doce (Espírito Santo) . . . . .	65	51	13

(1) *Pachyramphus marginatus nanus* Bangs & Penard, 1921, Bull. Mus. Comp. Zool., LXIV, p. 395: Xeberos (leste do Peru).

(2) E. Naumburg, Bull. Amer. Mus. of Nat. Hist., vol. LX, p. 309 (1930).

25.239, ♀, Rio Doce (Espírito Santo) . . . . .	68	54	11
1.206, ♀, São Sebastião (São Paulo) . . . . .	73	55	13
4.841, ♀, Alto da Serra (São Paulo) . . . . .	70	58	13

**Procnias averano averano** (Hermann)

*Araponga*

*Ampelis averano*, Hermann, 1783, Tab. Affin. Anim., pp. 211 e 214 (baseado no "Averano" de Buffon): pátria típica, nordeste do Brasil (designada por Hellmayr, ex Marcgrave).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ imat., de nov. 5 (1952).

Fácil é avaliar-se o contentamento trazido por este exemplar à vista do baldado empenho que ao efetuarmos a nossa primeira viagem ornitológica a Pernambuco pudemos em esclarecer o interessante problema da ocorrência ainda hoje no nordeste brasileiro da ave que Marcgrave foi o primeiro a referir ali, sob o nome de "Guirapunga". Confirmando as nossas previsões a respeito <sup>(1)</sup>, tem-se agora não só a certeza da existência do pássaro, como ainda a prova de sua extensa distribuição primitiva por todo o este-setentrão brasileiro. Sabe-se também quão longo tempo esteve imersa em obscuridade a verdadeira identidade da espécie margraviana, e como coube a Hellmayr de uma vez deslindá-la, ao reconhecer nela exemplares obtidos no interior do Maranhão pelo Dr. Heinrich Sneathlage, nas primaveras dos anos de 1924 e 1925 <sup>(2)</sup>. Depois dessa data, já hoje recuada, não temos conhecimento de que a espécie tenha sido autenticamente registrada em algum Estado nordestino. Entretanto, desde alguns anos, temos a prova de sua presença no Ceará, através de um casal de adultos colecionados por E. G. Holt e Gentil Dutra na Serra Baturité, e doados ao Dept. de Zoologia de São Paulo pelo "Serviço de Estudos e Pesquisas Sobre a Febre Amarela" <sup>(3)</sup>. Que devia de ser a araponga de cabeça chocolate a ouvida por nós nas matas de Alagoas estávamos também convencido desde a viagem que ali fizemos no ano anterior ao em que se colecionou o exemplar presente, pois mais de um ♂ adulto da espécie observamos em Maceió, mantidos em gaiola.

O exemplar de Mangabeira (Usina Sinimbu), além de único, traz indícios evidentes de imaturidade; o que aliás não se opõe a que se mostrem bem nítidos os seus caracteres principais, como sejam o forte banho de ferrugem sobre o fundo negro do píleo, e a presença na porção baixa da garganta dos filamentos ou barbas

<sup>(1)</sup> Cf. Pinto, *Arq. de Zoologia do Estado de São Paulo*, I, p. 223, nota 1 (1940).

<sup>(2)</sup> Cf. C. E. Hellmayr, *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 345-6 (1929).

<sup>(3)</sup> Cf. O. Pinto, *Boletim do Museu Paraense E. Goeldi*, X, p. 311 (1948).

características da idade adulta. De modo geral, essas diferenças postas de lado, a plumagem do exemplar em estudo se assemelha de perto à dos imaturos de *P. nudicollis*, espécie sulina, cuja ocorrência em algum ponto do Estado de Alagoas não nos parece improvável, dada a sua presença no nordeste da Baía, na bacia do Rio Itapicuru (Bonfim). Aliás, as relações que ao sistematista se apresentam entre *P. averano* e *P. nudicollis*, formas aparentemente alopátricas, são das que lhe deixam dúvidas no espírito, que tanto poderá inclinar-se pela independência de ambas como espécies, como pela sua filiação a uma mesma unidade lineana. À análise desse problema não será supérflua a junta tabela de medidas.

MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Procnias averano averano</i>			
33.486, ♂ subad., Serra de Baturité (Ceará) .....	150	90	17
37.466, ♂ imat., Mangabeiras (Usina Sinimbu, Alagoas) .....	151	88	19
33.487, ♀ ad., Mangabeiras (Usina Sinimbu, Alagoas)	130	78	17
<i>Procnias nudicollis</i>			
7.595, ♂ ad., Bonfim (Baía) .....	158	85	19
33.484, ♀ ad., Ilhéus (Baía) .....	135	85	16
28.251, ♂ ad., Rio São José (Espírito Santo) .....	152	89	20
24.418, ♀ ad., Juquiá (São Paulo) .....	138	91	17
32.152, ♀ ad., Juquiá (São Paulo) .....	137	81	18
15.097, ♂ ad., Cananéia (litoral sul de São Paulo) .	160	89	20
26.281, ♂ ad., Lins (oeste de São Paulo) .....	159	86	21

Família PIPRIDAE

**Pipra erythrocephala rubrocapilla** Temminck

*Pipra rubrocapilla* Temminck, 1821, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 54, fig. 3  
(= ♂): "Brésil" (Baía, pátria típica designada por Hellmayr).

São Miguel: 4 ♂ ad., de set. 26, 26, 27, 27; 1 ♂ juv., de out. 4 (1951).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Sendo largamente difundida em todo o vale do Amazonas, não há notícia da ocorrência desta espécie em Estados nordestinos situados ao norte de Pernambuco, inclusive o Maranhão; isso faz supor haja de fato, nos dias atuais, descontinuidade na área de distribuição do pássaro.

A série, constituída exclusivamente de ♂ ad., confirma a observação feita por Berla (op. cit., p. 18) em Pernambuco, fazendo supor que a decidida predominância dos indivíduos deste sexo seja de regra em todas as populações, pelo menos na região nordestina.



**Chiroxiphia pareola pareola** (Linné)

*Pipra pareola* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., p. 339 (baseado precipuamente em Brisson, Orn., IV, p. 459, pl. 35, fig. 1): "in Brasilia, Cayana" (pátria típica geralmente aceita, Caiena).

São Miguel: 2 ♂ ad., de set. 28; 1 ♂ imat., de out. 1; 1 ♂ juv., de set. 27; 2 ♀ ad., de set. 27 e out. 5 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 30; 1 ♀ ad., de out. 28 (1952).

**Manacus manacus guttuosus** (Desmarest)*Rendeira*

*Pipra guttuosa* Desmarest, 1806, Hist. Nat. Tang. Manak. & Tod., livr. 6, pl. 58: nenhuma indicação de localidade (Rio de Janeiro, pátria típica sugerida por Pinto, 1944).

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ad., de out. 11 e 14; 1 ♂ juv. de out. 14 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 14 (1952).

A "rendeira" é também bastante encontrada em Pernambuco, ali tendo sido colecionada tanto por Berla como por D. Lamm, e observada por nós próprio nos arredores de Gameleira (Engenho Curuzu), por ocasião de nossa segunda excursão àquele Estado, em setembro de 1950.

**Schiffornis turdinus intermedius** subsp. nov.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 25 (1952).

DIAGNOSE — Semelhante a *Schiffornis turdinus turdinus* da Baía e Espírito Santo, mas imediatamente reconhecível pela tonalidade geral mais clara da plumagem e, principalmente, pela cor muito menos arruivada (mais olivácea) das asas (lado superior), da garganta, e do peito.

TIPO — N.º 36.589 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, das matas do município de São Miguel dos Campos, no leste do Estado de Alagoas, colecionado por E. Dente, em 1 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Partes superiores oliváceo-pardacentas, com leve mistura de tons arruivados no alto da cabeça; partes inferiores mais claras, antes oliváceo-acinzentadas, com a garganta e o alto do peito levemente tingidos de ruivo; primárias pardo-oliváceas, com as bordas externas arruivadas e a barba interna escurecida; coberteiras superiores das asas pardo-oliváceas, debruadas de pardo-arruivado claro; rectrizes pardo-oliváceas; coberteiras superior-

res e inferiores da cauda oliváceo-acinzentadas, como o abdomen; coberteiras inferiores das asas cinzentas, com as bordas brancacentas; bico todo pardo-escuro; tarsos pardos, apenas menos escuros do que o bico. Medidas: asa 101, cauda 76, culmen 13 mm.

DISTRIBUIÇÃO — Conhecido apenas das matas da porção oriental do Estado de Alagoas (nordeste do Brasil).

OBSERVAÇÕES — Os dois espécimes agora registrados ampliam de maneira insuspeitada a área coberta pelas populações extra-amazônicas de *Schiffornis turdinus*, cuja forma típica, descoberta na Baía pelo Príncipe de Wied, sabemos já, por um ♂ adulto do Rio Piracicaba, ocorrer também na região florestada de Minas Gerais compreendida na bacia do Rio Doce. No tocante às medidas, os dois exemplares de Alagoas não diferem apreciavelmente dos da Baía e Espírito Santo; mas, quanto à coloração da plumagem, apresentam eles diferenças extremamente sensíveis, já pela tonalidade geral mais clara, já principalmente pela quantidade muito menor de pardo-arruivado na garganta, no peito e nas asas. Essas diferenças colocam o pássaro de Alagoas em posição rigorosamente intermediária entre a forma típica e *S. turdinus wallacii*, do baixo Amazonas e porções mais orientais da Hiléia (norte do Maranhão).

O material constante de nossa tabela de medidas suplementa os dados apresentados por Friedmann <sup>(1)</sup> relativamente à distribuição da subespécie primeiramente descrita.

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Schiffornis turdinus turdinus</i>						
25.850, Rio Piracicaba (Minas Gerais) .	95	76	14			
28.256, Rio São José (Espírito Santo) .	97	74	13			
24.634, Linhares (Espírito Santo) . . . . .	74	72	14			
33.514, Santa Cruz (Espírito Santo) ...				97	74	15
34.564, Rio Itaunas (Espírito Santo) ...	98	76	13			
11.869, Ilhéus (Baía) . . . . .	98	75	14			
33.515, " " . . . . .	98½	80	14			
10.288, " " . . . . .				98	72	15
<i>Schiffornis turdinus intermedius</i>						
36.589, São Miguel (Alagoas) . . . . .	101	76	13			
Usina Sinimbu . . . . .	98	79	13			
<i>Schiffornis turdinus wallacii</i>						
32.687, Capanema (leste do Pará) . . . . .	90	71	13			
18.855, Caxiricatuba (baixo Tapajós) ..	90	65	12			
17.855, Aramaná (baixo Tabajós) ...				84	65	13
23.461, Rio Anibá (Amazonas) . . . . .	98	70	—			
17.856, Rio Anibá (Amazonas) . . . . .				90	65	14

(1) H. Friedmann, *Proceedings of Un. St. Nat. Museum*, vol. XCVII, pp. 497-8 (1948).

**Neopelma pallescens** (Lafresnaye)

*Tyrannula pallescens* Lafresnaye, 1853, Rev. Magaz. Zool., (2), V, p. 57: Baía.

São Miguel: 1 ♂ ? ad., de out. 3 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 11 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 20, 22, 22; 1 ♀ ? imat., de out. 29 (1952).

## Família TYRANNIDAE

**Fluvicola climazura climazura** (Vieillot)*Lavadeira*

*Oenanthe climazura* Vieillot, 1824, Galer. d'Ois., I, p. 255, pl. 157: "Brésil" pátria típica, Recôncavo da Baía, design. por Pinto, 1940, in Arq. de Zool., I, p. 259).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 3 ♀ ♀ ad., de out. 14, 15 e 17 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Pássaro caracteristicamente nordestino e dos mais comuns na orla marítima, ocorre também, como tivemos nós próprio o ensejo de observar, no Estado de Minas Gerais, ao longo do Rio Doce. Não há, todavia, testemunho de sua presença no Espírito Santo, onde com toda probabilidade se deve também encontrar. O exemplar de São Miguel foi por nós colecionado nas margens da Lagoa de Sant'Ana, ao lado de sua companheira (que não pôde ser aproveitada) e nas proximidades do respectivo ninho, construído sobre uma laranjeira, a 5 metros de altura do solo.

**Arundinicola leucocephala** (Linné)*Viuvinha*

*Pipra leucocephala* Linné, 1764, Mus. Ad. Frid., I, Prodr., p. 33: sem indicação de localidade (Surinam, pátria típica, *apud* Linné, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., I, p. 340).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 27 (1951).

Raras vezes tivemos o ensejo de avistar êste passarinho durante as nossas excursões em Alagoas; mas é de acreditar não deva ser ali menos encontradiço do que na Baía, Pernambuco e mais Estados nordestinos.

**Machetornis rixosa rixosa** (Vieillot)

*Tyrannus rixosus* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXXV, p. 85 baseado no "Suiriri" n.º 197 de Azara).

Canoas: (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

**Tyrannus melancholicus despotes** (Lichtenstein)*Siriri*

*Muscicapa despotes* Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 55: Baía.

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7; 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): - ♂ ad.?, de out. 21; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1952).

Nos ♂ ♂ do lote trazido de Alagoas vemos a asa atingir o comprimento de 10 mm., não alcançado por nenhum dos nossos exemplares da Baía, pátria típica da subespécie. Esta, como se sabe, foi reconhecida por Bangs & Penard <sup>(1)</sup> há mais de trinta anos, com base em pequenas divergências de colorido (faixa peitoral mais estreita e predominantemente amarelada, garganta cinzento mais claro) e na exiguidade relativa de tamanho, em confronto com as populações do Brasil este-meridional. Os pontos de vista de Bangs & Penard com referência ao caso são aceitos sem qualquer restrição por Hellmayr <sup>(2)</sup>, que concorda também em referir à subespécie baiana as populações amazônico-guianenses de *Tyrannus melancholicus*. Zimmer <sup>(3)</sup>, por sua vez, ao estudar o assunto com grande abundância de material, não ousou romper com o esquema traçado para as populações brasileiras da espécie, chamando todavia a atenção para as diferenças que o faziam suspeitar da existência de uma forma peculiar ao vale amazônico, com possível extensão ao nordeste do Perú, sul da Venezuela e Guianas. De nossa parte <sup>(4)</sup> não podendo fugir a tomar posição no problema, tivemos também a impressão de que as populações amazônicas, apresentando embora características sob certos pontos de vista intermediárias às de *T. m. melancholicus* e *T. melancholicus despotes*, especialmente no que tange às medidas, mais se aproximam das do sul e centro do Brasil do que das do nordeste brasileiro. Não obstante, conformando-nos com a alternativa de encaixar as populações brasileiras numa ou noutra das subespécies em questão, aventuramos alistar sob *despotes* os poucos exemplares da porção mais baixa do vale amazônico (Santarém, Belém) que tínhamos à disposição. Impugnando nosso modo de ver, é Gyldenstolpe <sup>(5)</sup> de opinião que não só as aves desta região, mas também as da margem esquerda (ou septentrional) do grande rio, concordam melhor com *despotes* do que com *melan-*

(1) Bangs & Penard, *Bull. Mus. Compar. Zool.*, LXIV, p. 378 (1921).

(2) C. E. Hellmayr, *Catalogue of Birds of the Americas (Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XIII)*, parte V, p. 107, nota b (1927).

(3) J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 962, p. 14 e segs. (1937).

(4) O.M.O. Pinto, *Catal. Aves do Brasil*, 2.ª parte, p. 135, nota 1 (1944).

(5) Nils Gyldenstolpe, *Arkiv för Zoologi*, Ser. 2, vol. II, n.º 1, p. 248 (1951).



*cholicus*. A difícil questão permanece assim sob litígio, patenteando o pouco satisfatório das soluções propostas. A causa disso não há duvidar, está no propósito a que se têm atido os envolvidos no assunto de, a todo o transe, encaixar as populações amazônicas nas duas subespécies classicamente admitidas, a despeito de suas características próprias, tendentes umas a aproximá-las da raça baiana e outras da sul-brasileira. Consequentemente, temos que as ditas populações merecem ser consideradas subespécie particular, de características intermediárias entre *melancholicus* e *despotes*, aproximando-se mais das do primeiro no valor médio das medidas, e das do último na tonalidade mais clara da plumagem, garganta brancacenta (menos cinzenta), peito amarelado (menos cinzento-esverdeado). À subespécie amazônica, tipificada por um ♂ adulto de Manacapuru (N.º 16.839), proponho chamar-se *T. melancholicus zimmeri*, em reconhecimento pela contribuição inestimável trazida ao esclarecimento do assunto por Dr. J. T. Zimmer, o competente ornitologista do American Museum.

Em nossa tabela de medidas, organizada segundo o novo esquema, a área de *T. m. despotes* aparece reduzida ao nordeste brasileiro, inclusive o norte do Maranhão, e excluído o sul extremo da Baía.

## MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda.	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Tyrannus melancholicus zimmeri</i>						
16.841, São Gabriel (Rio Negro) . . . . .	115	97	21			
16.839, Manacapuru (Rio Solimões marg. sept.) . . . . .	115	98	22			
16.840, Manacapuru (Rio Solimões marg. sept.) . . . . .				108	81	22
19.794, Rio Anibá (Rio Amazonas, marg. sept.) . . . . .	117	94	23			
19.795, Rio Anibá (Rio Amazonas, marg. sept.) . . . . .	114	94	21			
23.102, Igarapé Boiuçu (Rio Amazonas, marg. sept.) . . . . .	114	96	21			
2.683, Alto Juruá . . . . .				115	91	22
23.103, Rio Eiru . . . . .	116	91	22			
35.764, Territ. do Acre . . . . .	114	94	22			
35.766, " " " . . . . .				109	90	22
35.765, " " " . . . . .				112	91	19
23.100, Santarem (Rio Tapajós) . . . . .	112	90	22			
32.713, Aramanaí (Rio Tapajós) . . . . .	112	99	22			
11.971, Utinga (prox. Belém, Pará) . . .	108	85	22			
11.975, Utinga (prox. Belém, Pará) . . .				100	93	20

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Tyrannus melancholicus despotus</i>						
6.820, Boa Vista (Maranhão) . . . . .	105	85	22			
18.195, Tapera (Pernambuco) . . . . .	103	85	23			
37.501, Quebrangulo (Alagoas) . . . . .	110	97	20			
37.503, Usina Sinimbu (Alagoas) . . . . .	110	—	22			
37.504, Usina Sinimbu (Alagoas) . . . . .				104	87	20
37.500, São Miguel (Alagoas) . . . . .				104	92	21
37.574, Palmeira dos Índios (Alagoas) . . . . .				105	92	20
7.537, Joazeiro (Baía) . . . . .				105	90	21
27.692, Ilha Madre-Deus (Baía) . . . . .	106	96	22			
14.198, " " " " . . . . .				103	89	21
27.695, " " " " . . . . .				104	86	21
33.540, Ilhéus " " " " . . . . .	106	92	21			
33.539, Ilhéus " " " " . . . . .				105	91	20
<i>Tyrannus melancholicus melancholicus</i>						
10.089, Belmonte (Baía) . . . . .	115	98	20			
14.197, Rio Gongogi (Baía) . . . . .	114	99	22			
34.567, Rio Itaunas (Esp. Santo) . . . . .	112	97	24			
28.536, Rio São José (Esp. Santo) . . . . .	112	98	21			
33.542, Pau Gigante (Esp. Santo) . . . . .	112	103	22			
24.624, Pau Gigante (Esp. Santo) . . . . .				110	98	22
6.161, Porto Cachoeiro (Esp. Santo) . . . . .	115	98	22			
28.538, Guarapari (Esp. Santo) . . . . .	114	99	22			
29.214, Rio Muriaé (Est. do Rio) . . . . .	111	100	22			
29.213, Rio Muriaé (Est. do Rio) . . . . .	115	101	20			
25.171, São José da Lagoa (Minas) . . . . .	112	99	21			
25.172, " " " " " " . . . . .	113	100	23			
25.170, " " " " " " . . . . .				108	92	20
25.169, " " " " " " . . . . .				110	92	20
1.471, Vargem Alegre (Minas) . . . . .	114	100	21			
29.674, Batatais (São Paulo) . . . . .	113	96	22			
29.610, Ubatuba (São Paulo) . . . . .	115	103	23			
29.611, Ubatuba (São Paulo) . . . . .				110	91	21
2.950, São Sebastião (São Paulo) . . . . .	115	97	23			
28.007, Rio Juquiá (São Paulo) . . . . .	115	95	20			
15.531, Cananéia (São Paulo) . . . . .	115	100	21			
31.579, Boracéia (São Paulo) . . . . .	115	95	24			
26.394, Lins (São Paulo) . . . . .	117	103	20			
23.826, Macaúbas (São Paulo) . . . . .	116	99	21			
29.455, Rio Paranapanema (São Paulo) . . . . .	119	103	23			
35.505, Rio das Antas (Sta. Catarina) . . . . .	120	100	22			
15.532, Inhumas (Goiás) . . . . .	115	95	22			
35.204, São Domingos (a oeste do rio Araguaia) . . . . .				112	89	23

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
17.201, Cuiabá (Mato Grosso) .....	111	98	21			
17.202, " " " .....	113	94	23			
17.203, Chapada " " .....				116	100	21
30.302, Corumbá .....	111	92	21			
30.303, " " " .....	116	99	21			
30.301, " " " .....				112	95	21
30.300, " " " .....				112	91	21
13.224, Tucuman (Rep. Argentina) ....	115	98	22			
3.887, La Plata " " ....	117	100	22			

### **Empidonomus varius rufinus** (Spix)

*Muscicapa rufina* Spix, 1825, Av. Bras., II, p. 22, tab. XXXI, figs. 1 e 2:  
"in provincia fl. Amazonum".

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., nov. 2 (1951).

### **Myiozetetes similis pallidiventris** Pinto

*Myiozetetes similis pallidiventris* Pinto, 1935, Rev. Mus. Paul., XIX, p. 212:  
Ilha da Madre-Deus (Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 1 ♀ ? ad., de set. 30 (1951).  
Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 31 (1952).

### **Pitangus sulphuratus maximiliani** (Cabanis & Heine)

*Saurophagus maximiliani* Cabanis & Heine, 1859, Mus. Hein., II, p. 63:  
"Brasilien" (= Baía, teste Hellmayr).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 21 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 21, nov. 10 e  
17 (1952).

### **Myiarchus tyrannulus bahiae** Berl. & Leverkühn

*Myiarchus bahiae* Berlepsch & Leverkühn, 1890, Ornis, VI, p. 17, no texto:  
Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

É este, ao que supomos, o primeiro registro de *Myiarchus tyrannulus* em toda a região nordestina compreendida entre Ceará e Baía.

### **Myiarchus ferox ferox** (Gmelin)

*Muscicapa ferox* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 934 (baseado principalmente em "Le Tyran de Cayenne", de Brisson): Caiena.

Canoas (Rio Largo): 3 ♂ ♂ ad., out. 12, 13 e 17; 1 ♀, out. 17  
(1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 25; 1 ♀ ad., de nov. 9 (1952).

### **Contopus cinereus pallescens** (Hellmayr)

*Myiochanes cinereus pallescens* Hellmayr, 1927, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., XIII, pte. V, p. 194: São Marcelo do Rio Preto (Baía).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ad., de nov. 9 e 12; 1 ♂ juv., de nov. 9 (1951).

### **Myiobius barbatus mastacalis** (Wied)

*Muscicapa mastacalis* Wied, 1821, Reise Brasilien, II, p. 151: Rio Catolé (afl. do Rio Pardo, sul do Est. da Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 28; 1 ♀ juv., de set. 26 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 5 (1952).

São referidas à presente subespécie as populações de *Myiobius barbatus* dispersas pelo Brasil central e este-meridional. Pelo material ao nosso dispôr, verificamos aparente tendência para a redução dos comprimentos de asa e cauda, em direção ao norte. A tabela de medidas abaixo, constituída exclusivamente de ♂ adultos, acusa um mínimo para os exemplares trazidos de Alagoas.

#### MEDIDAS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
26.759, Rio Claro (Goiás) .....	67	60	11
33.588, Ubatuba (São Paulo) .....	66	59	10
5.478, Ubatuba (São Paulo) .....	65	56	10
25.619, Rio Doce (Minas Gerais) .....	65	59	10
28.574, Santa Leopoldina (Espírito Santo) .....	66	58	10
28.573, Santa Leopoldina (Espírito Santo) .....	66	60	10
33.587, Ilhéus (Baía) .....	65	53	10
10.269, Ilhéus (Baía) .....	63	55	10
10.278, Itabuna (Baía) .....	64	55	10
7.541, Bonfim (Baía) .....	63	53	10
37.525, São Miguel (Alagoas) .....	60	52	11
37.527, Usina Sinimbu (Alagoas) .....	62	54	11

### **Myiophobus fasciatus flammiceps** (Temminck)

*Muscicapa flammiceps* Temminck, 1822, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 144, fig. 3: "Brésil" (Rio de Janeiro, escolhida como pátria típica por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad., de nov. 3 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 24 (1952).



**Platyrinchus mystaceus niveigularis** subsp. nov.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 27 (1951).

Rio Largo: 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeiras (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 21 e 22;  
1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

DIAGNOSE — Semelhante a *P. mystaceus mystaceus*, do Brasil este-meridional, mas diferindo dêle, à primeira vista, pela cor nívea da garganta, partes superiores mais escuras, mais oliváceas (menos amareladas), peito mais pardo-oliváceo e abdomen mais claro (menos ocráceo).

TIPO — N.º 36.502 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♂ adulto, da Fazenda Canoas, no vale do Rio Prata (município de Rio Largo, Estado de Alagoas), col. por O. Pinto em 15 de outubro de 1951.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Dorso bruno-oliváceo claro (“Light Brownish Olive” de Ridgway); pileo pardo-oliváceo escuro (“Brownish olive”), com o vértice ornado de grande nódoa amarelo-citrina, semi-oculta; loros branco-acamurçados, continuando-se para trás em estreito anel periorbital, e inferiormente tismados de pardo-escuro; lista superciliar mal distinta, branco-amarelada; região auricular branco-acamurçada no centro, e pardo-escuro, quase preta, na periferia; asas pardo-oliváceas, com a orla das penas mais azeitoadas; coberteiras superiores da mão pardo-escuro; rectrizes pardo-oliváceas; mento, garganta e lado inferior do pescoço brancos, sem mistura distinta de amarelo; peito pardo-arruivado; abdomen amarelado claro, com flamulações pardo-arruivadas nos flancos e no crisso; maxila pardo-escuro; mandíbula branca; tarsos amarelados. Medidas: asa 60, cauda 33, culmen 10 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — Os cinco exemplares de Alagoas (4 ♂ ♂ e 1 ♀, adultos) assemelham-se perfeitamente uns com os outros, destacando-se logo dos de qualquer outra procedência pelo branco-puro (em vez de branco-amarelado), da garganta, e mais caracteres indicados na diagnose. A diferença é tão visível que mal se compreende houvesse escapado aos observadores que tiveram sob os olhos exemplares da subespécie agora descrita. Não obstante, dúvida não temos de que a ela deve pertencer o material de *P. mystaceus* coligido nas proximidades de Recife (Dois Irmãos), Estado de Pernambuco, por H. Berla (op. cit., p. 21) e D. Lamm (op. cit., p. 276). Fato dos mais dignos de atenção é a extraordinária semelhança da subespécie nordestina com *P. mystaceus albigularis* Sclater, da vertente pacífica do Equador e da Colômbia. A cor escura da mandíbula torna todavia fácil o reconhecimento da última, acrescentando ainda a circunstância de ser a garganta de *niveigularis* de um branco muito

mais puro do que em *albigularis*. Do ponto de vista zoogeográfico, é mister acentuar ainda que a área de dispersão de *P. m. niveigularis* parece restringir-se às matas da faixa oriental marítima do nordeste brasileiro, pois exemplares do interior da Baía septentrional (Bonfim) e do Ceará (Serra de Baturité), provam pertencer à forma sulina, de garganta branco-amarela. No que respeita às medidas, mostra a tabela junta serem equivalentes nas três subespécies brasileiras.

MEDIDAS DE ♂ ♂ ADULTOS (em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Platyrrinchus mystaceus mystaceus</i>			
594, Nova Hamburgo (Rio Grande do Sul) . . . .	54	30	9
8.770, Castro (Paraná) . . . . .	58	31	9
31.409, Monte Alegre, pto. de Amparo (S. Paulo) . . . .	55	34	8½
5.580, Ubatuba (S. Paulo) . . . . .	53	27	9
31.207, S. Fr. Xavier (Serra da Mantiqueira, S.P.)	57	32	10
16.039, Maria da Fé (Minas Gerais) . . . . .	52½	31	9
33.604, Terezópolis (Est. do Rio de Janeiro) . . . . .	56	35	10
34.410, Itatiaia (Est. do Rio de Janeiro) . . . . .	54	33	8½
28.607, Santa Leopoldina (Espírito Santo) . . . . .	54½	29	10
28.605, Santa Leopoldina (Espírito Santo) . . . . .	56	32	9½
<i>Platyrrinchus mystaceus niveigularis</i>			
São Miguel (Alagoas) . . . . .	55	29	10
Rio Largo (Alagoas) . . . . .	60	33	10
Mangabeiras (Alagoas) . . . . .	58	31	10
Mangabeiras (Alagoas) . . . . .	54	28	10
<i>Platyrrinchus mystaceus bifasciatus</i>			
32.516, Rio das Mortes (Mato Grosso) . . . . .	60	32	10
17.186, Chapada (Mato Grosso) . . . . .	58	31	9

**Tolmomyias flaviventris flaviventris** (Wied)

*Muscipeta flaviventris* Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasil., III, p. 929: rio Mucuri e Alcobaça (extremo sul do Estado da Baía).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

**Rhynchocyclus olivaceus olivaceus** (Temminck)

*Platyrrhynchos olivaceus* Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 12, fig. 1: "Brésil" (Rio de Janeiro, pátria típica designada por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 adulto, de que se ignora sexo e dia de coleta.

O único exemplar encontrado dêste pássaro durante a excursão acha-se representado apenas pela respectiva cabeça, havendo o mais sido destruído pelo chumbo. Desconhecido atualmente no extremo nordeste, ocorre todavia em Pernambuco, havendo-o encontrado Berla em Recife (Dois Irmãos) e Igarauçu. Estritamente sil-

vestre, mostra-se relativamente comum nas porções ainda densamente florestadas do Brasil oriental, da Baía ao Espírito Santo e leste de Minas Gerais (Rio Doce).

### **Todirostrum cinereum cearae** Cory

*Todirostrum cinereum cearae* Cory, 1916, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 342: Serra de Baturité (Ceará).

Rio Largo: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 28 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ e 1 ♀ ?, de nov. 10 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

Aspectos bem interessantes assume a variação geográfica nas populações este-brasileiras de *Todirostrum cinereum*, seja por efeito de intergradação ou da flutuação. Na série de Alagoas, as partes superiores, conquanto predominantemente cor de cinza, apresentam sempre visível mistura de verde, coisa que quase não se verifica em nossos exemplares do Recôncavo da Baía e de leste de Pernambuco. Nos exemplares de Ilhéus, na costa meridional da Baía, a quantidade de verde é muito maior, fazendo transição com os do Rio de Janeiro (Distrito Federal), e São Paulo (Ipiranga), em que todo o dorso é verde, com mistura maior ou menor de cinza, tal como acontece nos de Mato Grosso, tipicamente pertencentes a *T. c. colorum*. Nos do Espírito Santo, a regra é ocuparem a mesma posição intermediária dos do litoral baiano; mas, como se aí as flutuações atingissem o seu máximo, num casal de Guarapari a diferença de colorido das costas é tão grande, que dir-se-ia pertencer um deles (♀) a *cinereum* e o outro (♂) a *cearae*. Tudo isso mostra a dificuldade que há em estabelecer, ao longo da faixa litorânea, linha divisória entre as duas subespécies em questão.

### **Idioptilon zosterops naumburgae** (Zimmer)

*Euscarthmornis zoesterops naumburgae* Zimmer, 1945, Proc. Biol. Soc. Wash., LVIII, p. 45: Palmares (Estado de Pernambuco, perto de Recife).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Esta subespécie de *Idioptilon zosterops* é mais uma reminiscência das estreitas relações existentes entre a fauna amazônica e do nordeste do Brasil ao tempo em que até êste se estendiam os

(1) *Idioptilon* Berlepsch, 1907 (*Ornis*, XIV, p. 356), tendo grande prioridade sobre *Euscarthmornis* Oberholser, 1923 (*Auk*, XL, p. 327), toma o lugar dêste último, uma vez provado (Zimmer, 1940, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 1066, p. 13) que *Idioptilon rothschildi* Berlepsch é mero sinônimo de *Euscarthmus zosterops* Pelzeln. Cf. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.* n.º 1605, p. 7 nota 2 (1953).

prolongamentos da hiléia. Depois de E. Kaempfer (1927), cujo material, oriundo das proximidades de Recife, permitiu a Zimmer descrevê-la, coube a H. Berla (1944) obter na mesma região novos exemplares dela, tomando-os embora como *I. zosterops griseipectus*, forma do alto Amazonas cuja extraordinária semelhança com a nordestina podemos apreciar, através de dois espécimes colecionados ultimamente no Território do Acre pelo Departamento de Zoologia <sup>(1)</sup>. Pouco posterior é a notícia que delas nos dá também D. W. Lamm (op. cit., p. 276), informando que o passarinho é comum nas matas de Pernambuco. Comparados com os de *griseipectus* os nossos exemplares de *I. z. naumburgae* se distinguem pelo verde mais claro do dorso, pelas penas do píleo mais distintamente escurecidas na porção central, pela grande mistura de verde no cinzento do peito, pela estriação mais forte da garganta e, finalmente, pela maior largura e colorido mais escuro do bico.

#### **Idioptilon margaritaceiventer wuchereri** (Sclater & Salvin)

*Euscarthmus wuchereri* Sclater & Salvin, 1873, Nomencl. Av. Neotrop., p. 158: Baía.

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

Disseminada do norte da Baía (Cidade da Barra, Joazeiro, Bonfim) ao do Maranhão (Grajaú, Miritiba, etc.), inclui-se a presente p. 405 (1954).

subespécie entre as formas mais caracteristicamente endêmicas do interior descampado e sêco de todo o nordeste brasileiro.

#### **Idioptilon mirandae** (Snethlage)

*Todirostrum mirandae* Snethlage, 1925, Journ. f. Ornithol., LXXIII, p. 266: Serra de Ibiapaba (Ceará).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 11 (1951). Medidas: asa 55, cauda 49, culmen 12 (mm.).

Abstraindo das medidas, sensivelmente superiores às obtidas por Hellmayr no tipo, e aparentemente único representante conhecido até aqui, de *Todirostrum mirandae* Snethlage, o exemplar agora em questão concorda muito exatamente com a descrição que da espécie nos deu aquele saudoso ornitologista <sup>(1)</sup>. O dorso, verde acinzentado claro, passa a verde-pardacento mais escuro no píleo; os lados da cabeça, a garganta e o peito são pardo-aleonados, passando a branco-amarelado no abdomen primárias pardo-escuras, com a orla verde-claro; terciárias, de igual côr, com a barba externa largamente branco-amarelada; coberteiras superiores escuras, orlas de verde; a maxila, escura, faz contraste com a mandíbula, in-

(1) Cf. Pinto & Camargo, *Papéis Avulsos do Dept. de Zoologia*, vol. XI,



teiramente clara. Pelo contrário, nenhuma semelhança tem o pássaro de Alagoas com *Todirostrum fulmifrons*, donde se conclui pela improcedência do que aventamos anos atrás <sup>(2)</sup>, com relação ao íntimo parentesco das duas espécies. Mais do que isso, enquanto o bico de *furmifrons* se enquadra exatamente nas características do gênero *Todirostrum*, o de *mirandae*, si a determinação do nosso exemplar está certa, como supomos, mostra feitio muito diferente, combinando antes com os das espécies referidas costumeiramente a *Euscarthmornis*.

### **Euscarthmus meloryphus meloryphus** Wied

*Euscarthmus meloryphus meloryphus* Wied, 1831, Beitr. Naturges. Bras., III, p. 947: confins dos Estados de Baía e Minas Gerais.  
Palmeiras dos Indios: 1 ♀ imat., de out. 31 (1951).

### **Elaenia flavogaster flavogaster** (Thunberg)

#### *Marid'-é-dia*

*Pipra flavogaster* Thunberg, 1822, Mém. Acad. Sci.: St. Petersb., VIII, p. 286: "Brésil" (= Rio de Janeiro, fide Lönnberg, 1903).

São Miguel: 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ imat., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Capítulo a esclarecer é o da distribuição das espécies do gênero *Elaenia* na região nosdestina. *E. flavogaster*, ao contrário do que sucede no litoral da Baía, onde é a espécie mais comum, nos lugares por nós visitados de Alagoas não era lá muito frequente. O mesmo parece acontecer em Pernambuco, visto que nem Lamm, nem Berla a ela fazem qualquer referência.

## Família HIRUNDINIDAE

### **Stelgidopteryx ruficollis ruficollis** (Vieillot)

*Hirundo ruficollis* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XIV, p. 523: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 21 (1951).

## Família CORVIDAE

### **Cyanocorax chrysops interpositus** subsp. nov.

#### *Cã-Cã*

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀, de nov. 8 (1952).

(1) *Catal. of Birds of the Americas* (Field Mus. Publ., Zool. Ser., XIII), pte. V, p. 305, nota b (1927).

(2) Pinto, *Arquivos de Zoologia do Est. de São Paulo*, I, p. 251-2 (1940).

DIAGNOSE — Semelhante a *C. c. cyanopogon* da Baía e do Brasil central, mas com o abdomen e as extremidades das rectrizes amarelo-creme (em vez de brancos), dorso, asas e rectrizes mais escuras.

TIPO — N.º 36.503 da Coleção ornitológica do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo: ♀ adulta, da Fazenda Mangabeiras (Usina Sinimbu), no Estado de Alagoas, colecionado por E. Dente, em 8 de novembro de 1952.

DESCRIÇÃO DO TIPO — Píleo preto, com as penas da frente e do vértice eriçadas à maneira de crista, passando bruscamente a branco na região occipital; nuca branca, tingindo-se levemente de anil em direção ao manto, cuja cor cinzento-fuliginosa escurece progressivamente, passando a preto-fuliginoso no dorso e nas supra-caudais; lados da cabeça pretos, com larga mancha retro-superciliar branco-anilada, outra, pequena, abaixo de cada olho, e mais outra, maior e tirante a violeta, junto à mandíbula; asas escuras, quase pretas, com tênue lustro violáceo nas rêmiges; mento e alto do peito denegridos; porção baixa do peito e abdomen amarelo-creme, passando a mais claro nos flancos e no crisso; rectrizes pretas, com as porções terminais cor clara de creme, como o abdomen; coberteiras inferiores das asas entre creme e branco, passando a escuro fuliginosas junto à borda da asa; bico escuro, quase preto; tarsos e pés da mesma cor. Medidas: asa 145, cauda 164, culmen 26 (milímetros).

OBSERVAÇÕES — O exemplar de Alagoas, infelizmente único dessa procedência, apresenta caracteres de plumagem rigorosamente intermediários aos das aves do sul do Brasil e as da Baía e Brasil central. Forçoso é portanto concluir ser êle amostra de subespécie particular, estabelecendo conexão entre *C. chrysops* e *C. cyanopogon* da corrente literatura, e, *ipso facto*, reduzindo estas últimas a igual categoria. Em sua qualidade de forma intermédia, a subespécie alagoana acha-se muito mais próxima de *cyanopogon*, possuindo como esta dorso cinzento-fuliginoso, rêmiges e rectrizes pretas (em vez de azuis-violáceas), a porção alta do manto branco-acinzentada (em vez de branco-anilada) etc.; mas, por outro lado, aproxima-se de *chrysops* na cor decididamente amarelada (em vez de branca) do abdomen e das pontas das rectrizes. No confronto de *cyanopogon* com *interpositus*, às diferenças já apontadas entre ambas, provavelmente deverá acrescentar-se, para a última, a menor extensão e quantidade de branco na porção alta do manto. Achar-se a subespécie nordestina representada por um só exemplar, nada seguro é possível concluir no que se refere às medidas. Não obstante, poderá a tabela que adiante apresentamos servir de elemento subsidiário para estudos posteriores.

Em face da forma agora descrita, a coespecificidade entre *chrysops* e *cyanopogon* ter-se-ia decerto imposto a Hellmayr <sup>(1)</sup> quando, aflorando o problema, teve entretanto como óbvia a diferença específica de ambas.

## MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Cyanocorax chrysops chrysops</i>						
9.073, Nova Wurttemberg (Rio Grande do Sul) .....	154	167	30			
4.052, Itararé (São Paulo) .....				160	173	30
<i>C. chrysops interpositus</i>						
36.503, Usina Sinimbu (Alagoas) .....				145	164	26
<i>C. chrysops cyanopogon</i>						
15.176, Jaraguá (Goiás) .....	150	170	25			
15.177, Jaraguá (Goiás) .....				149	174	15
8.484, Rio S. Francisco (Minas Gerais)				140	150	24
32.555, Rio das Mortes (Mato Grosso) .				146	164	25

## Familia TROGLODYTIDAE

**Thryothorus longirostris bahiae** (Hellmayr)*Rouxinol*

*Thryophilus longirostris bahiae* Hellmayr, 1903, Journ. für Ornithol., p. 535 — nome novo para *Thryophilus longirostris striolatus* Hellm., 1901 (não Spix, 1824), Verh. Zool. Bot. Gesellsch. Wien, LI, p. 776: Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 4; 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 1 (1951).

**Thryothorus genibarbis genibarbis** Swainson

*Thryothorus genibarbis* Swainson, 1937, Anim. in Menager., p. 322: "Brazil" (= Baía, pátria típica design. por Hellmayr, 1905, in Nov. Zool., XII, p. 271).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3; 1 ♀ ad., de nov. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de nov. 10 e 1 ♀ ad., de out. 26 (1952).

**Troglodytes musculus musculus** Naumann*Cariça*

*Troglodytes musculus* Naumann, 1823, Naturges. Vög. Deutschl., III, prancha em face da p. 724: Baía.

Quebrangulo: 1 ♂ ad., de nov. 7 (1951).

(1) *Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser.*, XII, p. 271 (1929).

## Família MIMIDAE

**Mimus saturninus arenaceus** Chapman*Calhandra*

*Mimus arenaceus* Chapman, 1890, Auk. VII, p. 135: Baía.

Palmeira dos Índios: 1 ♀ ad. e 1 ♀ ?, de out. 29 (1951). Medidas, em milímetros: asa 112 e 116; cauda 137 e 144; culmen 24 e 24.

Os dois exemplares de Palmeira dos Índios concordam em tudo com os colecionados por nós, há anos, no Recôncavo da Baía de Todos os Santos (Curupeba, Ilha da Madre de Deus, etc.). O comprimento do bico, em que reside a principal característica da subespécie, alcança em ambos 24 mm., que é o máximo registrado para ela por Hellmayr, ao confrontá-la com *M. saturninus frater*, raça largamente espalhada pelo Brasil meridional e central, e cujo bico raramente alcança 20 milímetros. D. Lamm <sup>(1)</sup>, sem aduzir comentário, alistou como *M. saturninus frater*, os indivíduos por êle observados, com grande frequência, no interior sêco de Pernambuco. Embora saibamos que a raça sulina estende o seu domínio geográfico até o interior do Estado do Maranhão, não seria fora de propósito um novo exame do material em que apoiara aquele autor a sua opinião, pois é pouco provável que a região de Palmeira dos Índios difira ecológicamente do sertão de Pernambuco.

**Donacobius atricapillus atricapillus** (Linné)*Maria-chorona* (nome loc.)

*Turdus atricapillus* Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 295 (baseado em Brisson, VI, Append., p. 47, pl. 3, fig. 2): Cabo da Boa Esperança, local. errônea! (pátria típica Brasil, ou mais restritivamente o Nordeste, por ato de Berlepsch & Hartert, 1902, suplement. por Pinto, 1944).

Rio Largo: 1 ♀ ad., de out. 17 (1951).

Sinimbu: 1 ♂ ad., de nov. 1; 2 ♀ ♀ ad., de out. 28 e nov. 1 (1952).

## Família TURDIDAE

**Turdus leucomelas albiventer** Spix*Sabiá branco*

*Turdus albiventer* Spix, 1824, Av. Bras. Sp. Nov., I, p. 70, pl. 69, fig. 2 (cf. Hellmayr, 1906, Abhandl. 2. Kl. Bayr. Akad. Wissens. XXII, n.º 3, p. 618): Pará.

(1) Donald W. Lamm, *Birds of Pernambuco and Paraíba*, Auk, LXV, p. 277 (1948).



Quebrangulo: 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ? de out. 24; 2 ♀ ♀ ad., de out. 23 e nov. 8 (1952).

**Turdus rufiventris juensis** (Cory)

*Sabiá-gongá*

*Planesticus rufiventris juensis* Cory, Field Mus. Nat. Hist., Orn. Ser., I, p. 344: Juá (Ceará, perto de Igatu).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 17 e 18; 2 ♀ ♀ ad., de out. 29 e 31 (1952).

Família SYLVIIDAE

**Polioptila plumbea atricapilla** (Swainson)

*Culicivora atricapilla* Swainson, 1823, Zool. Illustr., II, p. 57: sem indic. de localidade (Baía, pátria típica sugerida por Pinto, 1944).

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

**Ramphocaenus melanurus melanurus** Vieillot

*Ramphocaenus melanurus* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XXIX, p. 6: "Brésil" (= Rio de Janeiro, *vide* Hellmayr, 1924).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 26 (1951).

Família MOTACILLIDAE

**Anthus lutescens lutescens** Pucheran

*Anthus lutescens* Pucheran, 1855, Arch. Mus. Hist. Nat. Paris, VII, p. 343: "Brésil" (= Rio de Janeiro, col. Delalande, *teste* Hellmayr, 1906).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., 1 ♀ ? de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

É, neste lote, extremamente variável a intensidade do amarelo das partes inferiores; em alguns exemplares a cor das ditas partes se aproxima do amarelo sulfúreo, enquanto que n'outros se apresenta muito mais desmaiada. Na ♀ da Usina Sinimbu, particularmente, apenas na garganta se percebe distintamente o banho amarelado.

Família CYCLARHIDAE

**Cyclarhis gujanensis cearensis** Baird

*Pitiguari*

*Cyclarhis cearensis* Baird, 1866, Rev. Amer. Birds, I, p. 391: Ceará.

Riachão (Quebrangulo): 2 ♀ ♀ ad., de 10 e 12 de nov. (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de 4 de nov. (1952).

Família VIREONIDAE

**Vireo virescens chivi** (Vieillot)

*Sylvia chivi* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 174 (baseado em Azara, n.º 152): Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀, adultos, de 12 de out. (1951).

Família COEREBIDAE

**Cyanerpes cyaneus cyaneus** (Linné)

*Certhia cyanea* Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 188 (baseado principalmente em Edwards, Glean. Nat. Hist., II, p. 114, pl. 264, "The Black and Blue Creeper"): Surinam (pátria típica fixada por Hellmayr, 1906, Novit. Zool., p. 9).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 17 (1951).

**Dacnis cayana paraguayensis** Chubb

*Dacnis cayana paraguayensis* Chubb, 1910, The Ibis, Ser. 9, IV, p. 619: Paraguai. (= Sapucaí, local. típ. restr. por Hellmayr, 1921, Novit. Zool., XXVIII, p. 247, nota 5).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de out. 2; 1 ♀ ad., de set. 28 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12; 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23; 1 ♂ juv., de nov. 14 (1952).

Nas populações brasileiras de *Dacnis cayana*, quer quanto à natureza e sentido da variação, quer quanto à distribuição, observa-se estreito paralelismo com o que acontece em *Nemosia pileata* e outras.

**Coereba flaveola chloropyga** (Cabanis)

*Certhiola chloropyga* Cabanis, 1851, Mus. Hein., I, p. 97: Baía.

Palmeira dos Índios: 2 ♂ ♂ ad., de out. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 21 (1952).

**Conirostrum speciosum speciosum** (Temminck)

*Sylvia speciosa* Temminck (ex Wied MS.), 1824, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 293, fig. 2: Rio de Janeiro.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de nov. 1 (1951).

É muda a literatura ornitológica quanto à ocorrência desta espécie nos Estados compreendidos entre Ceará e Baía. Ao inverso de *C. bicolor*, já várias vezes notificado na costa de Pernambuco, é passarinho afeiçoado às regiões secas e pouco florestadas do interior.

## Família PARULIDAE

**Basileuterus flaveolus** (Baird)

*Myiothlypis flaveolus* Baird, 1865, Rev. Amer. Birds, I, p. 252, *in nota margin.*: Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ?, de out. 13 (1951).

Palmeira dos Indios: 2 ♂ ♂ ad., de nov. 2 e 4 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 (1952).

Relatando nosso encontro com este passarinho no leste de Pernambuco <sup>(1)</sup>, consignamos alguns apontamentos ecológicos que é excusado repetir. Na peculiaridade e constância do habitat está decerto a chave da fixidez de suas características específicas, as quais se mantêm constantes, a despeito da amplitude da distribuição e do grande hiato geográfico existente entre certas populações.

## Família THRAUPIDAE

**Tanagra chlorotica serrirostris** (Lafresnaye & d'Orbigny)*Vi-vi*

*Euphonia serrirostris* Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, Cl. 2, p. 30: Guarayos (Bolivia, prov. de Santa Cruz).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 12 (1951).

As medidas, exatamente iguais, de ambos os exemplares (asa 58, cauda 35, bico 8 mm.), correspondem à média verificada nas populações leste-brasileiras desta espécie. O material que dela possuímos é exclusivamente brasileiro e além de tudo bastante deficiente; razão a mais para que não nos aventuremos a discutir-lhe agora o árduo problema das variações geográficas, aliás magistralmente já estudado por Hellmayr, há mais de trinta anos <sup>(2)</sup>.

(1) Pinto, *Arquiv. de Zool. do Est. de S. Paulo*, I, p. 270 (1940).

(2) C.E. Hellmayr, *Novitates Zoologicae*, XXX, p. 232 (1923).

**Tanagra violacea aurantiicollis** (Bertoni)

*Euphonia aurantiicollis* Bertoni, 1901, Anal. Cient. Parag., I, p. 94: Puerto Bertoni (Paraguai, no Rio Paraná).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 9 e 12; 1 ♀, de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 20; 3 ♀ ♀ ad., de out. 20, 20 e 21 (1952).

No que respeita à variação, dá-se em *Tanagra violacea* fato muito semelhante ao estudado mais adiante em *Nemosia pileata* e outras aves brasileiras. À medida que se segue para o sul observa-se um aumento gradual nas medidas médias da asa e da cauda, conforme se poderá ver na tabela junta. A dificuldade, para não dizer prática impossibilidade, em separar raças geográficas neste complexo é a mesma que existe em todos os *clines*, mórmente quando em causa parece entrar apenas um único carater utilizavel. Portanto, devemos ter como provisória a maneira de compreender as relações zoogeográficas das duas subespécies admitidas em *Tanagra violacea*, devendo o hiato verificado entre as populações amazônicas e as restantes traduzir, antes de tudo, a falta de material referente às que lhes ficam de permeio.

## MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Tanagra violacea violacea</i>						
22.950, Lago Cuipeva (baixo Amazonas)	56	32	8			
17.810, Rio Anibá (baixo Amazonas) ..				58	32	8½
35.965, Santarem (Rio Tapajós) .....	57	32	8			
32.771, Macapá .....	56	31	8			
<i>Tanagra violacea aurantiicollis</i>						
37.608, Rio Largo (Alagoas) .....	59	32	9			
37.613, Mangabeiras " .....	60	35	9			
37.612, " " .....	58	34	9			
37.609, Quebrangulo " .....				59	33	9
37.615, Mangabeiras " .....				59	34	9
37.614, " " .....				60	35	9
14.371, Ilha da Bimbarra (Baía) .....	61	38	9			
33.775, Ilhéus (Baía) .....	60	31	8			
33.780, Ilhéus (Baía) .....				58	38	9
10.319, Belmonte (Baía) .....				58	37	9
28.387, Rio São José (Esp. Santo) ....	60	36	9			
33.777, Pau Gigante " " ....	63	35	9			



	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
24.657, " " " " ....	62	31	9			
33.778, " " " " ....				60	37	9
28.390, Santa Leopoldina " " ....				60	35	9
26.142, Rio Piracicaba (Minas Gerais) .	61	35	8			
26.143, Rio Doce (Minas Gerais) .....				62	36	9
15.260, Rio das Almas (Goiás) .....	60	36	8			
15.250, Jaraguá (Goiás) .....	59	34	9			
15.251, Rio das Almas (Goiás) .....				59	40	8
24.313, Rio Juquá (São Paulo) .....	66	36	9			
27.645, Rio Paraná (São Paulo) .....	65	40	9			
10.633, Ipiranga (São Paulo, cid.) .....	61	37	8			
129, Penha (São Paulo, cid.) .....				62	40	8
27.005, Caraguatatuba (São Paulo) . . .				60	35	9
8.668, Santos (São Paulo) .....				63	38	9
36.091, Joinville (Sta. Catarina) .....	65	38	9			
612, Nova Hamburgo (R. G. Sul) . .	64	38	8			

### **Tangara cyanocephala corallina** (Berlepsch)

*Calospiza cyanocephala corallina* Berlepsch, 1903, Orn. Monatsber, XI, p. 18: Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de 8 de nov. (1951).

O material de *Tangara cyanocephala* que temos à disposição cobre toda a área conhecida da espécie, com exceção apenas de sua porção mais meridional, abrangida pelos três Estados ao sul de São Paulo. Andam as populações dessa área repartidas em três subespécies, de características nitidamente intergradantes apesar da acentuada diferença existente entre os ♂ ♂ adultos das formas extremas, a saber, *T. cyanocephala cyanocephala* (do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo), de mento denegrido, garganta cor de anil e supracaudais verdes, e *T. cyanocephala cearensis* (Pernambuco ao Ceará), de garganta quase toda denegrida como o mento, e coberteiras superiores da cauda mais ou menos cor de anil. *T. cyanocephala corallina*, cuja pátria típica é a Baía, conquanto divirja aparentemente das duas anteriores na maior exiguidade das dimensões, ocupa posição intermédia, apresentando cópia variável de preto no alto da garganta e mistura distinta de anil nas supracaudais. É pelo menos o que podemos concluir do ♂ de Alagoas, origem destes comentários e tido por nós como da forma baiana, de que nos faltam infelizmente exemplares mais autênticos.

## MEDIDAS ( ♂ ♂ adultos, em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Tangara cyanocephala cyanocephala</i>			
23.977, Rio Juquiá (São Paulo) .....	68	48	9
27.015, Serra de Caraguatatuba (São Paulo) .....	69	52	9
27.426, Angra dos Reis (Rio de Janeiro) .....	70	51	9
28.368, Santa Leopoldina (Espírito Santo) .....	67	46	9
<i>Tangara cyanocephala corallina</i>			
37.617, Quebrangulo, (Alagoas) .....	63	43	9
<i>Tangara cyanocephala cearensis</i>			
33.794, Serra de Baturité (Ceará) .....	66	45	9
33.793, Serra de Baturité (Ceará) .....	63	45	9

**Tangara cayana flava** (Gmelin)

*Tanagra flava* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 896 (baseado em "Guira-perea" de Marcgrave, através de Brisson, Orn., III, p. 39): nordeste do Brasil (Ceará pátria típica restr. por Hellmayr, 1929).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 30 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 3 ♂ ♂ ad., de nov. 8, 8 e 9; 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 28 e 30, e nov. 8 (1952).

**Thraupis sayaca sayaca** (Linné)*Sanhaço*

*Tanagra sayaca* Linné, 1766, Syst. Nat., I, p. 316 (baseada em "Sayacu" de Marcgrave): "Brasilia" (Pernambuco, pátria típica design. por Naumburg, 1924, Auk, XLI, p. 111).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de out. 29 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂, de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂, de out. 20; 1 ♀ ad., e 1 ♀ imat. de out. 20 (1952).

**Thraupis palmarum palmarum** (Wied)

*Tanagra palmarum* Wied, 1821, Reis. nach Brasilien, II, p. 76: Canavieiras (sul da Baía).

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 28; 1 ♀ ad., de set. 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 20 e 28 (1952).

**Ramphocelus bresilius bresilius** (Linné)*Sangue de boi*

*Tanagra bresilia* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., I, p. 314 (baseado essencialmente em "Tijepiranga" de Marcgrave): "India occidentali & orientali", local. errônea, por Nordeste do Brasil (pátria típica Pernambuco, design. por Pinto, 1935) (1).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., e um ♂ juv., de out. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 21 e nov. 5; 1 ♂ juv., de out. 20 (1952).

**Piranga flava saira** (Spix)

*Tanagra saira* Spix, 1825, Av. Sp. Nov. Bras., II, p. 35, pl. XLVIII, fig. 1: sem indicação de localidade (Caxias, no Piauí, pátria típica design. por Hellmayr, 1929).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de 12 de nov. (1951).

Parece não haver nenhum registro anterior da ocorrência deste lindo passarinho, típico das zonas descobertas do planalto central brasileiro, nos Estados do nordeste compreendidos entre a Baía e o Piauí.

**Habia rubica bahiae** Hellmayr

*Habia rubica bahiae* Hellmayr, 1936, Field Mus. Nat. Hist., Zool. Ser., vol. XIII, part. XI, p. 300: Baía.

São Miguel: 1 "♂" juv., e 1 ♀ ad., de set. 27 (1951).

É de lamentar que o material de Alagoas se mostre inadequado à justa apreciação dos caracteres da raça baiana, a que deve seguramente pertencer. O exemplar de 27 de setembro, rotulado como ♂ pelo colecionador, parece-nos antes do sexo feminino, pois em sua plumagem, inteiramente pardo-aleonada, o único indício de pertencente aos ♂ ♂ adultos acha-se nas penas centrais do píleo, as quais possuem a porção basal desbotada e mais ou menos tingida de amarelo claro.

As diferenças de colorido entre *H. rubica bahiae* e *H. rubica rubica*, corretamente analisadas por Hellmayr (2), são muito evidentes quando se confrontam ♂ ♂ adultos de São Paulo com os da Baía; nas populações intermédias, porém, a transição entre o colorido vermelho sombrio das partes inferiores dos primeiros e a tonalidade esbranquiçada do abdome dos últimos, opera-se de maneira tão gradual e insensível que se torna frequentemente muito

(1) *Rev. Mus. Paulista*, XIX, p. 264 (1935).

(2) *Catal. of Birds of the Americas*, IX, p. 301, nota 2 (1936).

incerta a determinação dos exemplares de Minas Gerais (vale do Rio Doce) e Espírito Santo. Particularmente, em se tratando das populações mais septentrionais do último Estado, é matéria de opinião referi-las subespecificamente a *rubica* ou a *bahiae*.

MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Habia rubica rubica</i>						
31.046, Ipiranga (São Paulo) .....	94	87	15			
31.047, " " " .....	97	90	16			
31.050, " " " .....				90	83	16
31.522, Serra do Mar, Boracéia (São Paulo) .....	99	93	16			
31.731, Boracéia .....	96	94	14			
29.636, Ubatuba (São Paulo) .....	94	92	16			
35.418, Itatiaia (Rio de Janeiro) .....	94	86	16			
36.186, Itatiaia (Rio de Janeiro) .....				87	85	16
28.361, Rio S. José (Espírito Santo) ...				89	81	15
28.356, Santa Leopoldina (Esp. Santo) .	100	93	18			
34.586, Rio Itaunas (Espírito Santo) ..	103	95	17			
26.614, Rio Suçuí (Minas Gerais) .....	98	90	18			
<i>Habia rubica bahiae</i>						
11.347, Rio Jucuruçu (Baía) .....	100	92	16			
33.825, Ilhéus (Baía) .....	95	90	18			
33.826, Ilhéus (Baía) .....				90	80	15
37.646, juv., São Miguel (Alagoas) ....	95	87	19			
37.647, São Miguel (Alagoas) .....				90	82	19

**Tachyphonus rufus rufus** (Boddaert)

*Tangara rufa* Boddaert, 1783, Tabl. Pl. Enlum., p. 44 (baseado no "Tangarou", de Buffon): Cayenne.

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 13 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 11 e 1 ♀ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 23 e 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

Excetuando-se a Amazônia ocidental e o extremo sul do Brasil, encontra-se este gurundi espalhado por todo o país, havendo notável constância em seus caracteres específicos. A julgar pelo material disponível, apenas os três exemplares de Bonfim, no interior da Baía, apresentam diferenças capazes de distingui-los, no conjunto, das demais populações. Reputamos por isso boa a subespécie que sob o nome de *T. r. subulirostris* (tipo ♂ ad., de Bon-



fim, n.º 7572 da Col. orn. do Dept. de Zool.), e com base principal na conformação alongada e maior comprimento (20 a 21 mm.) do bico, para eles criamos há cousa de dois decênios <sup>(1)</sup>. Nos espécimes de Alagoas o comprimento do bico acompanha a regra, oscilando entre 18 e 19 milímetros. Alguns espécimes da região central de Mato Grosso destacam-se pelas medidas sensivelmente maiores de asa e cauda, sugerindo a possibilidade de virem a merecer, no futuro, separação como forma particular.

### **Tachyphonus cristatus brunneus** (Spix)

*Tanagra brunnea* Spix, 1825, Av. Sp. Nov. Bras., II, p. 37, Tab. XLIII, fig. 2: Rio de Janeiro.

São Miguel: 1 ♂ ad., de set. 29; 1 ♀ ad., de out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15; 1 ♂ juv. e 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 8 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 22 e 28; 2 ♂ ♂ juv., de out. 26 e 31; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

### **Nemosia pileata caerulea** (Wied)

*Hylophilus caeruleus* Wied, 1831, Beitr. Naturges. Brasilien, III, (2), p. 731 (descrição da fêmea): Baía.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ e 1 ♀, ad., de 12 de nov. (1951).

O maior tamanho das aves do Paraguai, em comparação com as das Guianas, constitui, como se sabe, a única diferença constante entre *Nemosia pileata paraguayensis* Chubb <sup>(2)</sup> e a forma típica da espécie. À vista porém da marcha gradual a que obedece a variação do referido caráter, nasce o difícil problema da colocação que melhor convém às populações brasileiras interpostas às daquelas zonas extremas. Abordando-o anos atrás, pareceu-nos, como a Hellmayr <sup>(3)</sup>, que à forma septentrional deveriam referir-se todas as populações do norte do Brasil, inclusive as da Baía; hoje, dispondo de maior material relativo ao assunto, estamos disposto a concordar com Zimmer <sup>(4)</sup> quando refere à subespécie paraguaiese todas as populações brasileiras, com exceção das da Amazônia. Tal modo de sêr, como ao mesmo ornitologista coube advertir, redundava em fazer de *N. pileata paraguayensis* simples sinônimo de *Hylophilus caeruleus* Wied, cujo tipo procede da região costeira da Baía.

(1) Pinto, *Rev. do Mus. Paulista*, XIX, p. 268 (1935).

(2) *Nemosia pileata paraguayensis* Chubb, 1910, *Ibis*, Ser. 9.ª, IV, p. 629: Sapucay (Paraguai).

(3) C. E. Hellmayr, *Catal. Bds. Amers.*, parte IX, pp. 368-70 (1936).

(4) J. T. Zimmer, *Amer. Mus. Novit.*, n.º 1345, pp. 5-6 (1947).

A tabela de medidas que adiante apresentamos, embora deficiente, pois lhe faltam exemplares dos Estados nordestinos ao norte de Pernambuco, diz melhor do que o faria a discussão prolixa do interessante problema de zoogeografia.

## MEDIDAS (em milímetros)

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
<i>Nemosia pileata pileata</i>						
31.437, Manacapuru (Rio Solimões, marg. sept.)	67	45	12			
19.510, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.)	65	45	10			
19.224, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.)	69	45	12			
19.509, Itacoatiara (Rio Amazonas, marg. sept.)				65	45	11
19.511, Rio Eiru (afl. do alto Juruá)	67	45	11			
3.372, Santarem (boca do Tapajós)	69½	46	11½			
<i>Nemosia pileata caerulea</i>						
18.605, Tapera (Pernambuco)	68	48½	11			
18.607, Ilha de Itamaracá (Pern.)	68	45	11			
18.606, Ilha de Itamaracá (Pern.)				70	47	12
37.665, Quebrangulo (Alagoas)	70	48	11			
37.666, Quebrangulo (Alagoas)				69	50	12
7.514, Joazeiro (Baía)	74	47	12			
7.513, " "	73	52	13			
7.512, " "				71½	50	12
14.366, Madre de Deus (Baía)				67	49	11½
27.726, " "	68	46	11			
14.364, " " " "				69	42½	12
14.370, " " " "				69	49	11½
6.231, Rio Doce (Espírito Santo)	73	48	12½			
6.233, " " " "	75½	52	12½			
26.349, " " " "	76	52	12			
6.696, " " " "				75	51	13
24.668, " " " "				73	50	13
11.932, São Luiz de Cáceres (M. Grosso)	73	49½	11			
30.779, Cuiabá	72	49	12			
30.781, Rio Aricá	78	52	12			
17.379, Chapada				71	45	13
17.377, Coxim	77	51	11½			
30.777, Corumbá	72	50	12			
30.780, Corumbá	73	51	13			
26.351, Salobra	75	50½	10			

	♂ ♂			♀ ♀		
	asa	cauda	culmen	asa	cauda	culmen
26.774, Salobra " "	74	51	13			
33.837, Pouso Alto (Goiás) .....	74	50	14			
26.348, São José da Lagoa (M. Gerais)	72	45½	11			
4.882, Itapura (São Paulo) .....	74	52	12			
4.885, Itapura (São Paulo) .....				75	51	12
8.057, Franca (São Paulo) .....				72	51	12½

### **Hemithraupis flavicollis melanoxantha** (Lichtenstein)

*Sylvia melanoxantha* Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 34: Baía.

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ e 1 ♀ ad., respectivamente de 5 e 6 de nov. (1952).

As medidas do ♂ (asa 71, cauda 55,5, culmen 13 mm.) correspondem às correntemente assinadas à subespécie.

### **Thlypopsis sordida sordida** (Lafresnaye & d'Orbigny)

*Nemosia sordida* Lafresnaye & d'Orbigny, 1837, Syn. Av., em Magaz. Zool., VII, cl. 2, p. 28: Yuracares (leste da Bolívia).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ juv., de out. 30 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

### **Compsothraupis loricata** (Lichtenstein)

*Tanagra loricata* Lichtenstein, 1819, Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, Physik. Kl., ano 1816-1817 (baseado no "Jacapu", de Marcgrave): nordeste do Brasil (Ceará, pátria típica, por design. de Hellmayr, 1929).

Palmeiras dos Índios: 1 ♂ ad., e 2 ♂ ♂ juv., de nov. 2; 1 ♀ juv., de nov. 2 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 " ♂ ♂ " juv., de out. 23 (1952).

Espécie peculiar ao interior sêco e descampado do este-sententrião brasileiro, inclusive Goiás e norte de Minas. É nova, todavia, ao que parece, para os Estados compreendidos entre Ceará e Baía, este último sua pátria típica. Os dois exemplares da Usina Sinimbu, conquanto rotulados como ♂ ♂, têm a plumagem azul-negra lustrosa, sem o mínimo indício do escudo peitoral sanguíneo que caracteriza os adultos do referido sexo. Dir-se-ia tratar-se de ♀ ♀ adultas, pois nos jovens do sexo oposto, mesmo antes de haver a plumagem adquirido o brilho metálico dos adultos, é regra encontrarem-se já vestígios de vermelho no alto do peito.

**Schistochlamys ruficapillus capistratus** (Wied)

*Tanagra capistrata* Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 179: Fazenda da Ilha, nos confins da Baía e Minas Gerais).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ ad., de out. 25, nov. 9 e 15; 2 ♀ ♀ ad., de out. 25 e 26; 1 ♀ ? juv., de nov. 8 (1952).

Forbes, nos fins do século passado, registrou a presença deste pássaro em mais de uma localidade de Pernambuco por êle visitada; mas, tal como conosco sucedeu nas duas visitas feitas àquele Estado, nem Lamm, nem Berla tiveram ocasião de encontrá-lo ali.

## Família ICTERIDAE

**Cacicus cela cela** (Linné)*Xexéu*

*Parus cela* Linné, 1758, Syst. Nat., I, p. 191: "in Indiis", local. errônea! (= Surinam, pátria típica designada por Hellmayr, 1906).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 14 (1951).

**Cacicus haemorrhous affinis** Swainson

*Cassicus affinis* Swainson, 1834, Orn. Draw., pte. 1, pl. 2: "Brazil" (pátria típica, Baía, design. por Pinto, 1944).

São Miguel: 1 ♂ ad., de out. 3 (1951).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 12 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 6 e 19; 2 ♀ ♀ ad., de nov. 6 e 19 (1952).

Falta notícia de que o guache ocorra ainda nos Estados nordestinos ao norte de Alagoas. Em Pernambuco, ninguém parece tê-lo registrado depois de Forbes, de quem Sclater, no Catálogo das Aves do Museu Britânico, refere dois exemplares.

**Molothrus bonariensis bonariensis** (Gmelin)

*Tanagra bonariensis* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 898 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 270): Buenos Aires.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 10 (1951).

**Molothrus badius fringillarius** (Spix)

*Icterus fringillarius* Spix, 1824, Av. Sp. Nov. Bras., I, p. 68, tab. XLV: campos de Minas Gerais.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 e 1 ♀ juv. de nov. 7 (1951).



Nenhum dos Estados entre Baía e Ceará incluía até aqui esta espécie em sua avifauna conhecida. Hellmayr, baseando-se na circunstância de não a terem encontrado no Estado de Minas Gerais todos os viajantes que nele reuniram material ornitológico depois de Spix, deu como errônea a procedência atribuída por este último aos seus exemplares. Já tivemos ocasião de demonstrar a sem-razão dessa corrigenda à luz de vários espécimes obtidos em Pirapora (Rio São Francisco, Estado de Minas Gerais) por E. Garbe, em agosto de 1913 <sup>(1)</sup>.

**Icterus cayanensis tibialis** Swainson

*Xexéu de bananeira*

*Icterus tibialis* Swainson, 1837, Anim. in Menager., p. 302: "Brazil" (como pátria típica, proponho Pernambuco).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ juv., de out. 27 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 7 e 1 ♂ juv., de nov. 9 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♀ ♀ ad., de out. 20 e 27 (1952).

**Icterus jamacaii** (Gmelin)

*Coneriz, Sofrê*

*Oriolus jamacaii* Gmelin, 1788, Syst. Nat., I, p. 391 (baseado em "Jamacaii" de Marcgrave, através de Brisson).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ imat., de nov. 4; 1 ♀ juv. de out. 29 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♀ ad., de out. 21 (1952).

**Agelaius ruficapillus frontalis** Vieillot

*Agelaius frontalis* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 545: Caiena.

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 3; 1 ♂ juv. de out. 28; 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., e 2 ♂ ♂ imat., de nov. 10; 3 ♀ ♀ ad., de nov. 10, 10 e 15 (1952).

Subespécie encontrada, aqui e ali, na parte oriental de quase toda América do Sul, desde as Guianas até o sul do Brasil (Estado de São Paulo); mais para oeste substitui-a *A. ruficapillus ruficapillus* Vieillot, cuja primeira descrição deve-se a Azara e tem por localidade típica o Paraguai.

<sup>(1)</sup> Cf. Pinto, *Catal. das Aves do Brasil*, 2.<sup>a</sup> parte, p. 565, nota 1 (1944). Sobre a estada de Garbe na região, veja-se a notícia que dela demos em *Arquivos de Zoologia*, vol. IV, p. 283 (1944).

**Gnorimopsar chopi chopi** (Vieillot)

*Agelaius chopi* Vieillot, 1819, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., nouv. éd., XXXIV, p. 537 (com base em "Chopi", de Azara n.º 62): Paraguai.

Riachão (Quebrangulo): 1 ♀ ad., de nov. 9 (1951).

Muito para lamentar é que nas duas explorações levadas a cabo em Alagoas só se houvesse conseguido um exemplar desta espécie, e ainda assim uma ♀ em fase de muda. As medidas que acusa (asa 90 milímetros, cauda 98, culmen 23), mesmo levando em conta o sexo do exemplar, são das mais exíguas.

**Leistes militaris superciliaris** (Bonaparte)*Feitor*

*Trupialis superciliaris* Bonaparte (*ex* Natterer MS.), 1850, Consp. Gen. Av., I, (2), p. 430: "México", local. errônea, que Berlepsch (Novit. Zool., 1908, p. 123) subst. por "Mato Grosso" (*ex* Natterer).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 9 (1951).

## Família FRINGILLIDAE

**Saltator maximus maximus** (P. L. S. Müller)

*Tanagra maxima* P.L.S. Müller, 1776, Natursyst., Supplem., p. 159 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 205): Cayena.

São Miguel: 2 ♂ ♂ de set. 28 e out. 1 (1951).

Canoas (Rio Largo): 3 ♀ ♀ de out. 12, 13 e 13 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 3 ♂ ♂ de out. 20, 26 e 31; 1 ♀ ad., de nov. 8; 3 "♀ ♀ ?", de out. 20, 23 e 28 (1952).

**Caryothraustes canadensis frontalis** (Hellmayr)

*Pitylus canadensis frontalis* Hellmayr, 1905, Novitates Zoologicae, XII, p. 277: São Lourenço, Pernambuco (A. Robert col., jul. 29, de 1903).

São Miguel: 1 ♂ e 1 ♀ ad., de set. 26; 1 ♀ de out. 4 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 2 ♂ ♂ ad., de out. 26; 1 ♀ ad., de out. 30; 1 ♀ imat., de out. 26 (1952).

Vai para cinquenta anos que Hellmayr <sup>(1)</sup>, examinando exemplares de Pernambuco, verificou diferenças bastante sensíveis e constantes para lhes valer lugar aparte, como boa subespécie. A faixa frontal preta, carater predominante, acha-se presente em todos os indivíduos obtidos em Alagoas, e só por si torna muito mais fácil o reconhecimento das aves nordestinas entre as do Brasil meridional, inclusive o Estado da Baía, pátria típica de *C. c. brasiliensis*

(1) Novit. Zoologicae, XII, p. 277.

Cabanis. Nas aves adultas chama também a atenção a viva tonalidade amarela de quase todo o píleo e o amarelo brilhante das partes inferiores, onde só se vê mistura apreciável de oliváceo nos flancos e no crisso.

**Paroaria dominicana** (Linné)

*Galo-de-campina*

*Loxia dominicana* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., I, p. 172: "in Brasilia" (pátria restrita, Recôncavo da Baía, suger. por Pinto, 1944, in Catal. Av. do Bras., II, p. 602).

São Miguel: 1 ♀ ad., de set. 30 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♀ juv. de nov. 2 (1951).

Riachão (Quebrangulo): 2 ♂ ♂ ad., de nov. 7 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ imat., de out. 24 (1952).

**Cyanocompsa cyanea cyanea** (Linné)

*Azulão*

*Loxia cyanea* Linné, 1758, Syst. Nat., 10.<sup>a</sup> ed., I, p. 174 (bas. em Edwards "The Blue Grosbeak"): "Angola", local. errônea, subst. pela Baía, (design. de Todd, 1923, in Auk, XL, p. 65).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ e 1 ♀ ad., de out. 13 (1951).

**Sporophila albogularis** (Spix)

*Loxia albogularis* Spix, 1825 Av. Spec. Nov. Bras., II, p. 46, figs. 1 e 2: nenhuma indicação de localidade (a Baía foi designada como pátria típica por Hellmayr, 1906).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ ad., de nov. 4 (1951).

**Sporophila leucoptera cinereola** (Temminck)

*Papa-capim*

*Pyrrhula cinereola* Temminck, 1820, Nouv. Réc. Pl. Color., pl. 11, fig. 1: "Brésil" (pátria típica, Baía, design. por Hellmayr, 1929).

Rio Largo: 2 ♂ ♂ ad., de out. 13 e 15; 1 "♂ juv.", de out. 10 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 20; 1 ♀ ad., de out. 22 (1952).

Bem tênues são as diferenças existentes entre a subespécie nordestina e a forma típica de *Sporophila leucoptera*, que sabemos ser peculiar ao Brasil meridional, e nada se pode acrescentar ao que foi dito por Hellmayr (1), com a sua habitual agudeza de observação. Convém todavia acentuar que, com a nossa tabela também

o atesta, só encarando as populações extremas se nota apreciável variação nas medidas de asa e cauda. Por outro lado, a faixa uropigial branca, cuja ausência constante é talvez a característica mais valiosa na diagnose de *S. leucoptera cinereola*, só nas populações mais meridionais e ocidentais da espécie se mostra bem patente.

MEDIDAS ( ♂ ♂ adultos em milímetros)

	asa	cauda	culmen
<i>Sporophila leucoptera leucoptera</i>			
12.588, Aquidauna (Mato Grosso) .....	64	58	10½
30.422, Cuiabá (Mato Grosso) .....	60	55	10
35.420, Rio Preto (São Paulo) .....	62½	56	11
<i>Sporophila leucoptera cinereola</i>			
27.056, Lagoa Feia (Rio de Janeiro) .....	62	58	10
24.680, Pau Gigante (Espírito Santo) .....	58	52	10
33.891, Ilhéus (Baía) .....	55	48	10
Rio Largo (Alagoas) .....	61	54	11
Mangabeiras (Alagoas) .....	61	54	11½
18.616, Itamaracá (Pernambuco) .....	59½	53	10½

***Sporophila nigricollis nigricollis* (Vieillot)**

*Pyrrhula nigricollis* Vieillot, 1823, Tabl. Enc. Méth. Ornith., livr. 93, p. 1027: "Brésil" (procedência mais provavel Rio de Janeiro, que sugerimos como pátria típica).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 12 (1951).

Mangabeira (Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 27 (1952).

***Sporophila bouvreuil bouvreuil* (P. L. S. Müller)**

*Caboclinho*

*Loxia bouvreuil* P.L.S. Müller, 1776, Natursyst. Supplem., p. 154 (bas. em Daubenton, Pl. enlum. 204, fig. 1, = ♂): Ilha Bourbon, local. errônea! (Baía, design. por Hellmayr, 1904, como pátria típica).

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12 (1951).

Palmeira dos Índios: 1 ♂ imat., de out. 31 (1951).

***Oryzoborus angolensis angolensis* (Linné)**

*Curió*

*Loxia angolensis* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., I, p. 303 (bas. em *Coccothraustes niger* de Edwards): Angola, local. errônea! (pátria típica Ceará, design. por Berlepsch, 1908, Novit. Zool., p. 119).

São Miguel: 2 ♂ ♂ ad., de set. 26 e 30 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 24 (1952).

(1) *Field Mus. Nat. Hist. Publ., Zool. Ser., XII, pp. 294-6 (1929).*



**Volatinia jacarina jacarina** (Linné)*Tisiu*

*Tanagra jacarina* Linné, 1766, Syst. Nat., 12.<sup>a</sup> ed., I, p. 314 (bas. princip. em "Jacarini" de Marcgrave) : nordeste do Brasil.

Palmeira dos Indios: 1 ♀ ad., de nov. 1 (1951).

**Spinus yarrellii** (Audubon)*Pintassilgo*

*Carduelis yarrellii* Audubon, 1839, Syn. Bds. North Amer., p. 117, em parte (♂) : California, local. errônea (pátria típica, suger. por J. C. Todd, 1926).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 10 (1951).

**Sicalis flaveola brasiliensis** (Gmelin)*Canário-da-terra*

*Emberiza brasiliensis* Gmelin, 1789, Syst. Nat., I, p. 872 (base principal "Guiranheemgatu" de Marcgrave) : nordeste do Brasil.

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 12; 1 ♀ ad., de out. 11 (1951).

**Coryphospingus pileatus pileatus** (Wied)*Cravina*

*Fringilla pileata* Wied, 1821, Reise nach Brasilien, II, p. 160: Barra da Vereda (Rio Pardo, Estado da Baía, proxim. da fronteira de Minas Gerais).

Riachão (Quebrangulo): 1 ♂ ad., de nov. 13 (1951).

Como foi observado com justesa por W. Lamm, que o encontrou com frequência em Pernambuco, a "cravina" é passarinho de sertão, vale dizer das zonas descampadas do interior do Brasil centro-oriental (desde o Maranhão até Minas e sul de Goiás).

**Arremon taciturnus taciturnus** (Hermann)

*Tanagra taciturna* Hermann, 1783, Tabl. Affin. Anim., p. 214, nota (bas. em Daubenton, Pl. Enlum. 742) : Cayenne

Canoas (Rio Largo): 1 ♂ ad., de out. 15 (1951).

Mangabeira (Usina Sinimbu): 1 ♂ ad., de out. 26; 1 ♀ ad., de nov. 6 (1952).

**Myospiza humeralis humeralis** (Bosc)

*Tanagra humeralis* Bosc, 1792, Journ. d'Hist. Natur., II, p. 179, pl. 34, fig. 4: Caiena.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ ad., de out. 31; 1 ♀ ad., de out. 27 (1951).

**Zonotrichia capensis matutina** (Lichtenstein)

*Fringilla matutina* Lichtenstein, 1823, Verz. Dubl. Berl. Mus., p. 25: Baía.

Palmeira dos Indios: 1 ♂ juv. de nov. 2; 1 ♀ ad., de nov. 4 (1951).

**Emberizoides herbicola herbicola** (Vieillot)

*Sylvia herbicola* Vieillot, 1817, Nouv. Dict. d'Hist. Nat., XI, p. 192 (bas. em Azara n.º 230, "Cola aguda encuentro amarillo"): Paraguai.

Canoas (Rio Largo): 2 ♂ ad., de out. 13 (1951).

## A B S T R A C T

## SYNOPSIS OF NEW SUBSPECIES DESCRIBED

**Xenops minutus alagoanus**

DIAGNOSE — Very similar to *X. m. genibarbis*, from the District of Para, but having the size somewhat lesser (wing 52-62 mm., instead of 60-67 mm.); the crown less blackish (more rufous-brown); top of the head without any stripes.

TYPE — N.º 36.414 from the Ornithological Collection of the Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, São Paulo: adult ♂, from Fazenda Canoas, at Rio Prata valley (Estado de Alagoas, município de Rio Largo), collected by O. Pinto (E. Dente prep.), October 16, 1951.

**Sclerurus caudacutus caligineus**

DIAGNOSE — Somewhat similar to *S. c. umbretta*, from Baía and Espírito Santo, but general coloration very much darker, olivaceous-sooty (instead of rufous-brown) rectrices blacker, without brownish tinge; throat less whitish.

TYPE — N.º 36.415: ♂, supposed adult, from Mangabeiras (Engenho Sinimbu), collected by E. Dente, November 17, 1952.

**Thamnophilus aethiops distans**

DIAGNOSIS — Like *T. a. incertus* from the right margin of the lower Amazon, but adult males with general coloration more deeper and white spots on upper wing coverts.

TYPE — N.º 36.416: adult ♂, from São Miguel dos Campos (Estado de Alagoas — Sul de Maceió) collected by O. Pinto, September 27, 1951.

**Conopophaga melanops nigrifrons**

DIAGNOSIS — Males differing from *C. m. perspicillata*, from Baia, by the decidedly plumbeous color of back; black frontal bar broader; white of throat continued posteriorly over the abdomen consequently grayish color of the flanks more restricted. Females with upper parts paler, more olivaceous (less ochraceous), tinged of grayish on the pileum; under parts likewise clearer, with the chin and middle of abdomen white.

TYPE — N.º 36.417: adult ♂ from Mangabeiras, Usina Sinimbu (sudeste do Estado de Alagoas), collected by E. Dente, November 7, 1952.

**Schiffornis turdinus intermedius**

DIAGNOSE — Similar to *S. t. turdinus*, from Baia and Espirito Santo, but immediately recognized by clearer general coloration; wings throat and chest more olivaceous (less rufescent.).

TYPE — N.º 36.589: adult ♂ from the Municipio de São Miguel dos Campos forest, eastern Estado de Alagoas, collected by E. Dente, October 15, 1951.

**Platyrinchus mystaceus niveigularis**

DIAGNOSIS — Differs at first sight from *P. m. mystaceus* in pure white throat; darker and more olivaceous (less yellowish) upper parts; more brownish-olive breast and clearer (less ochraceous) abdomen.

TYPE — N.º 36.502: adult ♂ from Fazenda Canoas, Rio Pratagi valley, (Municipio de Rio Largo — Estado de Alagoas), collected by O. M. de O. Pinto, October 15, 1951.

**Cyanocorax chrysops interpositus**

DIAGNOSIS — Similar to *C. c. cyanopogon* from Baia and Brazilian tableland, but having the abdomen and the tips of rectrices cream-yellowish (instead of white), the back, the wings and the tail darker.

TYPE — N.º 36.503: adult ♀, from Fazenda Mangabeira (Usina Sinimbu) Estado de Alagoas, collected by E. Dente, November 8, 1952.

